

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE

LUIZA HARGER BARBOSA

Escrita e Ato: As cartas de suicídio enquanto um testemunho da juventude

São Paulo

2023

LUIZA HARGER BARBOSA

Escrita e Ato: As cartas de suicídio enquanto um testemunho da juventude

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito para a defesa de pesquisa de mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Linha de pesquisa: Investigações em Psicanálise.

Orientador: Professor Doutor Ivan Ramos Estevão.

São Paulo

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Harger Barbosa, Luiza

Escrita e Ato: As cartas de suicídio enquanto um testemunho da juventude /
Luiza Harger Barbosa; orientador Ivan Ramos Estevão. -- São Paulo, 2023.
147 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Psicanálise. 2. Juventude. 3. Cartas. 4. Alteridade. 5. Suicídio. I. Ramos
Estevão, Ivan, orient. II. Título.

Nome: Luiza Harger Barbosa

Título: Escrita e Ato: As cartas de suicídio enquanto um testemunho da juventude

. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Ao programa de pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia de São Paulo.

À CAPS pela bolsa que proporcionou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu orientador Professor Doutor Ivan Ramos Estevão que desde o início sustentou a proposta deste trabalho, apostando em seu percurso oferecendo caminhos certos para seu desenvolvimento.

Aos colegas de orientação Adriana, Augusto, Bruno, Camila, Carolina, Christopher, Elaine, Enzo, Estanislau, Fabiana, Fábio, Guilherme, Jaquelyne, Luiz e Rodrigo por suas leituras cuidadosas e atenciosas, pelos diálogos sem os quais este trabalho não seria possível.

Aos professores Doutores Marcos Brunhari e Mônica Macedo pela leitura deste trabalho na etapa de qualificação, pelos apontamentos que me guiaram na construção deste percurso.

Ao Tribunal de Justiça de São Paulo e à equipe de Seção de Preservação Ambiental por tornar possível o acesso às cartas que compõem este trabalho.

À minha mãe, Dona Miriam, por seu esforço sobrenatural em fornecer suporte e segurança. Por se fazer presente em cada passo de minha jornada mesmo à quilômetros de distância.

Ao meu pai, Seu Geraldo, que me ensinou desde sempre a ser curiosa, a querer conhecer o mundo, as pessoas e os livros.

À minha irmã mais velha, Camila, por ser minha cúmplice na vida e desde o meu primeiro dia, minha melhor amiga.

Às minhas queridas sobrinhas Nicole e Anna pelo sorriso e presença que deixam qualquer dificuldade muito mais leve.

Ao meu companheiro Felipe, pela paciência e parceria ao longo de todo esse percurso.

À minha vózinha, Maria Aparecida, pelas visitas em meus sonhos durante todos estes dois anos, que me acalentou nos momentos mais angustiantes do encontro com o tema da morte (in memoriam).

Às minhas parceiras de vida Ana Clara, Ana Cláudia, Ariel, Bruna, Erika, Gabriela, Isadora e Suani, por fazer da minha juventude uma memória divertida de visitar ao longo da construção deste trabalho.

Aos meus amados amigos Caio e Vanessa por me ajudar a organizar o caos que uma pesquisa provoca.

À minha querida amiga Luísa pelas trocas e pela sua sensibilidade que me inspira.

Aos meus caros colegas e companheiros de jornada do Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo Amanda, Ana Catarina, Bruna, Cláudia, Denise, Flávio, Ivanox, Jonathan, Luciana Manuella, Melissa, Naiara, Patrícia, Thaís e Vinícius por me ensinarem todos os dias sobre a

sensibilidade e a delicadeza do encontro com alguém nos endereça suas palavras.

E por fim, aos meus três companheirinhos felinos, Lia, Lula e Elton que estiveram presentes me fazendo companhia na escrita de cada letra que compõe este trabalho.

*Já lhe dei meu corpo, minha alegria
Já estanquei meu sangue quando fervia
Olha a voz que me resta
Olha a veia que salta
Olha a gota que falta
Pro desfecho da festa
Por favor
Deixe em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água*

Chico Buarque

HB, Luiza. Escrita e Ato: As cartas de suicídio enquanto um testemunho da juventude [dissertação]. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2023.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral Acessar cartas de suicídio escritas por jovens enquanto espaço possível de testemunho da juventude, propondo possibilidades de contribuição que a teoria psicanalítica oferece frente a relação que esses adolescentes estabelecem com o Outro destinatário. Enfatiza-se o compromisso ético desta pesquisa que, para além de cumprir com orientações legais, também se ampara nos registros que estes transmitiram: o registro de suas palavras no papel, e o registro do ato no corpo - a partir do acesso à cartas de suicídio deixada por jovens que anteciparam seu encontro com a morte. Propomos um percurso que toma a palavra dos suicidas como método de investigação, baseado na clínica do escrito proposta de Allouch. Logo, no que diz respeito aos procedimentos, foram recuperadas cartas e bilhetes deixados por adolescentes que cometeram suicídio, a partir da solicitação de acesso a Inquéritos Concluídos no Tribunal de Justiça de São Paulo. (1984). Durante nosso percurso de investigação, apoiamos no referencial teórico psicanalítico, a partir do qual realizamos uma investigação acerca dos três principais conceitos que fundamentam essa pesquisa: escrita, adolescência e suicídio. Como resultados encontramos sete cartas, escritas entre os anos de 1913 e 2011 por jovens que à época tinham entre 18 e 24 anos. A partir da aproximação e do conteúdo presente nas cartas, propomos três eixos de leitura para a apreciação do material: A dimensão da Culpa; A dimensão Ideal e A dimensão da Falta. Com estes três operadores foi-nos possível acompanhar os modos como Outro é operado e produz efeitos na dimensão subjetiva e conseqüentemente formas de enlaçamento que se atualizam no percorrer do tempo.

palavras-chave

Psicanálise; Alteridade; Juventude; Cartas; Suicídio;

Abstract

The objective of this work is to access suicide letters written by young people as a possible space for the testimony of youth, proposing possibilities of contribution that psychoanalytic theory offers in the face of the relationship that these adolescents establish with the Alterity. The ethical commitment of this research is emphasized, which, in addition to complying with legal guidelines, is also supported by the records that they transmitted: the record of their words on paper, and the record of the act on the body. We propose a route that takes the words of suicides as an investigation method, based on the writing clinic proposed by Allouch. Therefore, with regard to the procedures, letters and notes left by adolescents who committed suicide were retrieved, based on the request for access to Completed Inquiries at the Court of Justice of São Paulo. (1984). During our research journey, we supported the psychoanalytic theoretical framework, from which we carried out an investigation about the three main concepts that underlie this research: writing, adolescence and suicide. As a result, we found seven letters, written between the years 1913 and 2011 by young people who at the time were between 18 and 24 years old. From the approximation and content present in the letters, we propose three reading axes for the appreciation of the material: The dimension of Guilt; The Ideal dimension and The Lack dimension. With these three operators, it was possible for us to follow the ways in which the Other is operated and produces effects in the subjective dimension and, consequently, forms of linking that are updated over time.

Key words

Psychoanalysis; Alterity; Youth; Letters; Suicide;

SUMÁRIO

1. ÀQUELES QUE SE INTERESSAREM POR ESTES ESCRITOS,	12
1.1 APRESENTAÇÃO	16
1.2 OBJETIVOS	19
1.2.1 Objetivo geral	19
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 JUSTIFICATIVA	19
1.4 A PALAVRA DOS SUICÍDAS COMO MÉTODO	23
1.4.1 O inquérito policial: do testemunho de um crime ao testemunho de uma vida	25
1.4.1.1 Do testemunho de um crime: a verdade	25
1.4.3.2 Ao testemunho de uma vida: o saber	27
1.4.2 Proposta de uma metodologia psicanalítica de escrita com o texto	34
1.4.3 Apreciação dos aspectos éticos	42
1.4.4 Procedimentos	43
1.4.5 Tratamento do material coletado	22
2. O QUE HÁ DE NOVO NA PUBERDADE?	47
2.1 A ADOLESCÊNCIA E SUAS SAÍDAS	56
3. A PSICANÁLISE FACE AO ENIGMA DO SUICÍDIO	63
3.1 MELANCOLIA: A DOR DO IRREPRESENTÁVEL	66
3.2 PULSÃO DE MORTE E SUA INTIMIDADE COM EROS: A AMBIVALÊNCIA PULSIONAL	72
3.2.1 Dualismo e defusão pulsional	75

3.3 SUICÍDIO ENQUANTO ATO: A SAÍDA DE CENA, A APARIÇÃO AO MUNDO.....	79
4. O ENCONTRO COM AS CARTAS	90
4.1 BASTAVA-ME SABER QUE ERA AMADO	92
4.1.1 A palavra de Severino	93
4.1.2 Notas sobre o testemunho de Severino	95
4.2 MANDA UMA COROA AO TEU NAMORADO	96
4.2.1 A palavra de Marcos	96
4.2.2 Notas sobre o testemunho de Marcos	98
4.3 EU SOU MUITO CRIANÇA QUERIA SER O HOMEM MAIS FELIZ!	99
4.3.1 A palavra de João	100
4.3.2 Notas sobre o testemunho de João	100
4.4 MEU NOME É FERNANDA	101
4.4.1 A palavra de Fernanda	101
4.4.2 Notas sobre o testemunho de Fernanda	102
4.5 NÃO SE PREOCUPE	102
4.5.1 A palavra de Rogério	103
4.5.2 Notas sobre o testemunho de Rogério	103
4.6 NÃO TINHA QUE SER ASSIM MAS NÃO AGUENTAVA	104
4.6.1 A palavra de Jeferson	104
4.6.2 Notas sobre o testemunho de Jeferson	105
4.7 DEATH AS A SOLUTION	106
4.7.1 A palavra de Samuel	106
4.7.2 Notas sobre o testemunho de Samuel	109
5. POST SCRIPTUM: UMA PROPOSTA DE RELEITURA DAS CARTAS	110

5.1 A DIMENSÃO DA CULPA	112
5.2 A DIMENSÃO IDEAL	120
5.3 A DIMENSÃO DA FALTA	129
6. AS ÚLTIMAS PALAVRAS	136
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
8. ANEXOS	
8.1 ANEXO I	
8.2 ANEXO II	

1. ÀQUELES QUE SE INTERESSAREM POR ESTES ESCRITOS,

Este texto, assim como qualquer outro, tem um endereçamento singular. Ele diz da minha trajetória frente a um enigma que se fez para mim, logo em minhas primeiras experiências de escuta, na residência multiprofissional em saúde. Nos corredores do Pronto Socorro, leitos de enfermaria cirúrgica, psiquiátrica e UTI's de um hospital geral, onde me deparei com corpos jovens mutilados, rasgados, costurados e remendados, e muitas vezes silenciados, ainda que gritassem. Portanto, este texto foi escrito para aqueles que, por diversas razões, podem se interessar por um trajeto de pesquisa que busque um olhar para estes corpos.

Antes de irmos “ao que interessa”, comecemos pelas devidas apresentações, e para isso, nada melhor do que dizer um pouco do meu percurso até chegar até aqui.

Lembro-me do meu primeiro dia de residência em 2018 - dias após minha colação de grau da graduação em psicologia - a minha R2 (residente que entrou um ano antes de mim) foi incumbida de me recepcionar e apresentar ao serviço, levou-me diretamente para o Pronto Socorro para que eu acompanhasse seus atendimentos e começasse a entender “como as coisas funcionavam ali”.

Fomos até a sala de emergência: uma sala relativamente pequena com 05 leitos próximos uns aos outros, pacientes considerados instáveis clinicamente, conectados por muitos “fios” à monitores e bombas de medicação; o portão por onde entravam as viaturas do SAMU ainda estava aberto, novos pacientes chegando, um fluxo intenso de profissionais revezando-se entre os leitos para monitorar cada vida que poderia estar por um triz.

No último leito, havia uma mulher de meia idade, era a única que ainda não havia um tubo de oxigênio instalado em sua garganta, porém, mal conseguia abrir os olhos quando eu e minha colega a chamávamos pelo nome - efeitos da ingestão de uma grande quantidade de

veneno de ratos. TS¹ por intoxicação exógena, dizia o prontuário. A equipe em nossa volta já nos pediu licença, enquanto médicos, enfermeiros e técnicos puxavam o carrinho de emergência e preparavam os materiais para intubação. Já aproximava-se o horário de visitas dos familiares, que como de costume por ali, iria atrasar devido às intercorrências.

Na recepção encontramos um senhor, fazia muitas perguntas ao segurança que mal tinha informações para dar-lhe a respeito de sua esposa, a mesma mulher que tentávamos contato alguns minutos antes. Nos apresentamos à ele e, rapidamente, ele começou a nos contar sobre a vida em família e sobre sua esposa, dizia-nos que ela sempre foi uma mulher muito trabalhadora, cuidadosa com a casa e os filhos. Tentava vasculhar em sua memória situações onde poderia ter percebido que ela não estava bem, algum sinal de que acusasse que para ela a vida já estava penosa demais. Talvez ela estivesse muito sobrecarregada? Será que poderia ter sido algo que eu fiz, ou deixei de fazer? O marido se interrogava...

Entre uma busca por encontrar uma resposta, e por justificar a nós sua possível “negligência” diante o sofrimento de uma pessoa amada, ele se debatia face ao enigma imposto no encontro com o corpo desacordado de sua mulher no chão do banheiro da casa, segurando uma embalagem de veneno de ratos.

Lembro-me do impacto que este primeiro atendimento me causou, as perguntas daquele senhor ecoavam em mim: o que leva alguém ao extremo limite da dor, onde a única saída possível para a vida é justamente a morte? Ainda muito inexperiente, em um momento inicial da minha clínica, levei comigo essa questão.

Ao longo dos meses no hospital, escutando sujeitos nas situações mais limites entre a vida e a morte, aqueles que haviam intencionalmente atentado contra si despertavam-me especial interesse. Sobretudo, passou a chamar-me a atenção outra singularidade importante

¹ TS: Abreviação para “Tentativa de Suicídio” normalmente utilizada em prontuários médicos.

desses casos, em sua maioria, pelo menos no que pude observar naquele momento, tratavam-se de pessoas extremamente jovens.

Garotas de idade entre 13 e 14 anos exibiam seus braços tracejados, entre algumas marcas leves, as novas cicatrizes tendiam a ficar cada vez mais profundas. Entre as linhas feitas por giletes, outras por dispositivos médicos no corpo que buscavam conter os efeitos do ato.

Em minhas tentativas de fazer circular a palavra, que só encontrara saída no ato, alguns desses jovens se paralisavam frente ao convite de falar de si. Diziam que eu jamais os entenderia, pois ninguém nunca conseguiu. Entre grandes pausas de silêncio, acusavam-me de fazer perguntas tolas. Já outras, decoravam os meus horários, e me aguardavam na porta do leito para me recepcionar e com elogios às minhas roupas, diziam que um dia queriam ser psicólogas “para ajudar as pessoas, igual a você”. Alguns me examinavam cuidadosamente, buscavam as palavras certas para dizer exatamente o que supunham ser o que eu queria ouvir: juravam arrependimento, prometiam nunca mais repetir o ato caso eu as ajudasse a ter alta.

Por outro lado, haviam aqueles que simplesmente não sabiam como contar o que acontecera. Carregavam inumeráveis dispositivos médicos ao longo do corpo, “gaiolas” ortopédicas para unificar o corpo fragmentado. Não conseguiam lembrar o evento do ato, assustavam-se perante si mesmo, ao depararem-se com o descontrole de suas ações.

Seja por suas palavras, ou até mesmo atuações, deixavam escapar sempre restos de suas histórias. Muito raramente afirmavam o desejo de morrer, de fato. Diziam da vontade de sumir, de simplesmente desaparecer, colocar um fim em tudo que lhes afligia, fazer tudo parar.

A partir destes encontros, passei a tecer as questões que hoje apresento a vocês com este trabalho.

Seguindo a aposta de que justamente, são esses jovens - os quais no momento de maior embaraço encontraram, na morte, uma saída - que podem dizer algo de suas experiências, propus-me a dedicar o meu mestrado às suas palavras. Por isso, encontrei nas cartas de despedida - o momento último onde ainda é possível se fazer remetente - um caminho de escuta, o qual guiará as elaborações desse atual percurso de pesquisa.

Ao propor este tema busco um olhar sobre a vida. A morte nos é inapreensível enquanto experiência. As vivências de perdas de pessoas queridas, sonhos, conquistas materiais podem nos dar a sensação de aproximação com a morte, mas apenas poderemos conhecê-la no momento de nossa partida.

A carta de alguém que decidiu antecipar seu encontro com a morte é necessariamente escrita por alguém que ainda vive, que sente e que sofre. Ao registrar sua experiência por escrito, o sujeito pode nos dar a possibilidade de testemunhar sua vida, buscar explicar suas decisões, pode tentar nos confortar ou provocar. Apenas os seres vivos são capazes de fazê-lo! Desta forma, a vida e a morte se entrelaçam. A morte como nossa única certeza e a vida como possibilidade de lhe dar um sentido. Interesse-me pelos percursos e percalços de quem pulsa, pois somente quem está vivo é capaz de decidir algo sobre os seus caminhos e até mesmo o fim de sua trajetória.

Com isso, faço meu convite à você que me lê. Compartilho o percurso das minhas investigações e elaborações que me foram possível estabelecer até este momento.

Com carinho,

Luiza

1.2 APRESENTAÇÃO

Este trabalho busca investigar o suicídio dos jovens, a partir de cartas e bilhetes de despedida, escritos da morte. Enfatiza-se o compromisso ético desta pesquisa que,

respeitosamente, busca um olhar para a experiência daqueles que nos deixaram, amparando-se nos registros que estes transmitiram: o registro de suas palavras no papel, e o registro do ato no corpo.

Com isso evitamos recair em duas concepções as quais consideramos prejudiciais para este estudo: 1) a especialização científica demasiado estreita e acanhada, desconectada de um contexto; 2) esquemas demasiadamente genéricos, formalistas e fixos; incapazes de apanhar a unidade entre universalidade, particularidade e singularidade constitutivas dos sujeitos.

No que diz respeito à metodologia, serão recuperadas cartas e bilhetes deixados por adolescentes que cometeram suicídio, a partir da solicitação de acesso a Inquéritos Concluídos no Tribunal de Justiça de São Paulo. Propomos neste trabalho um caminho para elaboração dos conteúdos presentes nas escritas dos adolescentes a partir da *clínica do escrito* proposta de Allouch (1984). Ao concordar com a proposição lacaniana, “Inconsciente está estruturado como linguagem”, é possível estabelecer um paralelo entre a escuta clínica na psicanálise com a *leitura*, uma vez que o inconsciente revela sua estrutura a partir de uma organização de textual (ALLOUCH, 1984).

Allouch (1984) identifica três operações de leitura distintas: transcrição, tradução e transliteração. O autor destaca a proximidade da transliteração com a interpretação psicanalítica, distanciando do processo de transcrição - que se guia pela tentativa de captura de algo que está fora do campo da linguagem, como o som; e de tradução - que visa a transposição, de um sentido inequívoco, de uma língua para outra. Por sua vez, a transliteração aproxima-se do trabalho analítico ao não propor a estabilização de um sentido, mas, acompanhar a textualidade que se tece por meio da palavra, fazendo possível provocar um deslocamento no discurso, passando então *a outra coisa*.

Durante nosso percurso de investigação, apoiamos no referencial teórico psicanalítico, a partir do qual realizamos uma investigação acerca dos três principais conceitos que

fundamentam essa pesquisa: escrita, juventude e suicídio.

Nos tópicos metodológicos “O inquérito policial: do testemunho de um crime ao testemunho de uma vida” e “Da clínica ao texto: a escuta como leitura” aproximamos a consideramos que através do trabalho de escrita das cartas, o remetente compartilha um testemunho que deixa rastros de sua história, afetos e conflitos. Com Lacan (1953/1998b) destacamos que é por meio do endereçamento ao Outro que o significante produz um sujeito.

Buscamos evitar um caminho que proponha um fechamento conclusivo que nos indique um sentido inequívoco da motivação final que levou cada jovem à cometer o suicídio. Por outro lado, o psicanalista, ao acompanhar a textualidade de um escrito, pode se deparar com aquilo que vai escapando dessa totalidade imaginária. Em uma leitura que confie no texto, deixe-se guiar pelas lacunas, ambiguidades e contradições é que podemos situar um caminho para acompanhar o percurso do sujeito (LACAN, 1953/1998b).

No segundo capítulo de revisão, “O que há de novo na puberdade?”, buscamos a partir do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de Freud (1905) situar o período da adolescência enquanto um tempo lógico do desenvolvimento psicosssexual, buscando questionar como o suicídio pode apresentar-se enquanto resposta dos jovens face o surgimento do real pulsional. Freud (1905/2017) então recupera o que acredita ser os principais desafios deste período de desenvolvimento psicosssexual: a tarefa de reorganização das pulsões sexuais no psiquismo, para entrada na vida sexual adulta. Entretanto, esta complexa tarefa só encontra um caminho possível de realização a partir da separação da autoridade parental. De acordo com Rassial (1999) a adolescência ao mesmo tempo que se configura enquanto uma consequência da infância, é também a entrada na vida adulta, indicando um momento de recapitulação, mas também inauguração. O trabalho percorrido na adolescência, diz de como cada um elabora uma saída ao deparar-se com a instância real do despertar pulsional, a qual não trata-se propriamente da irrupção hormonal e anatômica, mas

esta coincide com o órgão que é marcado pelo discurso, situando assim a adolescência enquanto sintoma da puberdade (STEAVENS. 2004).

Portanto, a fim de sustentar uma posição de sujeito desejante, o adolescente deve criar vias possíveis para se haver com o desamparo fundamental do ser (ALBERTI, 2004). Como nos mostra Lacan em seu Seminário livro 10 “A angústia” (1962-1963/ 2005), quando o sintoma se desagrega, face a impossibilidade de realizar um trabalho de ligação ou contenção do estímulo pulsional podemos ter a emergência do Ato.

Por fim, no último capítulo de revisão, “A psicanálise face o enigma do suicídio”, buscamos acompanhar o percurso de Freud na elaboração de dois conceitos psicanalíticos fundamentais para uma clínica do suicídio: melancolia e pulsão de morte. Freud (1985/1996a) localiza na dor melancólica como à dor da perda do objeto amoroso, em uma operação onde a representação do objeto é perdida, recaindo sobre o eu, dissolvendo a cadeia representacional. A partir destas elaborações, Freud (1985/1996a) localiza a reação melancólica de autopunição, onde o eu vê-se identificado com o objeto alvo do seu amor/ ódio.

No decorrer do percurso freudiano de investigação, o autor enfatiza o caráter pulsional desta operação, articulando o conceito de Pulsão de Morte (1920/2010g). Veremos que, com essa formulação, o autor destaca a autoagressividade como vias de evacuação do excesso de tensão pulsional, o qual não foi possível articular-se simbolicamente.

Amparado no texto freudiano, Lacan (1962-1963/ 2005) retoma a leitura do pai da psicanálise no que diz respeito à inrupção atos de suicídio ou tentativas, os quais aparecem como recurso último de saída da cena frente o surgimento da angústia. Os autores nos direcionam a um olhar para a dor aniquilante, impossível de ser traduzida em palavras, no momento máximo de embaraço o sujeito encontra no suicídio uma via de descarga frente ao excesso pulsional.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Acessar cartas de suicídio escritas por jovens enquanto espaço possível de testemunho da juventude, propondo possibilidades de contribuição que a teoria psicanalítica oferece frente a relação que esses adolescentes estabelecem com o Outro destinatário.

1.2.2 Objetivos específicos

- A. Conhecer, por meio das narrativas produzidas pelos adolescentes, qual o apelo dos endereçamentos que eles estabelecem aos seus remetentes;
- B. Elaborar possibilidades e contribuições para a escuta clínica de jovens com base na literatura psicanalítica ao realizar um levantamento bibliográfico atual deste campo, que nos possibilite uma leitura dos conceitos de escrita, juventude e suicídio;
- C. Desenvolver um percurso de leitura das cartas de suicídio e posterior elaboração fundamentada teoricamente, a partir do acesso de documentos arquivados em inquéritos no tribunal de justiça de São Paulo.

1.3 JUSTIFICATIVA

A partir dos dados apresentados pelo DATASUS (BRASIL, s/d), no Brasil, entre os anos de 1996 e 2019, houve um aumento de 62,2% de mortes causadas por lesões autoprovocadas voluntariamente - CID 10 X70 - (CID 10, 1994), na faixa etária entre 15 e 19 anos. Em dados gerais (considerando todas as faixas etárias - entre 0 a 80 anos ou mais), houve um aumento de 100,5% de casos de morte por suicídio no Brasil. Em termos globais,

segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 700.000 pessoas morrem por decorrência de suicídio por ano; das quais 77% ocorrem em países de baixa e média renda. Para cada morte por suicídio, há um número muito maior de tentativas, sendo esta a quarta causa de morte mais comum entre jovens de 15 a 19 anos de idade (OMS, 2021).

Considerando o aumento significativo do número de casos de suicídio nos últimos anos, bem como os apontamentos geográficos - os quais delimitam relações culturais, econômicas e sociais dos territórios circunscritos - poderíamos dizer que tais estatísticas falam de algo das configurações do presente tempo histórico e organização social?

Esta pergunta, na verdade, há tempos já foi respondida por Durkheim (1897/2019). Desde o primeiro grande estudo sobre o suicídio, o autor já estabelece a relação de aumentos de casos de suicídio em momentos de grande mudança social. Os tempos atuais reafirmam a hipótese durkheimiana, tendo em vista o momento de grandes mudanças políticas e sociais. Assim, como pode a psicanálise contribuir para este debate?

Ao passo que concordamos com o a teoria de Durkheim, que já há mais de um século atrás situa o suicídio enquanto um fato social, não buscamos reafirmar uma teoria já bastante consolidada. O que nos interessa aqui, a partir destes dados estatísticos, é nos interrogar sobre as formas de enlaçamento com a alteridade, e *como* estas podem produzir efeitos nestes sujeitos que dizem de seu percurso.

Como retoma Moretto (2017), a partir da leitura psicanalítica podemos indicar que o processo de constituição de subjetividade só é possível atravessado pelo campo da alteridade. Com isso, a autora destaca que o caráter traumático de um determinado evento no campo cultural, não está relacionado ao evento em si, “mas a forma como ele é incluído - ou, pior, excluído - no seu campo de relações” (p. 204). Assim, ao eleger cartas escritas pelos adolescentes, atentando-nos para a relação que estes estabelecem com a alteridade a quem se endereçam, podemos situar uma possível contribuição do campo psicanalítico. Para além de

destacar uma relação de causa-efeito a partir das mudanças sociais, nos interrogamos como os sujeitos se enlaçam, ou até mesmo desenlaçam, a partir deste encontro.

Para tratar disso cabe, antes, ver que não é por acaso que a maioria dos suicídios e tentativas de suicídio são precedidos de escritas de cartas e bilhetes (RABELO, 2019). Momento prévio onde ainda é possível a relação com um destinatário. Muitas vezes, os textos escritos por pessoas que preparam suas mortes reivindicam intenso apelo, que transborda sobre o papel. Ao analisar o percurso da escrita das cartas, estas se tornam um privilegiado recurso para investigação de traços biográficos, relacionais - entre remetente e destinatário - e históricos (TIN, 2019).

O ato e a escrita se configuram como narrativas, as quais dizem de uma resposta dos jovens ao enlaçamento com campo social. Assim, por meio da leitura destas produções, que nos é possível compreender como a tentativa ou concretização do ato do suicídio dos adolescentes poderia se articular com a experiência da vida, e a relação que estes jovens estabelecem com a alteridade.

Neste momento, proponho um breve retorno. Como nos lembra Leite (2007), a partir do trabalho de Freud, o poeta - ou neste caso o remetente - sabe antes do psicanalista. Esta é a importância e delicadeza que tais escritos reivindicam. Refere-se a reconhecer que são estes sujeitos, mergulhados em suas experiências, que sabem de seu percurso. A partir de suas narrativas é que se torna possível propor elaborações compartilhadas - e não o caminho inverso.

Desta forma, as formalizações teóricas apresentam sua importância ao instrumentalizar dispositivos clínicos e políticos de cuidado e de prevenção. Assim, há uma relação de duas vias: conforme a psicanálise se vale da intersecção com demais saberes ou produções culturais para dar suporte às suas descobertas, esta também se torna um instrumento valoroso de leitura e conceituação dos mesmos (ROSA, ESTEVÃO, BRAGA,

2017).

A análise teoricamente fundamentada dos discursos presentes nos textos permite nos aproximar do complexo de relações dinâmicas entre o autor, seu(s) destinatário(s) e o conteúdo da carta. Entendendo a escrita de cartas como um processo autoral, torna-se importante a compreensão de que não se trata de psicanalisar a arte, mas antes de buscar o que a arte pode ensinar a psicanálise (ESTEVÃO, 2016). Cuidamos de abordar um fenômeno que ganha novos contornos no laço contemporâneo, sem perder aquilo que é singular, o detalhe - que é tão caro à clínica psicanalítica.

Diferentes autores, em diversas épocas (SHAKESPEARE, 1597/2011, 1600/2011; DURKHEIM, 1897; MARX, 1846/2015; CAMUS, 1942/2012; LACAN, 1967), dissertaram sobre o enigma apresentado por aquele que comete o suicídio, indagando os mistérios que carrega a decisão de tirar a própria vida. Há sempre um quebra-cabeça colocado por aqueles que optaram por abandonar prematuramente a sua existência.

Entre os clássicos do pensamento humano, que refletiram sobre o fenômeno em tela, a classificação de diferentes tipos e causas do Suicídio é sempre uma exposição – literária ou teórica – dos obscurantismos e contradições do ser ou da sociedade. Nesse ponto, a ética psicanalítica nos é preciosa ao lançar luz sobre aquele que é o ponto obscuro do discurso social (ESTEVÃO, 2016), sem nos deixar esquecer o que é singular em cada caso.

Enfim, assim como não podemos pensar a literatura separada da vida, não devemos pensar a ciência como fechada em si mesma. O ser humano se transforma introduzido a cultura no seio da natureza, através da história. Ainda que historicamente recorrente, o ato ganha contornos de seu tempo e cada vez mais faz marca nos nossos jovens. Esta é a questão que nos inquieta e que justifica esta pesquisa: diz respeito à aproximação acerca dos modos do sofrimento que eventualmente tornam a vida insuportável.

1.4 A PALAVRA DOS SUICÍDAS COMO MÉTODO

Esta é uma pesquisa qualitativa, de natureza documental. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico, dentro de um escopo teórico psicanalítico, acerca dos conceitos fundamentais que envolvem esta pesquisa: escrita; juventude e suicídio. Os resultados desta primeira etapa são apresentados neste presente capítulo - onde buscamos situar um percurso de investigação que desenvolve-se ancorado na escrita dos suicidas; bem como nos capítulos seguintes: “O que há de novo na puberdade?” e “A psicanálise face o enigma do suicídio”.

No segundo momento, foram recuperadas cartas deixados por jovens que cometeram suicídio, através do acesso de inqueritos arquivados na Seção de Preservação Documental do Tribunal de Justiça de São Paulo. A partir do contato com o material, buscou-se acompanhar a narrativa e a textualidade elaborada por cada jovem que compõem este estudo, no momento de endereçar seu último dizer. Enquanto uma escolha ética, optamos por apresentar as transcrições das cartas na íntegra, dando ênfase às palavras de Severino (1913), Marcos (1928), João (1995), Fernanda (1997), Jeferson (2000), Rogério (2000) e Samuel (2011)². Assim, as escritas dos jovens são privilegiadas em detrimento às demais informações investigativas e relatos de depoentes.

Ao optar por utilizar o testemunho em primeira pessoa dos jovens que, mergulhados em suas vivências, utilizaram a saída emergencial da morte face ao insuportável, enfatizamos nossa aposta de que é a partir da palavra destes que podemos fazer avançar nossa investigação sobre o suicídio dos jovens.

Ora, isto não é nada novo para a psicanálise. Esta escolha é justificada desde os tempos de Freud, o qual para conhecer o sintoma histérico das mulheres de seu tempo

² Por questões de sigilo ético, os nomes reais dos autores das cartas encontradas foram alterados, mantendo-se a preservação e privacidade dos jovens remetentes.

recorreu à palavra das mesmas. Ou seja, entendemos aqui que são estes jovens que portam consigo o saber de sua experiência.

Ao eleger cartas como objeto de análise central desta pesquisa, cuida-se ao mesmo tempo em: 1) manter a narrativa do sujeito em sofrimento como referência para posteriores elaborações teóricas e reflexões; 2) atentar para os cuidados éticos e preservação daqueles que compartilham, por meio de suas narrativas, a suas histórias e dores.

O epistógrafo Marcos Antonio de Moraes (2007) reconhece as cartas como espaços testemunhais - seguindo percurso criativo o autor lança mão de um olhar para a própria experiência e, ao compartilhar suas confidências e impressões, transmite a trajetória de uma vida.

O recurso ao relato testemunhal escrito também pode ser observado em Freud (1911/2010b) que, ao apontar sua dificuldade em desenvolver sua clínica com pacientes paranóicos, utiliza-se do texto autobiográfico do dr. Daniel Paul Schreber - Memórias de um doente dos nervos - para fazer avançar a compreensão psicanalítica de estruturas psicóticas. Freud lança mão do recurso do relato escrito para construção da história clínica, apoiando-se neste para desvendar “os conhecidos complexos e forças instintuais da vida psíquica” (p.32), justificando sua escolha:

Dado que os paranoicos não podem ser impelidos a vencer suas resistências internas e, de toda forma, dizem apenas o que querem dizer, precisamente no caso dessa afecção o relato escrito ou a história clínica impressa pode funcionar como substituto do conhecimento pessoal do doente. Parece-me lícito, então, fazer interpretações psicanalíticas a partir do caso clínico de um paranoico (enfermo de dementia paranoides) que jamais conheci, mas que redigiu ele mesmo sua história clínica e a levou ao conhecimento público de forma impressa. (FREUD, 1911/2010b, p.10).

Não iremos tão longe quanto Freud, ao passo que não pretendemos aqui fazer uma interpretação psicanalítica a partir dos escritos encontrados. Contudo, concordamos com o psicanalista que fazer uso do material escrito pode nos auxiliar na investigação do fenômeno clínico em questão. Assim, a apresentação do material coletado é apresentada no capítulo “O

encontro com as cartas”. E adiante a discussão e cotejamento da leitura das cartas é realizada no capítulo “Post Scriptum: uma proposta de releitura das cartas”.

1.4.1 O inquérito policial: do testemunho de um crime ao testemunho de uma vida

1.4.1.1 Do testemunho de um crime: a verdade

O inquérito policial trata-se de um instrumento investigativo, que tem por objetivo verificar a ocorrência ou não de um crime e seu autor, buscando a objetividade dos fatos (RABELO, 2019). De acordo com o código penal brasileiro, nos casos de mortes violentas (como acidentes, homicídios e suicídios), abre-se uma investigação para apuração da ocorrência, onde serão coletados provas como data, hora, descrição da cena onde o corpo foi encontrado, relato de testemunhas oculares e o laudo realizado por um médico legista que atestou a causa da morte. Ao final de tais apurações, o delegado realiza um relatório que deverá ser encaminhado para o ministério público, onde o promotor seguirá com uma avaliação para deliberar se há necessidade de proceder com investigações para apuração do suposto crime e sua autoria, ou - como usualmente de procede em casos de suicídio, onde não há evidências de um crime - o processo segue para arquivamento (MISSE, 2009).

Como vimos, podemos situar de forma genérica o inquérito policial enquanto um dispositivo jurídico que propõe-se a desvendar a “verdade” frente um determinado evento que convoca a verificação da ocorrência ou não de um crime e sua devida autoria, com a pretensão de garantir que se faça valer a lei. Claramente não é disso que este presente trabalho se trata. Pouco nos interessa o exame da factualidade das causas e culpados do evento em questão. Por outra via, a verdade que nos interessa trata-se do saber do sujeito que dá notícias de si através dos lapsos de seus registros.

Assim como destaca Costa (2018) para a psicanálise faz-se importante a distinção entre as noções de saber - e sua relação com o inconsciente - e a verdade. O saber carrega consigo os efeitos inconscientes que dão notícia de um furo no saber, o insabido. Nessa medida, a verdade passa a condicionar-se a partir da posição do sujeito no discurso sendo, por sua vez, uma verdade não toda. Ancorados nessa premissa, buscaremos situar nossa posição frente ao documento de inquérito policial.

A partir dessa perspectiva, pretendemos privilegiar os conteúdos apresentados nas cartas pelos adolescentes, em detrimento dos demais materiais jurídicos presentes nos enquéritos, uma vez que não nos interessa aqui a verdade factual que envolve a cena do suicídio, que se busca nas provas jurídicas. Destacamos a relevância da produção daqueles que narram suas histórias por meio da escrita, a qual possibilita construção de uma história que se dá a partir da intenção de nomear, destacar e pinçar fragmentos de memória, sempre de forma ficcional e lacunar (INDURSKY E PICCININI, 2015).

Sobre essas duas facetas do testemunho, ao recorrermos a uma pesquisa rápida ao dicionário temos “tes·te·mu·nho (latim testimonium, -ii) substantivo masculino 1. Depoimento de testemunha em juízo. 2. [Figurado] Fé; prova; sinal; indício; vestígio. 3. [Popular] Calúnia.”³

Portanto ao fazer uso de documentos de inquéritos policiais, propomos um deslocamento onde as cartas que ali compõem uma prova jurídica do testemunho de um crime, retornam ao seu estatuto de testemunho de uma experiência. Assim, ficamos com a noção de testemunho enquanto "2. [Figurado] Fé; prova; sinal; indício; vestígio." ou até mesmo "3. [Popular] Calúnia." em detrimento de "1. Depoimento de testemunha em juízo."

A partir dessas coordenadas, nos interrogamos: o que é possível testemunhar em uma carta de suicídio? É possível transmitir algo de uma experiência de vida por meio desta? O

³ "testemunho", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/testemunho> [consultado em 14-05-2023].

que é mobilizado no momento em que propõe-se endereçar um testemunho a outrem? Ainda que, por ora não tenhamos a pretensão de esgotar estes questionamentos, nos guiaremos a partir destas questões para situar uma abordagem metodológica que nos auxilie a acompanhar o testemunho dos jovens, bem como a relação do autor com o destinatário a quem se endereça.

1.4.3.2 Ao testemunho de uma vida: o saber

Ao passo que nos empenhamos em transmitir os achados de nossa experiência enquanto pesquisadores, consideramos também a importância de nos interrogarmos acerca do movimento mesmo em que os jovens se empenham ao endereçar sua última mensagem à alguém. Ao acompanhar cartas de suicídio, podemos verificar a busca dos autores em transmitir algo de sua experiência com o mundo, e até mesmo justificar sua decisão de abdicar-se da vida (GALLO, 2021; DIAS, 1997; RABELO, 2019).

Uma vez que, por meio das cartas, mesmo que de forma indireta, o autor compartilha algo de seus afetos e conflitos, podendo então transmitir algo de si. A partir desta perspectiva, propomos uma aproximação com estes conteúdos expressos em cartas de suicídio com as noções de “escrita de si” (FOUCAULT, 1992) e escrita autobiográfica (CALLIGARIS, 1998), por meio dos quais, amparados pela experiência da psicanálise, buscaremos desenvolver um percurso de leitura das produções escritas presentes nas cartas.

Nosso percurso neste presente capítulo trata-se do intento de elaborar uma posição diante destes escritos, os quais balizam a nossa leitura e cotejamento deste material em um momento posterior. Este caminho se desenvolve a partir dos questionamentos: O que é possível transmitir de uma experiência por meio da escrita de despedida? O que é mobilizado no momento em que propõe-se endereçar um testemunho a outrem?

Em seu texto de 1992, “A escrita de si”, Foucault nos indica alguns dos efeitos produzidos em um autor ao apoiar-se no movimento de produzir sua escrita. O ato de escrever, por um lado, cria a possibilidade para a criação de um olhar possível, a partir da elaboração de algo compartilhável, “podemos pois propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário” (FOUCAULT, 1992, p.129)

Nesse sentido, Foucault (1992) aponta a qualidade da escrita em constituir um estágio de elaboração dos discursos recebidos como verdadeiros “é um operador da transformação da verdade em ethos” (p.130). Segundo o autor, a escrita aparece então associada à “meditação”, como um exercício do pensamento sobre si, ao passo que prepara o indivíduo para enfrentar o real. Ele nos aponta o caráter de confissão presente na escrita, uma vez que o constrangimento que a aparição alheia provoca, expõe-se também no encontro com o papel e a caneta.

Em relação ao gênero epistolar, ao direcionar um escrito a outrem, ao passo que se abre a possibilidade de exercer uma reflexão sobre si, a experiência constitui também a possibilidade de manifestar-se para os outros. Nessa medida, a carta se esforça em fazer o remetente presente ao seu destinatário (FOUCAULT, 1992). A partir dessa perspectiva, escrever constitui uma forma de fazer-se evidente em relação ao receptor, paralelamente o autor da carta se sente olhado, ao passo que o destinatário lhe oferece seu olhar. Ao relatar sua rotina e atividades cotidianas banais, o remetente não necessariamente busca atestar a relevância de seus feitos, porém as peculiaridades de seu modo de ser (FOUCAULT, 1992).

Nessa mesma direção, Calligaris (1998) propõe algumas motivações que levariam alguém a produzir um relato de sua história a partir do ato autobiográfico: poderia se tratar de uma tentativa de justificação ou confissão; ou ainda um empenho em produzir uma interpretação possível da vida afim de prometer-se um futuro, esboçar uma tentativa de dar sentido ao presente moroso.

O autor avança nos indicando que teríamos duas linhas retóricas distintas, onde, na primeira, apresenta-se um apelo a partir de argumentação de dados pretensamente factuais, convocando os leitores a se convencerem de sua justificativa a partir da apresentação de dados. Já no segundo caso, abandona-se o apelo à veracidade, ao apoiar-se em um acento à sinceridade, a qual não necessariamente deva se comprometer com os fatos, a verdade se basearia aqui sob uma linha de ficção, onde as "omissões, acréscimos, remanejamentos são peças do *puzzle*⁴ do sujeito" (CALLIGARIS, 1998 p.53).

Podemos considerar que estas proposições de Foucault (1992) e Calligaris (1998) conversam com a psicanálise ao passo que nos indicam a função de endereçamento da escrita. Conforme formula Lacan, a letra carrega consigo seu endereço, desde início alienada ao Outro. Com isso podemos formular que a leitura - ou seja, a possibilidade de produzir um leitor - é anterior à própria escrita (COSTA, 2009). Para Lacan (2003), a letra constitui um litoral entre o campo Simbólico e Real, situando-se como algo que faz borda ao corpo, assim como sublinha Costa (2009):

O endereçamento da letra tem relação com a leitura que o Outro primordial constrói, em que ao mesmo tempo erotiza e produz amparo. É por essa razão que Lacan propõe que primeiro está a leitura: é desta leitura do Outro primordial que vem a possibilidade do recorte dos orifícios do corpo. É nesse ponto que somos seres de linguagem. Que nosso corpo não funciona se não for pela incidência do Outro no nosso corpo, no que Lacan desenvolve a partir da proposição de *lalangue*. Encontramos nesta a marca do Outro primordial (COSTA, 2009, p. 28).

É desta relação entre letra e significante que o sujeito vai se constituir. Para Lacan, é justamente esta inscrição da letra que possibilita a entrada no campo discursivo e seu enlace com o significante permite seu escoamento: A letra enquanto borda e significante intimamente ligado com a função da fala. Em "Função e campo da fala e da linguagem", Lacan (1953/1998b) vai nos mostrando que é por meio da fala que se faz possível um

⁴ Quebra-cabeça (Tradução livre)

endereçamento e é nesse exercício, de troca com um outro, que o significante produz um sujeito.

Nesse momento, resgatamos o ensaio de Walter Benjamin (1936/2012), “O Narrador”, onde o autor se interroga a respeito deste movimento de produzir uma via de transmissão a partir de uma narrativa, propondo uma distinção entre a experiência e a simples vivência. Para Benjamin, a experiência é capaz de consolidar uma memória frente aos acontecimentos ocorridos; por outro lado, a mera vivência nos limita a repetição das ações cotidianas. O que produz uma experiência é justamente a possibilidade de narrá-la.

Ainda que as cartas de suicídio não tenham, necessariamente o intuito de narrar um acontecimento ou elaborar um percurso de elaboração da historicidade de uma vida inteira, essa passagem benjaminiana nos interessa por enfatizar a condição de dependência de um ouvinte para estabelecer uma experiência. É a partir da retomada de sua história, construída pela fala endereçada ao outro, que o sujeito recupera sua palavra.

Ou seja, o que buscamos situar aqui trata-se justamente deste encontro com o papel o qual encarna a dimensão da alteridade ao fazer possível um endereçamento. Ao nos referirmos a este encontro com a alteridade estamos levando em conta tanto essa figura que o sujeito compreende como seu semelhante, a quem pode dirigir diretamente um dizer, situando-se em um lugar de discursivo no laço - o pequeno outro em termos lacanianos (QUINET, 2012). Mas também tratamos aqui deste grande Outro enquanto discurso do inconsciente que “É o alhures onde o sujeito é mais pensado do que efetivamente pensa (...) É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido” (QUINET, 2012 p. 21).

Ambas estas instâncias - pequeno outro e grande Outro - são encarnadas na figura do destinatário. Reconhecemos assim que o endereçamento ao destinatário não pode ser pensado em uma relação unicamente dual, mas mediada *e também* atravessada por este terceiro, este

Outro detentor do tesouro dos significantes. Mais para frente retomaremos este encontro com a alteridade por onde o sujeito se constitui. Por ora, nos interessa aqui situar esta figura de alteridade enquanto condição para o endereçamento de um testemunho (ROSA e POLI, 2009).

A angústia surge justamente quando não há distância entre a demanda inconsciente e a resposta do Outro, quando se perde a distância entre o enunciado e a enunciação. (...) A oferta da escuta pode organizar uma demanda, que restitui um campo mínimo de significantes referidos ao campo do Outro que possam circular, para permitir ao sujeito localizar-se e poder dar valor e sentido à sua experiência de dor, articulando um apelo que o retire do mutismo (ROSA e POLI, 2009 p. 10)

Como situa Rosa e Poli (2009), o encontro com a angústia destitui o sujeito de seu lugar no discurso. O movimento mesmo de tomar o papel e a caneta em mãos, e produzir um dizer à outrem pode ser lido como esta tentativa de realocação no laço social. Ainda que este encontro com a escrita não garanta a passagem da vivência para o campo da experiência, apontamos para o recurso de produzir uma tentativa de articular essa passagem, onde faz-se então do material concreto do papel e da caneta como uma via de articulação simbólica.

No entanto, a escrita não deve ser tomada simplesmente como uma transcrição do inconsciente do autor que consegue por meio da palavra e das articulações das cadeias significantes, encontrar o seu eu, de forma conclusiva e fechada. Para Allouch (2004), a categoria do “si” só pode ser concebida em um laço entre o “ti” e o “mim”, não se identificando propriamente a nenhum dos dois campos, mas se estabelecendo na sua relação. Nessa esteira, Costa (1998) compreende o caráter ficcional do “si”, que tenta dar conta da dissimetria entre o sujeito e o Outro.

Com isso, a partir da leitura dos documentos epistolares, buscamos nos precaver aqui da tentativa de localizar o núcleo do “eu” do emissor, uma resposta que nos indique uma motivação conclusiva do ato suicida relatado, assim como nos adverte Estevão (2018): “a singularidade radical e inefável que não se reduz plenamente a nenhuma determinação.

Evidencia-se nisso a impotência do psicanalista, que busca uma causa fixa de determinação” (p.77). Em paralelo, remetemo-nos ao texto “A morte do Autor” de Roland Barthes (1988), que nos previne da busca por atribuir um sentido último ao Autor:

Uma vez afastado o Autor, a pretensão de "decifrar" um texto se torna totalmente inútil. Dar ao texto um Autor é impor-lhe um travão, é provê-lo de um significado último, é fechar a escritura. Essa concepção convém muito à crítica, que quer dar-se então como tarefa importante descobrir o Autor (ou as suas hipóstases: a sociedade, a história, a psiquê, a liberdade) sob a obra: encontrado o Autor, o texto está "explicado", o crítico venceu” (p.69).

Assim como nos alerta Gusdorf (1948), faz-se importante considerarmos alguns perigos desses escritos, enfatiza a questão de que no momento primeiro em que a caneta toca o papel todos os eventos que encaminham para aquele momento já aconteceram. Ou seja, toda tentativa de relatar os acontecimentos está orientada para justificar tal desfecho. O pesquisador que toma esses textos como objetos de seus estudos deve se prevenir de certa cautela, não os tomando como prova por si, autêntica da vida pessoal do autor, mas tem seu valor por refletirem o momento do agora em que o autor se debruçava em suas escritas (GUSDORF, 1948). O sujeito escapa então à qualquer tentativa de estabilização por parte do autor, é justamente na lacuna, no lapso, na ausência de sentido que o sujeito ganha seu estatuto.

Ao passo que nos empenhamos em balizar nossa posição frente aos textos produzidos pelos jovens em suas cartas, retomamos a clínica. Ao endossar o discurso do eu, fecha-se nessa fala vazia que pouco tem a dizer sobre o sujeito, reforçando a automação dessa história “conclusa”. Por outro lado, o psicanalista ao acompanhar a organização dos significantes pode encontrar aquilo que vai escapando dessa totalidade imaginária. Deixando-se guiar por meio das ambiguidades, contradições, dos chistes, dos atos falhos presentes no texto, é que podemos acompanhar o percurso do sujeito (LACAN, 1953/1998b).

Lacan (1953/1998b) aponta o caminho onde deve balizar a escuta do analista a fim de resgatar a possibilidade de uma fala plena: “deve consistir em suspender as certezas do

sujeito, até que se consumem suas últimas miragens” (p. 253). A composição de seu discurso deflagra aquilo que ele não diz, “Mas, para obter a confissão, é preciso que fale disso” (LACAN, 1953/1998, p. 249). Pois, ainda que o autor proponha-se a elucidar minuciosamente suas razões, sempre haverá algo que escapa às palavras. Assim como lembra Moretto (2019) ao retomar a clínica psicanalítica:

Se, por um lado, há uma dimensão de cura na proposta de falar sobre a experiência traumática, e nesse sentido não importa quão dolorosa ela seja, por outro lado é bom que se saiba que há na fala um elemento de insuficiência que não pode ser desconsiderado pelo psicanalista. Não se pode dizer tudo (p.143).

Ao passo que percorremos os efeitos que transcorrem a partir da possibilidade de produzir uma mensagem de adeus, passamos a nos interrogar por quais vias seria possível - enquanto pesquisadores apoiados nas escrituras de memórias de outras pessoas - resgatar algo da experiência de outrem? Nada de simples há nessa tarefa onde nos empenhamos aqui! Ora, seríamos tolos ao supor que nossa implicação no tema em nada interferiria na apresentação das narrativas dos documentos que investigamos. O que é possível resgatar desse encontro entre pesquisador e as cartas de suicídio?

Reforçamos, neste ponto, o nosso compromisso de buscar, respeitosamente, um olhar cuidadoso diante do testemunho remetido através das cartas. No ponto em que nos encontramos, é imprescindível considerarmos que o que temos aqui, trata-se de um pequeno traço, algo que resta do percurso de uma vida inteira, de uma história a qual temos acesso apenas a um pequeno retalho. Em memória daqueles que encontraram a morte como última saída, delicadamente, buscamos com apreço resgatar um dizer. No brusco silenciamento de um corpo que não mais pulsa, faz-se gritar a vivacidade de suas últimas palavras.

A fim de elaborar um procedimento para a leitura do material coletado, nos remetemos ao método de investigação em psicanálise. Uma vez que o percurso de pesquisa em psicanálise se sustenta ao se apoiar no método clínico de tratamento, pretendemos, neste trabalho, construir uma via de testemunho da juventude vivida por estes sujeitos. Portanto, na

seção que segue, iremos apontar o percurso pelo qual este deslocamento se faz possível, apoiando-nos no método clínico desenvolvido por Freud, articulando com a proposta da *clínica do escrito* desenvolvida por Allouch (1984).

1.4.2 Proposta de uma metodologia psicanalítica de escrita *com o texto*

Ao passo que buscamos no presente trabalho elaborar um caminho possível de leitura dos escritos dos jovens que cometeram suicídio, podemos observar na história da psicanálise uma aproximação íntima, desde seus primórdios, com a escrita. Desde Freud, essa aproximação foi essencial para o desenvolvimento de sua metapsicologia, a partir da sua abordagem da literatura, a qual lhe fornece elementos para desenvolver uma estratégia de transmissão. Ademais, destacamos que esta afinidade com a escrita permite ao psicanalista a elaboração da concepção do inconsciente como local de *inscrição* (GUARNIERI, 2020).

Já no início de sua obra, em 1891, Freud (1981/2013) formula a ideia de representação que estará presente ao longo de toda sua obra. Para o autor, estrutura psíquica poderia ser tomada como um sistema de representações, no qual a percepção de estímulos advindos do mundo exterior sofreriam uma espécie de tradução, a partir de uma chave de leitura proveniente dos componentes internos do indivíduo. Em outras palavras, o autor desenvolve a hipótese de que os traços mnêmicos - uma espécie de marca resultante de percepções precipitadas, adquiridas nas primeiras experiências do indivíduo - ganham acento nas formulações de representações. Desta forma, a representação se dá, para Freud, a partir de uma reorganização dos estímulos externos, que levariam em conta as fantasias do sujeito. Assim como salienta Costa (2012), ao propor a noção de *inscrição* de traços mnêmicos, Freud associa a constituição de memória inconsciente à uma aproximação com a escrita.

Podemos observar no texto inaugural da psicanálise, *A interpretação dos Sonhos* de 1900 (2001), Freud atribui aos sonhos o seu caráter de formação *literal*. Ou seja, a abordagem freudiana dos sonhos como uma espécie de escritura, a qual clama por uma interpretação, uma leitura. Tal como veremos a seguir, não se trata de uma leitura qualquer, de valor fechado, unívoco.

Durante sua investigação dos fenômenos oníricos, Freud (1900/2001) nos apresenta a relação destes com escritas de hieróglifos antigos, tratando do caráter de figurabilidade que os sonhos imprimem, ao passo que se produzem a partir da composição de linguagem distintas. Assim, a interpretação do analista se desenvolve a partir de sua dimensão textual, equivalente à decifração proposta na leitura de hieróglifos de Champollion. Podemos ler a estrutura do sonho a partir de sua apresentação textual, onde os elementos compostos no sonhos fazem-se valer a partir do uso de estratégias como condensação e deslocamento. Assim como destaca Guaraná (2020), essa leitura freudiana champillionsca dos sonhos não é sem consequências para a psicanálise:

Uma importante consequência é incluir como objeto no método analítico com a interpretação psicanalítica, ademais do sonho na sua dimensão de escrita, a fala do paciente em sua dimensão de texto sobre o sonho em análise. Ou seja, é conferida à materialidade do primeiro texto ligado ao conteúdo do sonho, uma segunda materialidade inerente à fala do paciente. (GUARANÁ, 2020, p.120).

Se para Freud (1900/2001) a economia psíquica se estrutura a partir da ideia de representação advindas de memórias inconscientes, Lacan propõe um deslocamento ao situar o inconsciente como efeito de trocas simbólicas, apoiando-se na teoria da linguística de Saussure, propõe sua máxima “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”.

A estrutura fundamental da linguagem se apoia sobre o signo, o qual une um conceito (significado) à uma imagem acústica (significante), e é definido por Lacan (1957/1998c) como aquilo que vai representar algo para alguém. As formulações lacanianas estabelecem uma primazia do significante sobre o significado, ao passo que as articulações e associações dos significantes, dispostas em cadeia (S1+S2+S3...), que determinam os efeitos de

significado. Lacan então afasta-se da ideia freudiana de representação, propondo que enquanto dimensão de linguagem, é o significante, articulado através das cadeias de significantes, que apontaria para o desejo inconsciente.

Este desenvolvimento de Lacan nos interessa aqui por apontar para a qualidade de “sem sentido” do significante. Um significante sozinho não tem valor de significado algum, uma mesma palavra pode ter sentidos completamente distintos ao depender de sua articulação na cadeia significante.

Como veremos no decorrer deste capítulo, Allouch (1984), em seu trabalho “Letra a Letra: Traduzir, Transcrever, Transliterar”, propõe a noção de clínica do escrito em psicanálise, a qual estaria baseada na operação de transliteração. Allouch nos apresenta a noção de transliteração a partir do trabalho de Champollion de leitura de hieróglifos, onde este ao localizar de forma precisa quais nomes próprios foram escritos e em quais lugares, viabiliza uma chave de leitura dos pictogramas os, que não considera o sentido mesmo dos nomes, mas a relação destes com os lugares em que se encontram. Ou seja, a transliteração enquanto operação que em um só tempo decifra e cifra, propõe essa espécie de leitura a contrapelo interessada pelo próprio jogo que recupera o valor e as determinações dos significantes expostos na relação de cadeia que eles compõem e sua própria localização no texto.

A partir desta rápida introdução, não pretendemos realizar uma apresentação exaustiva da aproximação da teoria psicanalítica com a escrita, até o momento, pontuamos de forma bastante breve elementos que nos indicam uma aproximação entre estes dois campos, a fim de acompanhar Allouch (1984), o qual situa a clínica psicanalítica como uma clínica do escrito. Segundo o autor, a prática da escuta psicanalítica desenvolve-se essencialmente a partir de uma *leitura*, uma vez que, ao situarmos o inconsciente como linguagem, este revela sua estrutura a partir de uma organização de escrita. Ao estabelecer um paralelo com a leitura

de deciframento de Champollion, Allouch (1984) introduz três operações distintas - porém articuladas entre si - de decomposição da leitura: transcrição, tradução e transliteração. Vejamos adiante como o autor articula estas três operações.

Para Allouch (1984), o processo de transcrição opera na tentativa de capturar pela escrita algo que está fora do campo da linguagem. Por exemplo, ao ajustar a escrita, guiando-se pelo som proferido, essa buscaria o tomar sem qualquer tipo de perda. O autor aponta para alguns impasses dessa abordagem, ao passo que esta desconsideraria a interferência de outros materiais (como a folha de papel), propondo-se abranger o objeto em sua totalidade.

Já a operação de tradução busca escrever ajustando o escrito ao sentido. Ou seja, há uma tentativa de garantir a manutenção de um sentido inequívoco ao transpor um conteúdo de uma língua a outra. A dificuldade situa-se justamente no momento em que interrogamos sobre o verdadeiro sentido “mais profundo” da coisa, ao pretender ser “literal”, o tradutor incorre em riscos impondo a sua própria visão (ALLOUCH, 1984).

Por fim, transliterar constitui uma leitura *com o escrito*, é escrever ajustando o escrito ao próprio escrito, passando de uma maneira de escrever a outra maneira. Assim como nos aponta Allouch (1984), esta operação previne-se ao tratar de duas escrituras distintas em seu princípio. Dito de outro modo, a transliteração, ao regular-se pela letra, em sua relação íntima com o significante, realizando uma *outra* escrita. Desta forma, a transliteração aponta para um caminho de *deciframento*, que ao elaborar em seu resultado final um outro texto, é também um *ciframento*.

Ainda que Allouch (1984) enfatize a impossibilidade de tratarmos estas três operações de forma isolada, o autor destaca a proximidade da transliteração com a interpretação psicanalítica. Isso pois o trabalho analítico não propõe-se a elucidar as profundezas de um sentido, mas, ao localizar a textualidade presente na fala do analisante, faz-se possível

provocar um deslocamento no discurso, passando então *a outra coisa*. O alcance desta intervenção só poderá ser verificado em um momento posterior, tendo em vista seus efeitos. Esta é essencialmente a definição dada pelo autor à noção de saúde mental, é justamente a possibilidade de, através da leitura, realizar uma reinscrição, uma outra escrita capaz de dissolver os sentidos, que ao se petrificarem, produzem sofrimento.

Una *clínica de lo escrito*, ¿qué quiere decir? Basta con haber singularizado así la clínica analítica para que se presenten cierto número de cuestiones que resulta extraño que hayan sido tan poco abordadas. La primera es quizá la de la lectura; si un sueño debe ser tomado como un texto, ¿en qué consiste el hecho de leerlo? Y de manera más general, si el psicoanálisis opera a partir del hecho de que basta que *un ser pueda leer su huella, para que pueda reinscribirse en un lugar distinto de aquel de donde la ha tomado*, ¿qué se necesita que sea esta, lectura para que produzca, sin otra intervención (efr. el “basta”), una reinscripción del ser hablante en un lugar distinto? Sobre este punto preciso, consultaremos a Lacan. Quiere decir que nos dirigimos a él en cuanto lector, capaz de aclarar (cuando estudiamos de cerca su manera de leer) lo que significa “leer” en psicoanálisis. (ALLOUCH, 1984, p.14).⁵

Ao retomarmos a proposta de Allouch (1984), buscamos elaborar uma orientação para a aproximação da escrita dos adolescentes em suas cartas de despedida. Ainda que o autor não aborde propriamente uma clínica que se desenvolva pelo texto (GUARNIERI, 2020), podemos nos amparar em suas contribuições para estabelecer uma abordagem possível da textualidade presente nas cartas.

Não tratamos aqui da busca de elencar sentidos e significações últimas aos escritos dos jovens, mas, conforme nos aponta Allouch (1984) em sua noção de transliteração, ler as linhas do texto e seus desdobramentos. Para isso, é necessário considerar que a escrita constitui-se no estabelecimento de um vínculo com um Outro⁶ da relação mesma do sujeito com o significante, que só produz um sentido ao formular uma cadeia com outros

⁵ Uma *clínica escrito*, o que quer dizer? Basta ter destacado a clínica analítica para que surja um certo número de questões que parecem estranhas terem sido tão pouco abordadas. A primeira talvez a da leitura; se um sonho deve ser tomado como texto, em que consiste o ato de lê-lo? E de maneira mais geral, se a psicanálise opera a partir do fato de que basta a *um ser poder ler seu rastro, para que ele possa se reinscrever em um lugar diferente daquele de onde foi tomado*, o que precisa ser essa leitura para que produza, sem outra intervenção (p.ex. o “basta”), uma reinscrição do ser falante em outro lugar? Sobre este ponto preciso, consultaremos Lacan. Significa que nos dirigimos a ele como um leitor, capaz de esclarecer (quando estudamos de perto sua forma de ler) o que significa “ler” em psicanálise. (Tradução livre)

⁶ Fazemos referência aqui à noção de grande Outro que compõe o lugar de alteridade em Lacan. Este conceito será melhor trabalhado no capítulo “O que há de novo na puberdade?”.

significantes presentes no texto. Só é possível acessar o texto, ao deixar-se guiar por uma leitura que se permita “vítima” do escrito, confiando-se a este ao deixar-se enganar, deixar que o escrito dirija-se aos seus caprichos (ALLOUCH, 1984).

Apoiados no percurso traçado por Allouch (1984) podemos delinear uma proposta para o método de nossa pesquisa. Como pudemos acompanhar, ao recuperar as bases da clínica psicanalítica, o autor destaca seu princípio de textualidade extraído da fala dos pacientes. Com isso, destacamos que não pretende-se aqui elaborar algo da ordem de uma interpretação, como faz Freud com os sonhos, uma vez que o acesso às cartas não nos oferece toda uma cadeia de associação, mas apenas um fragmento desta.

Ao considerarmos a produção escrita de uma carta, necessariamente referenciada à uma dimensão de alteridade, tomamos o cuidado de nos colocarmos enquanto interditores da carta. Passamos longe da pretensão de nos situarmos enquanto um remetente final, posição esta que poderia facilmente incorrer no tentador equívoco de tomar os fragmentos de escrita enquanto uma espécie de associação livre passível de ser interpretada.

O caminho que verificamos, com referência na proposta de transliteração de Allouch (1984), trata-se então de ao deixarmos sermos capturados pelas escrita destes jovens, recuamos da tentativa de uma busca de sentido em seus ditos, mas apostamos justamente no caminho de compor um *outro* percurso *com* os escritos e não *a partir* destes.

Ou seja, o que apresentaremos é nada mais que uma *leitura* - que humildemente propõe-se a recolher as montagens de uma construção escrita (deciframento), não deixando-se enganar pretendendo-se inequívoca. Posteriormente, o que apresentaremos enquanto contribuição deste trabalho seria a produção de uma *outra escrita*: um novo texto com seu percurso próprio, o qual acompanha a palavra dos jovens sem colonizá-la, mas oferecendo-na um olhar *possível* a partir de um novo referencial (ciframento).

Com este panorama, buscamos compor as bases metodológicas do nosso trabalho, alinhado ao referencial psicanalítico. Conforme indica Iribarry (2003, p. 117), “A pesquisa psicanalítica, justamente por trabalhar com a impossibilidade de previsão do inconsciente, não poderia jamais exigir uma sistematização completa e exclusiva”. Como consequência, o método psicanalítico não propõe incluir em seus objetivos a proposta de realizar inferências generalizadoras, uma vez que a construção de conceitos e elaborações dentro da psicanálise, devem partir da escuta, sendo portanto uma investigação sempre inacabada, sugerindo novas aberturas ao passo que se faz avançar, “adentrando nesse interjogo dialético em que modificações teóricas implicam rever a clínica enquanto a própria clínica interroga constantemente a metapsicologia” (ESTEVÃO, 2018, p. 71).

Considerando os caminhos que passamos a delinear, resgatamos a tese de Estevão (2018), onde o autor argumenta que um dos efeitos da construção de um sistema psicanalítico é justamente a possibilidade de se constituir enquanto um operador que serve como chave de leitura e investigação de problemas extrínsecos a ele.

Ao se amparar no método clínico de escuta, a pesquisa psicanalítica também vai marcar sua diferença em relação às demais abordagens investigativas ao operar a análise dos resultados a partir do significante, e não do signo, conforme aponta Iribarry (2003):

Assim, o pesquisador psicanalítico vai instrumentalizar sua transferência ao texto composto pelo dado coletado de modo que possa identificar significantes já escandidos pelo autor do texto como também efetuará um trabalho de escansão de significantes que a legibilidade do texto permite (p. 127).

O pesquisador psicanalista guia sua pesquisa ao realizar um trabalho de escansão da cadeia escrita introduzindo um ponto-de-estofo, isto é uma amarração dos elementos presentes das cadeias significantes, que conduzem a uma significação. Seguindo essa lógica, seria a introdução de novos significantes, fabricados a partir da transferência do pesquisador com o texto, que irão produzir novos sentidos para o material coletado, conduzindo à elaboração de um novo texto (IRIBARRY, 2003).

Neste ponto, fica evidente a presença da subjetividade do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa psicanalítica. Iribarry (2003) nos indica que o pesquisador psicanalítico é movido por sua relação transferencial com o texto examinado o que lhe permite imprimir o modo como realiza a leitura dos dados, “esta é a contribuição mais legítima que podemos extrair do percurso de Freud, pois este sempre esteve movido por suas inclinações pessoais diante dos dados de sua pesquisa” (IRIBARRY, 2003, p. 127).

Podemos observar que o processo de análise dos resultados indicado por Iribarry (2003) é correlato à operação de transliteração apresentada por Allouch (1984). Isto pois, ao nos atentarmos ao interjogo dos significantes que compõem o texto, nos propomos a realizar um processo de *deciframento* do texto, nos conduzindo à elaboração de uma *outra escrita* que contribua para a leitura do problema em questão, um *ciframento*.

Portanto, nos advertimos da ingenuidade de propor uma leitura supostamente neutra diante do nosso objeto de pesquisa, estabilizando-o em um sentido conclusivo. Por conta em risco, é preciso assumirmos as consequências de uma produção necessariamente não-toda. Uma pesquisa implicada faz valer o desejo do pesquisador - mais ainda eleva-o enquanto única possibilidade para produzir uma contribuição.

Nessa esteira, não buscamos a aplicação de um técnica fixada para compor uma análise última do material encontrado. Ao retomar o conceito de serendipidade no percurso de uma investigação psicanalítica, Caon (1997) nos indica o caráter *casual* dos achados da pesquisa. Isso implica em adotarmos uma posição de leitura que *confie* no texto, capaz de deixar-se guiar pelas trilhas que este conduzem, para “só-depois” formular nossas hipóteses.

Devemos nos atentar que este movimento *casual* da pesquisa psicanalítica não é ingênuo, não implica em uma inintencionalidade, pois é somente a partir do *desejo* do pesquisador que será possível identificar, em um *a posteriori*, os achados casuais, fazendo com que sua descoberta surja como criação.

Assim, descartamos a pretensão de elaborar uma análise que nos responda o que motivou o ato para cada um dos autores das cartas. Por outro lado, podemos nos orientar a partir da escritura daquele que levou até às últimas consequências sua decisão de antecipar seu encontro com a morte, propor um vislumbre de algo que possa transcender o caso particular, e permita a elaboração de algo que seja transmissível para outros (GALLO, 2021).

1.4.3 Apreciação dos aspectos éticos

A fim de firmar o compromisso ético que este estudo se propõe desde suas primeiras considerações, foi assinado o Termo de Compromisso, Sigilo e Confidencialidade com o Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, viabilizando o acesso aos inquéritos arquivados.

Para além dos cumprimentos éticos e legais estabelecidos pela lei supracitada, existe outra dimensão ética que passamos a nos questionar ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa: o que nos autoriza, enquanto investigadores a nos colocarmos na posição de destinatários desses escritos? Pensamos aqui no cuidado que as escritas íntimas reivindicam. Assim como nos indica Rabelo (2019), ao tomarmos em mão estes documentos, não podemos deixar de considerar a remota hipótese que familiares dos autores possam ter acesso a este trabalho. Para tanto, a autora esboça um caminho possível para a aproximação desses documentos, por onde o pesquisador cultiva um olhar respeitoso perante as histórias as quais se depara.

Com isso, afirmamos o nosso comprometimento em oferecer um olhar cuidadoso ao testemunho dos adolescentes que, por meio da escrita, testemunham uma experiência. Diante de um pequeno retalho destas histórias, as quais teremos acesso a fragmentos, não caberia a nós a pretensão de esboçar uma interpretação da posição subjetiva de quem escreve, pois esta se torna viável apenas por meio de uma relação transferencial - se podemos falar de

transferência aqui ela parte da transferência do pesquisador com seu objeto de estudo (GALLO, 2021).

Assim, a tarefa que nos cabe aqui é de - baseados nas palavras compartilhadas pelos jovens que concretizaram o encontro antecipado com a morte - formular uma elaboração possível de ser compartilhada para outros que enfrentam o dilema entre vida e morte.

1.4.4 Procedimentos

Para a primeira etapa que este trabalho se propõe, no qual realizamos um levantamento bibliográfico dos conceitos fundamentais da pesquisa (escrita, adolescência e suicídio), foi coletado material bibliográfico em livros publicados e referências encontradas nas principais bases de dados: BVS, SCIELO, LILACS, bem como Catálogo das Bibliotecas das Instituições Universitárias do país, e das escolas de psicanálise (Escola Brasileira de psicanálise e Fóruns do Campo Lacaniano). Como critérios de inclusão dos materiais coletados nas bases de dados, foram considerados para o fim desta pesquisa artigos científicos publicados em periódicos, teses de doutorado e pós-doutorado, dissertações de mestrado.

A partir destes achados, foram triadas as produções que contemplam as questões permeadas por esta pesquisa e partir desta triagem os textos foram cotejados por meio da leitura cuidadosa e fichamentos, para posterior apreciação nos capítulos que compõem este estudo.

Em relação à segunda etapa da investigação, onde propomos a recuperar as cartas e bilhetes deixados por adolescentes que cometeram suicídio, buscamos acesso ao material por meio de documentos de inquéritos arquivados no Tribunal de Justiça de São Paulo.

Em um estudo realizado com cartas de pessoas que cometeram suicídio, Rabelo (2019) nos orienta sobre o processo para acesso à estes documentos em inquéritos policiais

arquivados. Conforme elucidado pela autora, para a busca documental do presente estudo, foi solicitado o acesso a Inquéritos Concluídos no Tribunal de Justiça de São Paulo. A permissão para o contato com o material de análise é garantida pela Lei de Acesso à Informação Nº 12.527, de 18 de Novembro de 2011 (BRASIL, 2011).

A solicitação foi realizada, no dia primeiro de dezembro de 2021. De acordo com o fluxo estabelecido no site oficial do Tribunal de Justiça de São Paulo, foram enviados para o endereço eletrônico da Secretaria de Gestão Documental <spi.gestaodocumental@tjsp.jus.br>, os documentos indicados para a solicitação formal - documentos de identificação da pesquisadora (RG, CPF, Comprovante de residência; Comprovante de vínculo com a instituição de pesquisa USP); termo de compromisso sigilo e confidencialidade; bem como o pedido de acesso, onde foram indicados a relevância destes documentos para o desenvolvimento da pesquisa.

No dia 21 de dezembro de 2021 recebemos a orientação que o fluxo divulgado no canal oficial havia sofrido alterações mediante o estabelecimento da portaria nº 9.978/2021 que Regulamenta a realização de pesquisas por órgãos de pesquisa, pesquisadores e entidades privadas, no âmbito do Tribunal de Justiça de São Paulo. Frente esta nova condição, a solicitação foi reformulada, de acordo com as atualizações das exigências estabelecidas, e reenviada - juntamente com a demais documentação necessária - no dia 07 de janeiro de 2022, à Diretoria de Planejamento Estratégico Palácio da Justiça (DEPLAN), através do endereço eletrônico <pesquisastjsp@tjsp.jus.br>.

Através de um contato telefônico à DEPLAN, realizado no dia 15 de fevereiro de 2022, fomos informados que a solicitação foi devidamente homologada e encaminhada para avaliação do juiz responsável, estando em processo de avaliação.

No dia 31 de agosto de 2022, recebemos o contato da chefe de Seção Judiciário do TJ de São Paulo informando sobre o aceite da solicitação para consulta dos inquéritos

arquivados. Após o aceite da solicitação para acesso aos documentos de inquéritos arquivados pelo Tribunal de Justiça de do Estado de São Paulo, foi agendado três consultas aos documentos na Seção de Preservação Documental - as quais ocorreram nos dias 02, 14 e 16 de setembro de 2022.

Ali chegando fui informada que tratava-se de um acervo de documentos específico para pesquisadores e historiadores. Assim, não contemplava todos os inquéritos registrados pelo município de São Paulo relacionados ao tema em questão. Entretanto, ali foi localizado um total de 28 documentos, compondo inquéritos e processos que investigaram casos de suicídio, os quais contemplavam casos de pessoas entre 65 e 18 anos de idade que cometeram suicídio.

Nesta primeira visita também foi-me informado que casos de jovens menores de idade, os quais também poderiam contribuir para esta investigação, são de mais difícil acesso uma vez que, geralmente, são protegidos por segredo de justiça. Sendo assim, visando a menor exposição desses jovens, como primeiro critério de triagem dos documentos encontrados, utilizamos o marco estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), o qual considera o período da adolescência e juventude a faixa etária entre 10 e 24 anos de vida, excluindo a faixa etária correspondente à jovens menores de idade, de 10 a 17 anos.

Foi possível identificar 9 documentos que correspondiam ao primeiro critério de triagem, dos quais dois foram eliminados em um segundo momento. Um deles foi eliminado por não conter na íntegra a carta escrita pelo jovem que cometeu suicídio, apenas menções à mesma; e o segundo devido dificuldade da pesquisadora em compreender a caligrafia do jovem que escreveu a carta, considerando o comprometimento para aproximação do conteúdo presente na mesma.

Desta forma, somaram-se 07 documentos de inquéritos e processos investigativos os quais puderam compor o estudo aqui presente, correspondente à casos de jovens entre 18 e 24 anos que cometeram suicídio, entre os anos de 1913 e 2011, contemplando quase um século entre o registro mais antigo e o mais recente, sendo estes referentes aos seguintes anos: 1913, 1928, 1995, 1997, 2000 e 2011. Todos os arquivos de inquéritos apresentados nesta pesquisa continham cartas ou bilhetes originais ou fotografados na íntegra, escritos por estes sujeitos momentos antes de suas mortes, endereçando um último dizer para àqueles que ficaram.

2. O QUE HÁ DE NOVO NA PUBERDADE?

Ao nos remetermos à ideia de adolescência, estamos nos confrontando com um conceito relativamente novo na história. Assim como destaca Stevens (2019), este termo entra no discurso popular por volta do século XIX e não se trata especificamente de um conceito psicanalítico. Com efeito, esta distinção de um período da vida, onde se marca o intermédio

entre a vida infantil e adulta, primeiramente abordada pela biologia a qual aponta para as mudanças físicas de maturação do corpo, logo é abraçada por outros campos do saber como pela psicologia e sociologia.

A partir dessas leituras, cria-se um campo de entendimento da adolescência enquanto este período marcado por uma crise global e generalizada - o que pode proceder enquanto uma leitura extremamente vaga e generalizada dos processos que aí se desenvolvem. Mais do que um fenômeno hormonal e físico, a puberdade diz de um fenômeno de corpo, um corpo em transformação que impacta no psiquismo, convocando o sujeito a se reorganizar frente a necessidade de separação dos pais (STEVENS, 2013; 2019).

A fim de situarmos este período da adolescência enquanto um tempo lógico do desenvolvimento, nos remetemos a uma das mais importantes obras de Freud, “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2010a). Ao retomarmos a hipótese freudiana do desenvolvimento psicosexual, resgatamos a compreensão de que a adolescência é justamente o advento do novo presente na puberdade, a partir do encontro com o real da maturação física e hormonal.

Tomamos cuidado para não deslocar a experiência adolescente quanto uma “cisão”, “ruptura” do desenvolvimento infantil, como possivelmente poderia conotar leituras que sustentam a noção de crise adolescente. Por outra via, buscaremos sustentar uma noção processual, pela qual os fenômenos da puberdade se articulam com as tramas e amarrações da pré-história do sujeito, resgatando os saberes colhidos durante a infância, ao passo que se abre uma via para alocar simbolicamente a experiência do encontro com o real do corpo, possibilitando, assim, um reposicionamento diante do desejo, para a entrada na vida adulta.

Ao passo em que o presente trabalho sustenta a relevância do endereçamento ao Outro, presente nas escritas dos adolescentes, buscaremos apontar, ao longo deste capítulo, a posição constitutiva deste Outro, e conseqüentemente os efeitos dessa referência no percurso

de retificação da trama infantil, percorrido pelos adolescentes. Como sensivelmente observa Rassial (1999), essa passagem percorrida pelos jovens “nos enseña más sobre el ser que toda ontología”⁷ (p. 11).

Freud (1905/2010a) nos apresenta sua pesquisa sobre o desenvolvimento psicosexual em um texto dividido em três eixos cruciais: “I. As aberrações sexuais”; “II. A sexualidade infantil”; “III. As transformações da puberdade”. Chama-nos atenção a importância referida para este período da puberdade que aqui nos dedicamos a estudar. Neste terceiro ensaio presente no referido texto, o psicanalista se ocupa na investigação das transformações desencadeadas no período da puberdade e as implicações destas na vida psíquica do indivíduo, o qual deve se haver com o inédito retorno libidinal após o período de latência.

O processo de desenvolvimento da vida sexual, cunhado no texto freudiano, sucede-se em três tempos, sendo estes: período auto erótico, latência e objetal - onde a puberdade corresponderia ao momento de transição a este último (FREUD, 1905/2010a). O autor destaca, de forma incisiva, ao longo de suas elaborações, que esta última etapa do desenvolvimento sexual se trata de um momento de reedição do enredo amoroso vivenciado nos tempos da infância, dando ênfase à pré-história que situa-se na experiência individual “as mesmas impressões que esquecemos deixaram, todavia, os mais profundos traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (FREUD, 1905/2010a, p. 76). A fim de circunscrever os efeitos destes momentos prévios nas questões que se indagam os adolescentes, retomaremos brevemente o percurso vivido pelo indivíduo anteriormente, na infância.

A escolha de objeto se desenvolve em dois tempos, onde o primeiro ocorre na primeira infância. A primeira satisfação sexual da criança ocorre na ocasião da ingestão do leite materno, onde o instinto sexual ainda que possua um objeto externo - seio da mãe - este

⁷ Nos ensina mais sobre o ser que toda a ontologia. (Tradução livre)

é perdido no momento em que a criança se torna capaz de formular a ideia total do corpo de quem fornece o órgão que lhe exprime a satisfação (FREUD, 1905/2010a).

Neste momento, o instinto se torna, usualmente, autoerótico, restabelecendo-se sua relação original após o período de latência. “Não é sem boas razões que a criança a mamar no seio da mãe se tornou o modelo de toda relação amorosa. A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta.” (FREUD, 1905/2017, p.143). Podemos verificar a tese freudiana até mesmo em observações cotidianas de bebês como, por exemplo, no ato de sucção do polegar, onde a criança encontra suas vias de satisfação em seu próprio corpo. No autoerotismo, as pulsões tendem a sua livre satisfação, porém ainda de forma desordenada, onde uma independente da outra (FREUD, 1905/2010a).

O período de latência é justamente o momento intermediário entre esses dois tempos da escolha objetal. Em Introdução ao narcisismo (1914/2010f), Freud se interroga sobre este processo que “interrompe”, por meio da repressão, os impulsos instintuais da libido, o curso dos investimentos objetais. O autor elabora que este momento se desenvolve ao passo em que a criança entra em conflito com as idéias morais da cultura. Dez anos mais tarde, Freud (1924/2011e) retoma suas indagações e aponta, como motivo desta renúncia, as dolorosas decepções enfrentadas frente à ameaça de castração.

Os investimentos objetais são temporariamente abandonados e substituídos por identificações - as quais tem a tarefa moldar o Eu a partir de referências parentais que foram tomadas como modelos - ao passo em que a autoridade parental é introjetada no Eu, perpetuando a proibição do incesto (FREUD 1905/2010a). O curioso dessa nova situação diz respeito ao fato de que a repressão vem do próprio Eu, ou melhor, a partir da assunção de um Ideal do Eu, herdeiro do Complexo de Édipo

As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes. A diferença entre as duas, que contém a condição da repressão, pode ser facilmente

colocada em termos que possibilitam uma explicação pela teoria da libido. Podemos dizer que uma erigiu um ideal dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. (FREUD, 1914/2010f p.27).

As metas libidinais são, então, inibidas e transformadas em identificações e impulsos ternos, com isso se dá início ao período de latência (FREUD, 1924/2011e).

O termo *latência*, nomeado por Freud, pode nos gerar a falsa impressão de que se trata de período “morno” do desenvolvimento infantil. Ao contrário, o autor revela o caráter de exploração da criança que busca recolher informações do meio em que vive em sua pesquisa individual. A pulsão de saber corresponde a uma forma sublimada de apoderamento das informações captadas e obtenção de satisfação no prazer de olhar.

O interesse da criança é despertado pelas questões de ordem prática que envolvem os dilemas vividos na infância, “o temor de perder cuidados e amor, como resultado disso, tornam a criança pensativa e sagaz” (FREUD 1905/2010a, p.103).

A partir do momento em que, aquele ser pode olhar para o mundo em sua volta, criar interesses pelas formas como acontecem as interações entre os adultos, interrogar sobre as normas estabelecidas em seu meio, absorver traços de sua cultura, família, ela passa a se localizar no laço em que vive, tem a oportunidade de deixar-se ser captado pelas nomeações que lhe são ofertadas. É justamente na elaboração desta cena, que Freud entende o narcisismo enquanto uma ação psíquica capaz de permitir o desenvolvimento do Eu (FREUD, 1914/2010f).

Com base nas indicações freudianas que percorremos aqui, onde o pai da psicanálise nos demonstra o processo de formação do Eu a partir do conflito narcísico vivido pela criança, Lacan (1949/1998a) pode nos auxiliar a compreender o processo de identificação que inaugura o Eu, ao propor uma releitura do conceito de narcisismo em seu texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”. O autor localiza o narcisismo enquanto uma

nova identificação decorrente de uma mudança na relação com a imagem. Lacan compreende o estágio do espelho como este momento em que a criança se identifica com a imagem de si refletida no espelho - processo que não se dá sem a via de mediação do Outro que a nomeia.

Há uma transformação produzida no sujeito a partir do momento em que este assume uma imagem de si, a partir da construção de uma *imago*, a qual permite estabelecer uma relação possível do organismo com o campo de sua realidade e determinações sociais. Trata-se de um processo de estruturação do Eu, apoiado em uma linha de construção ficcional e acompanhada pelo reconhecimento do Outro, que o introduz no campo das relações de linguagem. Configurando assim um momento de passagem do Eu especular para o Eu social. Enfim, tratamos aqui da assunção da identidade do Eu que conduzirá todo o desenvolvimento mental ao longo da vida, tendo como saída os próprios sintomas do sujeito. (LACAN, 1949/1998a).

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediação pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural - passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo (LACAN, 1949/1998ap.101)

Ao formular este momento “bascular para a mediação pelo desejo do outro”, cabe aqui situarmos que esta imagem apreendida a partir do referencial da alteridade não é total - e justamente pela sua dimensão faltante que o desejo se faz enquanto causa. Há um *resto* neste Outro, impossível de ser capturado em sua totalidade. A separação entre a criança e este sujeito materno (primeiro representante dessa figura de alteridade) produz a perda de um objeto, o objeto *a*, que em sua essência é perdido e jamais reencontrado (KHEL, 2015). Este objeto é inaugural de toda sucessão de objetos aos quais dirige-se o desejo, passando a funcionar ele mesmo enquanto causa do desejo (KHEL, 2015).

Em resumo, assim como nos reforça Alberti (2004), podemos localizar uma articulação entre ambos autores, no que diz respeito à formação do Eu, enquanto necessariamente mediado pela relação com um Outro. Como vimos, desde o início, Freud ressalta as primeiras relações do bebê com o mundo que o rodeia, as quais se constituem atravessadas pela mãe (ou substitutos), ou seja um Outro que preexiste anteriormente à sua chegada no mundo e produz influências no novo ser que se começa a se constituir, de forma tão radical que este pode se estabelecer necessariamente a partir dessa relação.

Nesse sentido, a retomada de Lacan deste percurso pode nos ser útil ao enfatizar a diferença desse Outro, grafado em maiúsculo, justamente por não se tratar de um outro qualquer, mas aquele que introduz o ser no campo das relações e da linguagem, ao qual o bebê pode fazer um apelo frente ao seu desamparo fundamental. O que Lacan aponta aqui se trata justamente à essa referência de alteridade, ao passo em que se faz possível estabelecer a existência de um Outro, abre-se a via para entender-se enquanto um Eu diferenciado (ALBERTI, 2004).

Ao percorrermos todo esse processo elaborado por Freud, no que diz respeito às primeiras fases do desenvolvimento psicosssexual, buscamos aqui apontar para os efeitos destes nos momentos posteriores da vida, em especial a puberdade. Como vimos, desde o início, Freud nos detalha que o percurso trilhado em cada um dos períodos do desenvolvimento preparam o indivíduo para os desafios posteriores, ao mesmo tempo que os restos deixados de questões ainda remanescentes desencadeiam efeitos, estes que farão suas marcas nos momentos subsequentes. Conforme grifa Rassial (1999), a adolescência ao mesmo tempo que se configura enquanto uma consequência da infância, é também a entrada na vida adulta, indicando um momento de recapitulação, mas também inauguração.

Assim como salienta Morabi e Macedo (2017), este destaque à puberdade que Freud dedica em seu texto, enfatiza a importância das vivências posteriores ao momento edípico tão

relevantes quanto este para a estruturação do sujeito, e seu enlaçamento com o campo da alteridade:

se o desenvolvimento sexual terminasse com a fase edípica, significaria que somente as experiências dos primeiros anos de vida seriam decisivas para a vida em sociedade. Dessa forma, a história ocorreria sempre de forma cíclica, com cada geração reproduzindo novamente a experiência dos pais. Entretanto, a emergência da puberdade flexibiliza as estruturas psíquicas previamente consolidadas no seio da família, viabilizando, uma reestruturação da subjetividade, não sendo restrita somente às injunções dos pais. É chegado o momento de revisar as soluções encontradas durante a infância, possibilitando novas formas de identificação e aquisição de novos objetos. (MORABI E MACEDO, 2017, p. 480).

No que tange a nossa investigação acerca da concepção freudiana da puberdade, a diferença fundamental deste momento da vida, em relação aos anteriores, diz respeito ao esforço do púbere em reeditar as pulsões parciais, as quais - após este momento de retorno provocado pela latência, onde a criança pode estabelecer uma via de relação com o mundo - agora estão subordinadas sob o primado dos genitais e endereçadas a um objeto único de satisfação. Ao passo em que ainda que este objeto já fora pré-estabelecido anteriormente, as fases pré genitais estabelecem uma espécie de organização “frouxa”, exigindo um novo rearranjo. Nas palavra de Corso (2002):

A adolescência é o resultado da operação de inversão do Édipo, quando aquilo que conseguiu decantar enquanto identificação deve dar lugar novamente ao amor. É importante aqui observar que não é daquilo que repousava que a tarefa adolescente se nutre; ela é feita de pendências, de pontas soltas, que não fazem parte de alguma trama do que o pequeno ser já angariou para sua identidade. (p. 21).

Freud (1905/2010a), então, recupera o que acredita ser os principais desafios deste período de desenvolvimento psicosexual, qual seja: a tarefa de reorganização das pulsões sexuais no psiquismo, que agora já comporta uma identidade, para entrada na vida sexual adulta. Ou seja, faz-se necessária a elaboração de escolha de outro objeto sexual, diferente dos da infância. Entretanto, esta complexa tarefa só encontra um caminho possível de

realização a partir da separação da autoridade parental. Vejamos como o autor elabora este percurso.

Após o período de latência vivido no primeiro momento da infância, onde a pulsão sexual apresentava-se de forma predominantemente autoerótica, nos processos da puberdade, os quais estabelecem o primado das zonas genitais, agora o indivíduo deve encontrar um objeto sexual. Ou melhor, reencontra.

Como vimos, a barreira do incêsto impõe então o que Freud (1905/2010a) aponta, como um dos encargos mais significativos e dolorosos da puberdade, “o desprendimento da autoridade dos pais” (p.149), ao passo em que é imposta a necessidade de uma nova amarração, na qual a saída se dá pela via da busca de um novo objeto e reposicionamento sexual. Vale ressaltar que, ainda que “novo”, este objeto se constitui atravessado pela influência das fantasias infantis.

Este percurso retém, em cada um de seus passos, alguns indivíduos que se empenham em trilhá-lo, havendo aqueles que jamais conseguem superar a autoridade paterna, ou o fazem de forma parcial (FREUD, 1905/2010a). “*É como a perfuração de um túnel a partir dos dois lados*” (p. 121 - Grifo nosso), onde se busca convergir as correntes terna, esta que carrega consigo o que resta do florescimento inicial da sexualidade infantil - e a sensual, desencadeada pela maturação sexual, dirigidas ao objeto e à meta sexual (1905/2017).

Mas porquê essa retificação se faz tão necessária? Freud (1914/2010f) aponta a saída do narcisismo a partir da necessidade de construção de laços de amor:

A partir disso ousaremos abordar esta outra questão: de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar (p.20).

Lacan (1974/2003), ao retomar a obra freudiana a fim de elaborar o prefácio da obra “O despertar da primavera”, contribui com nossa leitura ao situar a dimensão do real, presente no desenvolvimento da maturação sexual, descrita por Freud. Referimos enquanto o encontro com o real àquilo que escapa à qualquer possibilidade de simbolização e, por este motivo, “não cessa de não se inscrever”. O trabalho percorrido então na adolescência diz de como cada um elabora uma saída possível ao se deparar com o despertar pulsional desencadeado pela irrupção da libido. Trata-se do percurso de construção de um tratamento possível para os rastros e restos deixados pela infância.

Tratamos aqui do encontro do real da puberdade, o qual não se trata propriamente da irrupção hormonal e anatômica, mas esta coincide com o órgão que é marcado pelo discurso, o qual denuncia a falta de um saber sobre o que fazer frente ao outro sexo. Para Stevens (2019), a prova desta afirmação está no fato de que o desenvolvimento hormonal não produz problemas nos animais, “Nunca se escuchó hablar de crisis de adolescencia en los terneros cuando éstos se transforman progresivamente en toros”⁸ (p.4). O autor situa, então, *a adolescência enquanto sintoma da puberdade*. Em outras palavras, o que verificamos é o real de um órgão marcado pela linguagem. Ao se deparar frente a estes dilemas, a tarefa que cada adolescente carrega está em produzir uma resposta única, singular: a idade de *todos os possíveis* frente ao encontro com o *impossível* (STEVENS, 2019).

Ou seja, ao retomarmos a maturação sexual, tratamos aqui de um corpo em transformação, onde o sujeito se depara com mudanças anatômicas e hormonais, comportando um certo descompasso entre a imagem de si constituída anteriormente. Considerando este cenário, Rassial (1999) argumenta que, na adolescência, transcorre a partir de um certo momento lógico posterior ao estágio do espelho, ao passo em que o jovem

⁸ Nunca se ouviu falar em uma crise da adolescência nos bezerros quando estes se transformam progressivamente em touros. (Tradução livre)

detecta em seu corpo os objetos parciais equivalentes aos do campo do Outro, reivindicando o seu crescimento como um apelo em ser reconhecido como semelhante.

Ese doble resorte pulsional de la voz y la mirada permite definir a la adolescencia como momento lógico del a posteriori del estadio del espejo, apropiación parcial de la mirada y de la voz de la madre, quien antaño reconoció en el espejo lo que vio el niño. El adolescente debe confrontarse, más allá de una muerte de la imagen, al hecho de que el sujeto no se define sólo por ser (en la permanencia que instaura el fort-da), sino por tener, de que allí se juega una dinámica de la pérdida del ser. La adolescencia es el momento en el que el niño, tomando la medida del tiempo, que es el de transformar al síntoma en sujeto, se apropia como síntoma, del síntoma que él ya es en el deseo de los padres, y que se le devuelve como su signo. (RASSIAL, 1999, p.17)⁹.

Importante destacarmos que o desejo do Outro já fora incorporado pelo adolescente. Como demonstra Alberti (2004), esse é justamente o parâmetro que estabelece o final da infância: “a definitiva incorporação do Outro da infância de maneira que o sujeito não seja mais tão dependente da idealização dos pais da sua infância” (p. 13). Assim, não se trata da separação do Outro, mas sim da imagem dos pais idealizados.

2.1 A ADOLESCÊNCIA E SUAS SAÍDAS...

Até aqui, foi possível localizarmos os desafios exigidos no período da puberdade, porém, como podemos verificar, até mesmo em observações cotidianas, existe uma série de saídas possíveis e criativas que os jovens, com perspicácia, nos apresentam. Ora, longe de posição de ignorância, a adolescência nos mostra um saber, um saber em excesso, como nos alude Rassial (1999). Se esse conhecimento aparece de forma insolente, desafiadora ou até

⁹ Essa dupla mola pulsional da voz e do olhar permite definir a adolescência como um momento lógico do a posteriori da etapa do espelho, apropriação parcial do olhar e da voz da mãe, que outrora reconhecia no espelho o que a criança via. O adolescente deve enfrentar, além de uma morte da imagem, o fato de que o sujeito não se define apenas pelo ser (na permanência que o fort-da estabelece), mas pelo ter, que é uma dinâmica da perda do ser. A adolescência é o momento em que a criança, tomando a medida do tempo, que é transformar o sintoma em sujeito, se apropria como sintoma, do sintoma que já está no desejo dos pais, e que lhe é devolvido como seu signo. (RASSIAL, 1999, p.17 - Tradução livre)

mesmo disruptiva em alguns momentos, é por se tratar do conhecimento acerca dos limites, da incoerência, da incompletude do ser.

A promessa edipiana frustrada pela realização da debilidade dos pais, faz com que os jovens muitas vezes adotem uma postura conflitiva perante os mesmos, passam a confrontá-los, desqualificá-los e até mesmo os repreender frente a desilusão provocada. Porém, Freud (1905/2010a, 1914/2012) não deixa de destacar que esta oposição apresenta também sua relevância para o avanço cultural, ao passo em que estabelece uma abertura para o desenvolvimento na nova geração frente à antiga.

O garoto começa a lançar o olhar além de sua casa, para o mundo real lá fora, e inevitavelmente faz descobertas que solapam sua elevada estima original do pai e promovem seu desprendimento desse primeiro ideal. Vê que o pai não é o homem mais poderoso, mais sábio, mais rico etc., fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo e a classificá-lo socialmente, e o faz pagar caro, geralmente, a decepção que ele lhe causou. Tudo de mais promissor, mas também tudo de chocante que caracteriza a nova geração, tem por condição esse desprender-se do pai (FREUD, 1914/2012, p.422).

Para que possamos nos aproximar de uma possível compreensão da vida psíquica na adolescência, é preciso considerarmos esta como um percurso de busca de novas virtudes, entre os ensaios e erros, busca-se abrir uma via para a construção de uma possibilidade de entrada no campo das relações sociais (RASSIAL, 1999).

Freud (1915/2013; 1905/2010a) apresenta-se algumas saídas possíveis para o tratamento dos destinos da pulsão, os quais como vimos, devem ser reordenados para a entrada na vida adulta, a partir da trama estabelecida nos primeiros estádios da infância. Ou, em termos lacanianos, podemos dizer sobre os modos de tratamento do real.

Assim, teríamos quatro possíveis destinos encontrados para a pulsão, a grosso modo, podemos apresentá-las da seguinte forma: a) *Reversão em seu contrário*: a qual pode ser estabelecida a partir de dois processos distintos; a conversão de atividade para passividade, como observamos na inversão do sadismo em masoquismo (substituição de metas); ou ainda na inversão de conteúdo (meta), a qual consiste na conversão de amor em ódio, frente às

ambivalências afetivas. b) *Voltar-se contra a própria pessoa*: Esta resposta conserva os traços narcísicos da infância, tomando o Eu como objeto de satisfação das pulsões. c) *Repressão*: Consiste no processo de manter algo afastado da consciência, frente a impossibilidade de conciliar a obtenção de prazer com as exigências do Ideal do Eu. Neste caso, o conteúdo reprimido retorna enquanto sintoma. d) *Sublimação*: Afastamento do interesse sexual, sublimando o interesse sexual, num investimento à coisas elevadas, colocando em marcha processos de criação estética ou intelectuais.

Stevens (2019) nos aponta alguns exemplos de como estes processos podem se apresentar enquanto sintomas nas posições assumidas pelos jovens. Uma delas estaria acompanhada do entusiasmo pelo saber - conseguimos observar os muitos adolescentes se aventurando nos estudos e, por meio destes, investindo na eleição de uma grande carreira. É possível encarar como uma solução que pode se apresentar de forma positiva frente ao dilema. Tratamos aqui de um posicionamento de respeito ao saber sobre as significações sobre o mundo, como uma espécie de substituição do da falta de saber sobre o sexo.

Há também aqueles que, por certas vias, desconsideram o saber, esvaziando seu sentido, ao passo em que este não pode responder a única pergunta que realmente os interessa. Colocam-se a fazer outras coisas, colocando em marcha o caminho da experimentação, buscando a experiência de prazer por meio de outros objetos. Podemos também identificar as respostas pelas vias da identificação com os pares, estabelecendo vínculos possíveis com o outro. Nesse cenário é possível reconhecer a filiação entre grupos - como bandas, comunidades virtuais (STEVENS, 2019).

Outro caminho indicado por Freud (1905/2010a, 1914/2012) como saída desse embaraço, estaria no encontro com uma figura de autoridade - a exemplo dos mestres e professores - os quais possam servir de substituto do pai, ao apresentar-se como referência de um ideal. Aqui encontramos outra rota possível ao tomar o pai, ou seu substituto, como

sintoma (STEVENS, 2019) Em uma leitura lacaniana, através da via dos ideais, o jovem pode encontrar uma rota, a partir da oferta de significantes mestres capturados no campo do Outro, possibilitando a disposição do excesso pulsional ao alojá-lo na linguagem. Trata-se da oferta de traços que servem como apoio para articulação de representações simbólicas (GURSKI, 2014).

Entretanto, conforme aponta Fortes e Macedo (2017) em alguns momentos em o excesso pulsional não é possível ser articulado simbolicamente, há situações onde irrompe-se a passagem ao ato enquanto recurso último de tratamento do excesso pulsional.

Como destino pulsional, a volta da pulsão em retorno a si mesmo expressa aqui a impossibilidade de enunciação de intensidades e o predomínio automutilatório de si mesmo. Neste contexto, o ato contra si mesmo denuncia a rasura nos destinos dos investimentos psíquicos. (FORTES E MACEDO, 2017, p. 357).

Portanto, a fim de sustentar uma posição de sujeito desejante, o adolescente deve criar vias possíveis para se haver com o desamparo fundamental do ser. Ou seja, é necessário se confrontar com as impossibilidades, transmitidas simbolicamente pela castração. Como vimos, Freud marca muito bem que a castração é uma espécie de inscrição dos limites que cada um deve incorporar diante das leis que nos permite a entrada no campo das relações humanas.

Para poder se desempenhar como sujeito do desejo é preciso que o adolescente não se engane com as demandas de amor que não deixam de ser uma tentativa de velar o fato das impossibilidades. O adolescente deve saber que não há como escapar do desamparo fundamental intrínseco ao ser humano, por mais dolorosa que seja essa constatação ele já sabe que o Outro não pode protegê-lo, apenas enriquecê-lo com algum recurso para encarar o desamparo sozinho. (ALBERTI, 2004, p. 16).

Ainda que se trate de um percurso solitário, no qual cada adolescente deve encontrar sua resposta própria e singular, como foi possível estabelecer até o momento, este processo não se dá sem a referência de um Outro. Por isso, como destaca Gurski e Pereira (2016) a via para encontrar formas de se estabelecer no laço social passa, necessariamente, pela

possibilidade de construir uma nova narrativa de si, intermediada pela alteridade. Entretanto, não podemos desconsiderar alguns efeitos do tempo e da cultura nesta passagem (GURSKI e PEREIRA, 2016; CATROLI e ROSA, 2013). Catroli e Rosa (2013) nos convidam a considerar a angústia em sua dimensão política “diante das diversas modalidades de violência e ruptura e o conseqüente apagamento do sujeito, impedido de se separar do discurso social que o aliena e o impede de endereçar sua demanda” (p. 312) e, mais adiante, prosseguem:

Num contexto de fragilização social caracterizado por enormes zonas anômicas e seus bolsões de exceção, o sujeito adolescente pode encontrar dificuldades de arrimar, de ancorar sua existência em um Outro que se faça fiador de seu desejo. Assim, como diz Rosa (2010), o adolescente se expõe ao risco de confrontação com o traumático e de emudecimento diante deste, já que esse Outro não lhe garante mais uma experiência de sentido e pertencimento que lhe facilite sair da solidão e de responder como sujeito (p. 313).

Como nos mostra Lacan em seu Seminário livro X “A angústia” (1962-1963/ 2005), o sintoma se faz enquanto uma barreira frente ao surgimento da angústia. Entretanto, quando o sintoma se desagrega, face a impossibilidade de realizar um trabalho de ligação ou contenção do estímulo pulsional, o que ocorre com a irrupção de um real, temos a emergência do Ato¹⁰.

Os atos de suicídio, ou tentativas, aparecem como uma resposta clássica como recurso último de saída da cena frente o surgimento da angústia. Estes podem ser lidos a partir da dimensão do *acting out* - ou seja, como uma evitação da angústia, com orientação de um apelo ao Outro face ao desamparo; ou ainda como o seu contrário, a partir de uma passagem ao ato - quando não há mais nada mais para se endereçar ao Outro, restando apenas a alternativa de precipitação para fora da cena. É o que podemos apontar como desfalecimento do fantasma, na impossibilidade de uma articulação frente aos impasses que esta idade nos coloca, as fantasias construídas na infância desfalecem.

A questão do suicídio dos jovens, apresentada aqui de modo introdutório, é um ponto muito caro à nossa pesquisa. Portanto, ao introduzir este debate não podemos nos dar ao luxo

¹⁰ Esta discussão será retomada com maior profundidade no capítulo “A psicanálise face o enigma do suicídio” (página 54)

de apresentá-lo sem o rigor necessário, uma vez que se trata de um complexo campo de debate para a psicanálise, contornado uma série de nuances e *detalhes* (os quais são imprescindíveis para nossa leitura). Neste presente capítulo, buscamos situar a experiência da adolescência enquanto um tempo lógico onde o sujeito, amparado por suas vivências e saberes prévios, têm a importantíssima tarefa de inventar caminhos possíveis para si.

Nesse momento, enfatizamos nossa discordância em relação à alguns posicionamentos que genericamente atribuem à adolescência a visão de um momento baseado em uma crise generalizada, dando um tom catastrófico à experiência dos jovens. Pelo contrário, tratamos aqui de um momento único de possibilidades de criação e assunção do desejo - ainda que destaquemos que estes não se dêem sem seus desafios.

Por fim, ao longo deste capítulo buscamos debruçar nosso olhar sobre a experiência da adolescência, assim como destaca Morabi e Macedo (2017), faz-se necessário um olhar cuidadoso face a complexidade desse momento de transição: “Trata-se de não patologizar a adolescência, porém tampouco descuidar da necessária atenção considerando que nela podem ser incrementadas as fragilidades psíquicas de um sujeito que está no auge de um processo de ressignificação do si mesmo” (p.482). Assim, tendo em vista os limites dos objetivos deste capítulo, apresentaremos em seguida, no decorrer deste trabalho, uma possível leitura psicanalítica, a qual nos contribui para a aproximação do fenômeno dos suicídio dos jovens.

Por fim, destacamos uma última questão que nos parece essencial, podemos verificar que não se trata de definir este processo em idades e faixa etárias pré estabelecidas. Este cuidado está presente nas nomeações “fases do desenvolvimento”, “estágio do espelho”, os autores furtam-se em estabilizar em um determinado período pré-estabelecido tanto pela impossibilidade de definir um marco de término para estes processos, como também por tratar-se de um processo que diz de uma experiência sempre muito singular. Ao circunscrevermos uma faixa etária para o processo de triagem das cartas coletadas, trata-se de

uma escolha metodológica que nos permite um certo direcionamento para a nossa investigação - ainda que estejamos previamente avisados de seu caráter quase arbitrário.

3. A PSICANÁLISE FACE AO ENIGMA DO SUICÍDIO

Ao tratarmos o suicídio enquanto enigma, levamos em conta o inconsciente estruturado como linguagem, e já de antemão podemos dizer que o ato de suicídio está articulado às cadeias de significação do inconsciente. Enigmático pois, uma vez consumado o ato, o suicida interrompe bruscamente o fluxo dessa cadeia, deixando para os que ficam a tarefa de reconstruí-la retrospectivamente.

Em um dos primeiros trabalhos onde Freud (1910/2013) dedica-se a comentar sobre o suicídio, ao propor uma breve elaboração sobre o suicídio de jovens estudantes, o autor abre os debates psicanalíticos sobre o tema com o questionamento: “Como é possível subjugar o poderoso instinto de vida, se isso pode ocorrer apenas com a ajuda da libido decepcionada ou se o Eu renuncia à afirmação de si mesmo por motivos próprios do Eu?” (p.390). A partir desta indagação o autor vai construir em trabalhos subsequentes o que nomeia “explicações para o enigma do suicídio” (FREUD, 1920/2011b, p. 119).

Ao recorrermos ao dicionário PRIBERAM¹¹, encontramos a seguinte definição para enigma: 1. Descrição obscura ou ambígua, mas verdadeira, que se faz de uma coisa, para que outrem diga o nome dessa coisa. 2. [Figurado] Arrazoado obscuro. 3. Coisa obscura, difícil de compreender. 4. Pessoa que, por qualquer circunstância, vive ou obra de modo incompreensível. *enigma mudo* • Enigma em que o desenho ou determinados sinais representam o que se deve interpretar.

É então na obscuridade de sua significação que o suicídio se apresenta enquanto enigma. Em meu percurso clínico de escuta em instituições de saúde, pude observar a tentativa de familiares de imputar - com grande horror frente à perda abrupta de um ente querido - sentidos para o ato de autoextermínio. Falas como “Porquê ele fez isso? Não faz sentido, o que foi que não vi?”; “Ele só se importava com ele mesmo, não se preocupou em como eu me sentiria”; “Fez isso *porque* não aguentou toda a pressão”, nos apontam para os

¹¹ "**enigma**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/enigma> .[consultado em 15-04-2022].

obscurantismos e efeitos de desamparo que o ato suicídio impõe para aqueles que o testemunham, os quais tomam para si a tarefa de atribuir-lhe um sentido.

Não só para os familiares, mas para as ciências, o suicídio clama por uma explicação, edificando-se enquanto um fenômeno multifacetado e transdisciplinar, o qual pode ser parcialmente elucidado a partir de estudos sociológicos, epidemiológicos, econômicos, psicológicos, históricos, antropológicos, estatísticos..., que tentam dar conta de suas múltiplas facetas. Assim como nos mostra Brunhari (2017), a psicanálise não se abstém face este enigma - desde os primeiros conceitos clínicos de Freud os quais no percorrer de sua obra constão os pilares do suicídio enquanto Ato.

Neste capítulo faremos um esforço de retornar à obra de Freud, propondo um possível caminho para a elaboração de uma leitura psicanalítica do suicídio. Em um primeiro momento, iremos acompanhar o percurso trilhado durante a pesquisa de Freud, observando seus desdobramentos teóricos, os quais possibilitam o nos aproximarmos de uma possível concepção do tema do suicídio para o autor. Trata-se de uma questão discutida de forma difusa ao longo de toda a obra do psicanalista, a qual avança complexificando-se ao longo dos anos. Optamos então, neste primeiro momento, a dar maior ênfase aos seguintes escritos freudianos: “Rascunho G: Melancolia” (1895/1996a); “Introdução ao narcisismo” (1914/2010f); “Luto e Melancolia” (1915/2010f); “Além do princípio do Prazer” (1920/2010g); “O eu e o Id” (1923/2011c) e “O problema econômico do masoquismo” (1924/2011e). Estes textos nos servirão de base para pensar dois conceitos os quais fazem-se fundamentais para pensar uma metapsicologia do suicídio a partir das elaborações de Freud, a saber: melancolia e a pulsão de morte.

Tratar a melancolia como um conceito paradigmático para se pensar o suicídio pela psicanálise pode ser justificado pela relação que Freud já afirmava precocemente em seu texto “Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio” (1910/2013). Ainda que o autor

destaque que, à época que o texto foi escrito, não dispunha de embasamento teórico suficiente para debater com maior profundidade acerca dos processos afetivos presentes no quadro melancólico, o autor já aponta para a relação da melancolia com possíveis desdobramentos suicidas.

A respeito do segundo conceito que buscaremos nos debruçar neste capítulo, já de antemão nos precavemos em relação à armadilha da tentativa de estabelecer uma relação direta linear e perigosamente simplista entre a pulsão de morte e consequente efeitos de autodestruição. Como veremos a seguir, trata-se de um complexo campo de forças que nos apontam para o caráter mortífero da pulsão que levaram Freud a elaborar o conceito de pulsão de morte no texto “Além do Princípio do prazer” (1920/2010g).

Antes de dar início ao nosso percurso faz-se importante localizarmos aqui a posição freudiana em relação à produção científica. Nesse sentido, salientamos a posição freudiana frente à elaboração de uma ideia ou conceito. No texto “As pulsões e seus destinos”, Freud (1915/2013) discorre sobre o processo de formulação de novos conceitos. O artigo se inicia revogando a exigência de construção de um conhecimento científico “edificado sobre conceitos fundamentais claros e precisos” (p. 24). O autor nos aponta para o caráter dinâmico da construção de um saber, que passa por alguns tempos a partir da descrição e agrupamento dos fenômenos, para sua posterior ordenação e articulação com o campo relacionado (FREUD, 1915/2013). Neste primeiro tempo de trabalho de uma ideia, estas comportam uma importante dimensão de indeterminação e, somente após a extensiva exploração de determinado fenômeno, torna-se possível apresentar conceitos fundamentados em determinados campos teóricos.

Podemos compreender a posição de Freud frente à produção científica que longe de desconsiderá-la ou descartá-la, propõe um avanço ao considerar a dimensão de fluidez diante da elaboração do saber, o que possibilita seus progressos e reformulações frente aos impasses

apresentados nos diversos campos de conhecimento, considerando as limitações e obstáculos ao se propor definições demasiadamente enrijecidas (FREUD, 1915/2013). Desta forma, percorreremos os textos clássicos do autor que tocam a questão do suicídio, com a finalidade de elucidar como Freud propõe uma compreensão sobre a temática do suicídio, ao passo que faz avançar a teoria psicanalítica. Assim, também é alvo de nosso interesse neste capítulo os caminhos percorridos por Freud para fazer avançar sua teoria frente aos impasses que este observou em sua prática clínica.

3.1 MELANCOLIA: A DOR DO IRREPRESENTÁVEL

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus
(Chico Buarque)

Em nosso primeiro ponto de parada nos debruçaremos sobre a melancolia. Cerca de 20 anos antes da publicação de “Luto e Melancolia” (1915/2010f), Freud escreve em seu “Rascunho G: Melancolia” (1985/1996a) algumas considerações acerca do quadro clínico, as quais nos darão pistas para os caminhos trilhados pelo autor. Freud localiza desde já o caráter da perda melancólica, ao estabelecer de antemão a correspondência com o afeto do luto, ele diferencia deste último ao identificar uma perda de natureza pulsional, manifestando como efeitos a perda da libido.

Em paralelo aos quadros de anorexia nervosa de jovens, Freud (1985/1996a) nos aponta para processo da perda libidinal desencadeada pela melancolia. Nestes casos, tem-se como única justificativa apresentada para a insistente recusa alimentar seria a total falta de apetite, a qual corresponderia, em termos sexuais, ao desaparecimento da libido, “Portanto,

não seria muito errado partir da idéia de que a melancolia consiste em luto por perda da libido" (FREUD, 1985/1996a, p. 150).

No percurso de sua elaboração, Freud nos apresenta três formas por onde a melancolia se apresenta: 1) melancolia grave, onde se cessa a produção de energia sexual somática 2) melancolia neurastênica, que corresponde ao desvio da energia sexual do campo psíquico; 3) melancolia de angústia, onde a energia desviada é utilizada em outra parte entre o campo psíquico e somático. O que podemos observar de comum nessas três formas de apresentação diz respeito ao declínio libidinal e conseqüente retração do investimento psíquico (FREUD, 1985/1996a).

Neste sentido, nos deparamos com um processo de intenso sofrimento, onde fazendo transbordar a dor psíquica. A partir dessa perspectiva, Freud (1985/1996a) produz uma metáfora em relação à dor melancólica, como uma espécie de hemorragia interna, observando o processo de retração da esfera psíquica ao se deparar com a súbita queda libidinal, produzindo efeitos de sucção da quantidade de excitação. O autor enfatiza o intenso sofrimento causado pela necessidade de desenlace libidinal, o qual se expressa de forma inibidora. Temos então uma ferida provocada pela hemorragia, a qual se instala como um buraco na esfera psíquica.

Desde esse momento inicial podemos observar em Freud a operação melancólica situada no campo do registro do simbólico. O “buraco” descrito pelo psicanalista nos aponta para a dissolução da cadeia representacional, assim como destaca Brunhari (2015):

Todavia, em psicanálise, e logo nos primeiros escritos de Freud, já encontramos o indício de uma subversão quando temos que o mecanismo melancólico opera a partir de uma problemática intrínseca ao registro simbólico. A dor passa a ter um estatuto distinto quando seu funcionamento denuncia um relacionamento com a linguagem. Contudo, o que se coloca na melancolia é um buraco doloroso por onde a cadeia representacional dissolve e esco. (p.73)

Em relação à ideia apresentada por Brunhari (2015), ao avançarmos um pouco no tempo, a ruptura do encadeamento simbólico fica ainda mais evidente no texto de

1915/2010f, "Luto e melancolia". Neste trabalho podemos acompanhar o desenvolvimento de alguns tópicos apresentados no "Rascunho G: Melancolia" (Freud, 1985/1996a), no que diz respeito à melancolia, aprofundando o debate e fazendo avançar a compreensão clínica deste fenômeno.

Retomando o paralelo com o luto, Freud (1915/2010f) evidencia a dor melancólica em relação à dor da perda de um objeto, reforçando que aquilo que o distinguiria do luto é a natureza mais ideal desta perda: "O objeto não morreu verdadeiramente, foi perdido como objeto amoroso" (p. 130). Assim como insiste o psicanalista, ainda que o melancólico consiga reconhecer quem foi perdido, não é possível identificar *o que* se perdeu nesse alguém, temos então que tal instância apresenta-se de forma inconsciente.

Outro aspecto importante, retomado por Freud (1985/1996a), é a forma como os indivíduos melancólicos se apresentam no que diz respeito à uma inibição global e empobrecimento do Eu, onde se expressa o esvaziamento do interesse pelo mundo externo, além da acentuada auto recriminação e insultos contra o próprio Eu, em alguns casos podendo "chegar a uma delirante expectativa de punição" (p. 128). Para Freud, tais declarações expressas pelo melancólico apontam para uma perda do próprio Eu. Para o autor, este processo de auto recriminação se apresenta como uma "chave" para a compreensão do quadro melancólico, ao passo em que as duras ofensas e recriminações que seriam dirigidas para o objeto perdido, voltam-se para o próprio Eu. Em outras palavras, o autor aponta aqui para um processo de identificação do Eu com o objeto abandonado, "Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto se transformou em uma perda do Eu" (FREUD, 1915/2010f, p. 133).

Sendo assim, Freud nos esclarece que a melancolia se apresenta como efeito de uma operação a qual, de um lado, recolhe traços do luto e, por outro, toma um caráter regressivo a partir da identificação narcísica com o objeto perdido que outrora foi amado.

Para aproximarmos melhor deste processo de identificação narcísica que Freud salienta nos estados melancólicos, retomaremos brevemente algumas elaborações do autor em seu texto “Introdução ao Narcisismo”¹² (FREUD, 1914/ 2010d). Do ponto de vista constitutivo, conforme pudemos acompanhar no capítulo anterior, Freud já situa o processo de formação do Eu necessariamente mediado pela relação com as figuras de referência. Na construção freudiana, no momento em que a criança passa a captar as dinâmicas do mundo em sua volta, colhendo os ideais da cultura onde está inserida, observando a forma como os adultos interagem entre si e consigo ela começa a elaborar uma imagem de si, ao passo que constitui também o que é o outro. A partir deste encontro com intersubjetividade a criança passa a introjetar as referências de como deve portar-se para ser amado, balizando suas próprias referências do que seria para si um ideal do eu (Freud, 1914/ 2010d).

A expectativa do ideal do eu cria contornos que vão acompanhá-lo por toda vida. É como se o eu estivesse constantemente se “medindo” em relação a esta imagem que representa o que deveria ser, atuando sobre ele mesmo enquanto uma instância crítica (Freud, 1914/ 2010d). Com o avançar de sua obra, Freud (1923/2011) aproxima seu conceito de ideal do eu com a autoritária instância do Supereu, o qual pode enjambrar contornos tão rigorosos para o Eu, que tornam-se inatingíveis em sua essência¹³.

A dinamicidade dos ideais não é difícil de se supor ao levarmos em conta que o percurso de uma vida é constantemente atravessado por novos encontros, experiências, formulações e rearranjos. Ainda que as marcas daquele primeiro encontro jamais sejam

¹² O texto freudiano “Introdução ao narcisismo” (1914/ 2010d) foi publicado pelo autor um ano antes de “Luto e Melancolia” (FREUD, 1915/2010f). Destacamos esta aproximação temporal entre os dois textos a fim de enfatizar o processo de construção da teoria psicanalítica que se desenvolve em um percurso ao longo de um caminho de elaboração, onde as produções teóricas não se dão de forma necessariamente linear, mas com avanços, pausas e recuos, de forma sempre inacabada, ao passo que a clínica movimenta este percurso.

¹³ Esta “instância crítica” do Ideal do Eu que Freud formula já em 1914 ganha grande importância ao longo de sua produção teórica nos anos seguintes. Posteriormente, 10 anos mais tarde, em 1924 o autor vai retomar o conceito de Ideal do Eu que ganha novos contornos a partir da elaboração da segunda tópica com a instância do Super-Eu, apresentada em “O Eu e o Id” (FREUD, 1923/2011c). Retomaremos esta segunda obra ao longo deste capítulo.

completamente transformadas ou apagadas (sempre há um resto!), a constante reatualização dos ideais denuncia a impossibilidade de sua concretização.

A importância e a amplitude do tema talvez justifiquem o acréscimo de algumas outras observações, em ordem mais solta: O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal. Ao mesmo tempo, o Eu enviou os investimentos libidinais de objeto. Ele se empobrece em favor desses investimentos, tal como do ideal do Eu, e novamente se enriquece mediante as satisfações ligadas a objetos, assim como pelo cumprimento do ideal. Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetual. O ideal do Eu deixou em condições difíceis a satisfação libidinal nos objetos, na medida em que seu censor rejeita parte deles como intolerável. Quando um tal ideal não se desenvolveu, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade, como perversão. Ser novamente o próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância — eis o que as pessoas desejam obter, como sua felicidade. O enamoramento consiste num transbordar da libido do Eu para o objeto. Ele tem o poder de levantar repressões e restaurar perversões. Ele eleva o objeto sexual a ideal sexual. Como, no tipo objetual ou de apoio, ele sucede com base no cumprimento de condições de amor infantis, pode-se dizer que tudo o que preencher tal condição de amor será idealizado. O ideal sexual pode se colocar num interessante vínculo auxiliar com o ideal do Eu. Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para a satisfação substitutiva. Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo da escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve (...) Esse expediente tem particular importância para o neurótico, que devido a seus investimentos de objeto excessivos está empobrecido no Eu e incapaz de cumprir seu ideal do Eu. Busca então o caminho de volta ao narcisismo, após o seu esbanjamento de libido nos objetos, escolhendo um ideal sexual conforme o tipo narcísico, que possua os méritos para ele inatingíveis. Isso é a cura pelo amor, que via de regra ele prefere à cura analítica. (...) A insatisfação pelo não cumprimento desse ideal libera libido homossexual, que se transforma em consciência de culpa (angústia social). A consciência de culpa foi originalmente medo do castigo dos pais, mais corretamente, da perda do seu amor; o lugar dos pais foi depois tomado pelo indefinido número de companheiros (FREUD, 1914/ 2010d p. 33-34)

Neste processo, onde o Eu se encontra extremamente identificado com o objeto, há um deslocamento da recriminação que seria dirigida a este, que se volta contra o próprio Eu. Se, em um momento, o objeto foi investido de amor, o qual não pode ser renunciado, o eu se resguarda a partir da identificação narcísica, ou seja, o ódio dirigido ao eu - ao se humilhar e dirigir os mais cruéis insultos a si próprio - gera uma satisfação sádica do sofrimento, de modo a resguardar o amor dirigido ao objeto (FREUD, 1914/ 2010d; 1985/1996a). Em outras palavras, assim como o amor dirigido ao objeto retorna na forma do ideal do eu, remetendo

ao processo de narcisismo primário, a hostilidade em relação ao objeto recai sobre Eu, enquanto uma violenta auto recriminação.

Ao destacarmos assim o embaraço em relação ao objeto, evidencia-se a ambivalência dos afetos dirigidos a este. Segundo o autor, é esse sadismo que pode nos dar pistas a respeito do suicídio (FREUD, 1915/2010f). Respondendo a pergunta que formulara no texto de 1910, apresentado anteriormente, onde Freud se interroga sobre por quais vias o eu, investido de tanto amor de si próprio e regido pelo princípio do prazer, pode se imputar deliberadamente tanta recriminação, levando-se ao próprio extermínio? Podemos identificar, nos desdobramentos desta interrogação, o caráter irrepresentável pela linguagem desta perda que recai sobre o eu “como uma sombra tornando-o vítima de si próprio” (BRUNHARI, 2017, p. 64). A este respeito, Macedo (2019) nos enfatiza as vias pelas quais, na experiência melancólica, a impossibilidade de representabilidade do sofrimento arrebatava o sujeito os limites de sua dor:

Os destrutivos e mortíferos efeitos de experiências traumáticas deixam o sujeito preso a um tempo que não passa, e dessa forma segue imperando a repetição de intensidades tanáticas. Em face do fracasso ou da impossibilidade de atribuir sentido ao que lhe ocorre, o sujeito fica à mercê de forças que desfazem seus precários investimentos, “roubam” seus poucos recursos e o jogam no sombrio campo do desamparo e da desesperança diante do devir (p.221).

Se em “Luto e Melancolia” Freud (1985/1996a; 1915/2010f) dá ênfase para a impossibilidade de representação psíquica para a dor hemorrágica presente na melancolia, ao acentuar os conflitos de amor e ódio em relação ao objeto narcísico, ele também nos indica a dimensão pulsional que envolve o ato de autodestruição. Ainda que presente de forma tímida no primeiro momento da investigação freudiana sobre o suicídio, esta hipótese ganha mais corpo com o avanço de suas investigações - as quais acompanharemos nas próximas seções deste capítulo.

Com base no que pudemos acompanhar até aqui, foi possível salientar que, para Freud, o que diferencia a dor melancólica de outras formas de sofrimento (como o luto) é,

justamente, a impossibilidade de representação do objeto perdido, o qual recai sobre o eu. É então justamente essa impossibilidade de representação que faz da melancolia um conceito paradigmático para pensarmos o suicídio (BRUNHARI, 2017).

Verificamos também o caráter libidinal da operação melancólica, dando importância ao processo narcísico presente nesta operação onde o Eu se identifica narcisicamente com o objeto perdido e é investido de amor e ódio, retornando a ação violenta e hostil contra o próprio Eu. Neste ponto, já podemos localizar o caráter pulsional presente no dilema melancólico. Sendo assim, veremos a seguir como Freud articula nos textos posteriores os efeitos do dualismo pulsional, articulando-os com a noção de pulsão de morte.

3.2 PULSÃO DE MORTE E SUA INTIMIDADE COM EROS: A AMBIVALÊNCIA PULSIONAL

Ao propor uma teoria acerca da melancolia, Freud (1915/2010f) nos aponta para a dimensão pulsional que perpassa tal processo, entretanto, ainda faz-se necessário nos debruçarmos sobre tal dimensão pulsional, extraindo suas consequências para pensarmos o suicídio. Ao percorrer este caminho, como veremos nos próximos parágrafos, Freud retoma a teoria do princípio do prazer e faz avançar a teoria psicanalítica ao passo que desenvolve o conceito de pulsão de morte que, mais adiante, abre espaço para a elaboração de sua segunda tópica.

Antes de seguir, retomamos brevemente a noção freudiana de princípio do prazer. No texto "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico", Freud (1911/2010c) recupera o princípio do prazer-desprazer como um mecanismo regulador primário, em termos de desenvolvimento psíquico, onde é possível identificar vestígios de uma fase em que constituíam unicamente processos anímicos. Esses processos se dão através dos esforços em

atingir o prazer e a satisfação, ao passo em que a atividade psíquica se retira daquelas atividades que podem gerar desprazer. Temos, como exemplo, a fuga neurótica da realidade - observadas por meio dos sonhos, das fantasias infantis e do devaneio na vida adulta. Entretanto, este mecanismo, sozinho, não consegue dar conta das exigências internas, reivindicando novas reformulações (FREUD, 1911/2010c).

O termo pulsão de morte foi apresentado pela primeira vez por Freud em 1920 (2010g) no texto “Além do princípio do prazer”, onde o autor compreende duas formas de apresentação das pulsões: Pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte. O conceito de pulsão foi formulado inicialmente por Freud como um entre: algo que se situa na fronteira entre corpo e mente. Expliquemos melhor: a pulsão tem sua fonte nos órgãos do corpo, o qual gera um estímulo para o psiquismo (FREUD, 1920/2010g). Tratamos então de um conceito fronteiro entre os limites do campo somático e psíquico.

A pulsão se distancia dos instintos ao passo que esta não busca meramente a realização de uma necessidade, mas de uma satisfação. Os instintos em seu estado puro seriam facilmente satisfeitos ao alcançarem sua meta, por meio de um objeto específico. A exemplo, instinto de fome é sanado após receber o leite; porém a satisfação da pulsão nunca é plena, o bebê segue chorando. Isso pois não é apenas de leite que o bebê se nutre, mas também de palavras (FREUD, 1905/2010a).

A partir da frustração psíquica em promover a satisfação de forma interna (ou narcísica, em termos freudianos), o psiquismo abre-se para a realidade externa. Conforme nos adverte Freud (1911/2010c), o princípio da realidade não nega o princípio do prazer, mas o adia, abdicando-se de um prazer momentâneo e incerto, em prol de um prazer seguro que virá a posteriori, como forma de proteção. Salienta-se as formas de educação como exemplo fundamental de incentivo à superação do princípio do prazer pelo princípio da realidade (FREUD, 1911/2010c).

Ainda assim, este esquema não consegue elucidar os processos psíquicos que envolvem as compulsões à repetição, as quais, assim como aponta a clínica, claramente reproduzem condições de extremo sofrimento. Freud (1920/2010g) observa que não se trata apenas de uma busca para o retorno a um estado de satisfação plena. O que faz com que incansavelmente repitamos situações de desprazer? Uma possível explicação é desenvolvida a partir do exemplo do Fort Da, onde a criança repete a sensação desagradável de ver a mãe partir, por meio do jogo de carretel. A partir dessa cena, pensa-se que, ao ocupar uma posição ativa na brincadeira, a criança passa a sentir satisfação nessa posição de atividade. Avançando em sua elaboração, Freud (1920/2010g) retoma a noção de que a excitação produz desconforto e o princípio do prazer estaria em evacuar o excesso de excitações no corpo, por meio de processos como sublimação - desviando a energia sexual para outros objetos como a arte e a produção intelectual.

Levando às últimas consequências, o esvaziamento total de energia, no limite, retornaríamos ao estado inanimado da matéria. A pulsão de morte se desenvolve no texto de Freud (1920/2010g) quando o autor aponta o caráter mortífero da pulsão. Não se trata de uma polarização radical entre pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte. Na medida em que, no decorrer de sua obra, Freud aponta a impossibilidade de dissociação de ambas as apresentações pulsionais, o autor faz um paralelo com a biologia, ao resgatar os estudos de organismos primitivos, onde nos indica os mecanismos de reprodução de seres unicelulares, em que para multiplicar-se necessariamente têm de destruir o organismo primário para posteriormente dividir-se em dois (FREUD, 1920/2010g).

Temos, então, que a pulsão de morte se desenvolve a partir de um avanço da teoria pulsional, uma vez que em suas primeiras formulações o conceito de pulsão se esbarrava na compreensão de que a obtenção de prazer é conquistada por meio de uma evacuação quantitativa de energia, condizente com a ideia de que o funcionamento do psiquismo busca

sempre uma diminuição do nível de tensão interna, de acordo com o princípio do prazer. Conforme sublinha Metzger e Silva Jr (2010), esta revisão permite um avanço ao viabilizar a aproximação de fenômenos psíquicos que claramente desobedecem ao princípio do prazer:

O argumento de Freud é simples: se toda “situação anterior” fosse o objeto de uma tendência de retorno do organismo, haveria dois tipos de pulsões. Em primeiro lugar, o tipo que coagiria o organismo a retornar aos momentos posteriores ao seu nascimento. Em segundo lugar, o tipo que o obrigaria a retornar ao estado anterior à vida orgânica. Esta seria a pulsão de morte. (METZGER E SILVA JR, 2010 p.2)

A partir desse horizonte, propomos discutir no próximo tópico como o conceito de pulsão de morte seguiu seu desenvolvimento na obra freudiana após suas primeiras considerações. Daremos destaques aos avanços propostos nos textos “O Eu e o Id” (1923/2011c) e “O problema econômico do masoquismo” (1924/2011e).

3.2.1 Dualismo e defusão pulsional

No texto de 1923 (2011c), “O Eu e o Id”, com a fundamentação da segunda tópica, Freud acentua a concepção dinâmica do aparelho psíquico, reforçando o caráter ambivalente da pulsão. Aponta para a imagem de um Eu mediador, encurralado entre as exigências de satisfação plena do Id e da tirania moral do Super-eu - herdeira da lei paterna que se interioriza a partir do complexo de Édipo. Ao retomar o dualismo presente na pulsão de vida e de morte Freud (1923/2011) destaca que ambos

comportam-se de maneira conservadora, no sentido mais estrito, ao se empenhar em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Este surgimento seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, da aspiração pela morte, a própria vida sendo luta e compromisso com essas duas tendências. A questão da origem da vida permaneceria cosmológica, a da finalidade e propósito da vida seria respondida de forma dualista. (p. 50-51).

Freud retoma o exemplo paradigmático da melancolia como expressão extrema da severidade super-egóica (correlata ao Ideal do Eu). A partir do retorno sádico sobre o eu, ocorre um deslocamento da agressividade que outrora fora dirigida para o campo exterior. Tem-se então a ideia de um Super-eu que “arremete implacavelmente contra o Eu como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. O que então vigora no Super-eu é como que pura cultura da pulsão de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte” (FREUD, 1923/2011c p. 66-67).

Faz-se importante ressaltarmos aqui a função protetora do Super-eu que, em tempos primevos, fora desempenhada pelo Pai, assim, para que o Eu possa viver este necessita ser amado, ser amado pelo Super-eu. Ao passo que, na impossibilidade de se cumprir as exigências morais desta instância, no limite o Eu se depara com a miséria do desamparo; desabrigado de possibilidades de proteção, deixa-se morrer. A angústia de morte é então abordada na melancolia como um abandono de si por, na impossibilidade de ser amado, sentir-se odiado pelo Super-eu (FREUD, 1923/2011c).

No trabalho subsequente "O problema econômico do masoquismo" de 1924, Freud avança suas proposições a respeito da teoria pulsional, enfatizando a potência dos deslocamentos pulsionais, atentando para o masoquismo erógeno como sua apresentação fundamental. O masoquismo apresenta-se então enquanto resto que permanece dos investimentos de amor e ódio dirigidos pela libido aos objetos externos (BRUNHARI, 2017).

Considerando isso, assim como destaca Freud (1924/2011e), a fim de garantir a sobrevivência do eu, a libido tem a tarefa de tornar inócua esta pulsão destruidora, cumprindo ao desviá-la em parte para fora, para os objetos do mundo exterior, outra parcela é diretamente posta a serviço da função sexual. Assim como destaca Brunhari (2015), embora parte da pulsão de morte consiga transpor-se para o campo exterior, um resíduo permanece

instalado no aparelho psíquico. Na ocasião do retorno sádico, este se somará ao masoquismo entricheirado, desencadeando um processo de tortura do eu (BRUNHARI, 2017).

Faz-se importante destacar que não tratamos aqui de fenômenos isolados do psiquismo, e assim como insiste Freud (1924/2011d). As duas formas de pulsão afluem de maneira amalgamada, fazendo-se inviável pensar em efeitos puros de pulsão de morte ou de vida. Estes se apresentam enquanto misturas, em diversos graus. Nesse sentido, o psicanalista não exclui a obtenção de satisfação frente às situações de auto destruição. Como exemplo, Freud (1924/2011e) nos chama a atenção para a relação terapêutica negativa - ainda que haja sofrimento advindo do sintoma, tem-se a função de satisfazer a necessidade imperativa da culpa que exige punição.

Ao indicar a indissociabilidade do dualismo pulsional, temos que a agressividade oriunda da pulsão de morte poderia ser utilizada em função da pulsão de vida, a partir da orientação desta para fora do indivíduo, preservando-o, portanto, da destruição. Cometeríamos um grande equívoco se considerássemos a pulsão de morte como a origem de todos os efeitos maléficos que o indivíduo causa a si mesmo. Pelo contrário, a ligação com Eros possibilita a descarga da pulsão de morte, a direcionando para fora do indivíduo. Uma vez desviada para o exterior e fusionada à pulsão de vida, a suposição freudiana é que ela possa ser sublimada via curiosidade investigativa. O que torna esse debate ainda mais complexo, diz respeito ao fato que ainda assim, um resto da pulsão de morte se conserva no indivíduo, considerando a impossibilidade da expulsão total (METZGER e SILVA JR, 2010).

A partir da breve introdução da teoria pulsional freudiana, observa-se a formulação do conceito de pulsão de morte foi necessária para que se pudesse avançar a teoria psicanalítica, tendo em vista os impasses clínicos encontrados por Freud, no que diz respeito às primeiras formulações acerca da repetição e do princípio do prazer. Fez-se importante também para a

afirmação do caráter dinâmico e ambivalente da constituição psíquica, possibilitando o avanço da formulação da segunda tópica freudiana.

Podemos acompanhar essas articulações de Freud em um caso onde o autor se dedica a escrever sobre a tentativa de suicídio de uma jovem, conhecido pelo caso da jovem homossexual (FREUD, 1920/2011b). A título de curiosidade, chama-nos atenção que o ano de publicação deste caso coincide justamente com o momento em que Freud elabora pela primeira vez o conceito de pulsão de morte em “Além do princípio do prazer” (1920/2010g).

Trata-se de uma paciente jovem, que desperta preocupação dos pais ao manter encontros, e uma relação galanteadora, com uma mulher mais velha e de reputação duvidosa. Em um dos encontros marcado em local e horário, onde não seria difícil ser vista pelo pai, a jovem é pega em flagrante pelo progenitor em companhia da dama cortejada, sendo repreendida pelo olhar paterno. Ao reportar à donzela que aquele homem seria seu pai, tal como que ele havia proibido a amizade entre elas, a dama determina que deveriam terminar sua relação naquele mesmo instante. Neste momento a jovem precipita-se pela grade da estação de trem onde passava, resultando em diversos ferimentos e escoriações pelo corpo (FREUD, 1920/2011b).

No decorrer de sua elaboração sobre o caso, Freud nos aponta para duas questões importantes no que diz respeito à sua leitura sobre o suicídio:

No desespero de haver perdido a amada para sempre, ela buscou a morte. Por trás da sua interpretação, porém, a análise descobriu outra, mais profunda, que se apoiava nos seus próprios sonhos. *A tentativa de suicídio significava, como era de se esperar, duas outras coisas: a execução de um castigo (autopunição) e a realização de um desejo.* Nesse último sentido, era a consecução do desejo cuja decepção a impelira à homossexualidade, isto é, ter um filho do pai, pois ela “caiu” por culpa do pai. (...) Como autopunição, o ato da garota nos evidencia que ela desenvolvera, no inconsciente, fortes desejos de morte em relação a um ou outro genitor. Talvez por vingança, contra o pai que impedia seu amor; mais provavelmente contra a mãe, quando ela estava grávida do irmão menor. Pois a psicanálise trouxe a seguinte explicação para o enigma do suicídio: talvez ninguém encontre a energia psíquica para se matar, se, primeiro, não estiver matando também um objeto com o qual se identificou, e, em segundo lugar, se não estiver dirigindo contra si mesmo um desejo de morte que era voltado para outra pessoa. A descoberta

regular de tais desejos inconscientes de morte no suicida não deve surpreender, nem impressionar como uma confirmação das nossas deduções, pois o inconsciente de todos os vivos está pleno de tais desejos de morte, inclusive em relação a pessoas amadas (1920/2011b, p.119, - Grifo nosso).

Neste trecho podemos ver os dois pontos principais por onde Freud vai percorrer suas elaborações a respeito do suicídio no decorrer de sua obra. O primeiro diz respeito à posição melancólica de autopunição, onde o eu vê-se identificado com o objeto alvo do seu amor/ódio, nas palavras de Brunhari: “quando nos referimos ao ato suicida a partir dos critérios freudianos, podemos perceber que o eu se identifica a algo que não obedece aos limites simbólicos. Dessa maneira a Jovem Homossexual deixa-se cair como um rebotalho e como um dejetivo que se desprende” (2017, p. 99).

O segundo ponto evidenciado por Freud, refere-se à realização de um desejo, enfatizando o atravessamento libidinal presente no ato suicida, a partir do retorno sádico. Ou seja, se há realização de um desejo, há também satisfação por meio do ato.

Se por meio dessas articulações Freud vai se distanciando da tentativa de colar o ato suicida à uma motivação linear frente aos últimos acontecimentos que precedem sua efetivação, justamente ao qualificá-lo no campo do ato, o suicídio não necessariamente estará atrelado à ordem do sentido.

3.3 SUICÍDIO ENQUANTO ATO: A SAÍDA DE CENA, A APARIÇÃO AO MUNDO

Avançando em nosso percurso, nesta segunda parte buscaremos investigar o aspecto motor que se faz presente no ato do suicídio. A partir das coordenadas apresentadas por Freud nos seus textos "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana" (1901/1996b) e "Recordar, repetir e elaborar" (1914/2009), onde este introduz a instância do inconsciente no campo do Ato, avançaremos com leitura de Lacan, proposta em seu "seminário Livro 10: A Angústia"(1962-1963/2005).

Assim como já nos adverte Brunhari (2017), para o trabalho psicanalítico, é de grande importância distinguirmos aqui as noções de ação e ato. O autor argumenta que a distância presente na díade diz respeito à entrada do inconsciente neste campo. Desta forma, é possível compreender que o ato vai além do mero movimento de descarga motora, alheia à significação. Retomar esta discussão nos auxilia a localizar as tentativas de suicídio articulada à malha de significantes.

Podemos de antemão verificar tal hipótese na publicação de Freud de 1901 (1996b), onde este estende a compreensão dos lapsos da fala - como esquecimento de nomes próprios, palavras estrangeiras, sequência de palavras, etc. - à falhas de funções motoras, enfatizando o caráter simbólico destas. Ao longo do escrito, Freud (1901/1996b) afasta a suposição de uma natureza acidental de tais equívocos da fala e da atividade motora ao estabelecer relações destes com a história pregressa dos indivíduos, tomando como prova da impassividade com que se aceita o dano produzido nestes casos, a existência de um propósito inconsciente como pano de fundo para a realização do que determinamos como atos falhos.

Cair, dar um passo em falso e escorregar nem sempre precisam ser interpretados como falhas puramente acidentais das ações motoras. O duplo sentido que a linguagem confere a essas expressões é suficiente para indicar o tipo de fantasias guardadas que se podem representar através desses abandonos do equilíbrio corporal. (FREUD, 1901, p. 115).

Conforme são apresentadas uma série de relatos onde é possível observar a falha motora como uma possibilidade de resolução de conflitos psíquicos, Freud (1901/1996b) não deixa escapar os suicídios ou atos de auto infração os quais, eventualmente, podem se apresentar como acidentais. Entretanto, conforme desenvolve em trabalhos posteriores - assim como apresentado na seção anterior, podem indicar uma atribuição de autopunição frente eventos presentes na história prévia de seus autores.

Freud (1901/1996b) nos apresenta no caso de uma jovem senhora, sua paciente, a qual, após um grave acidente de carruagem, permanece por semanas acamada por lesões em

suas pernas. O psicanalista, atento, observa a ausência de quaisquer tipo de expressões de dor, tal como a tranquilidade com a qual a moça suporta as adversidades causadas pela ocorrência. Ao elucidar os acontecimentos que contornaram o acidente, a jovem senhora esclarece que, à ocasião, estava hospedada na fazenda de sua irmã, na companhia de seu marido muito ciumento. Certa noite, a moça exhibe seus talentos ao dançar cançã, sendo recebida pelo círculo de espectadores de convívio íntimo familiar com calorosos aplausos; porém, com desaprovamento do marido o qual lhe sussurra: “Você tornou a se portar como uma meretriz!”. Após uma noite inquietante, na manhã seguinte a jovem senhora sente vontade de realizar um passeio de carruagem, ainda que esboce um pressentimento negativo frente ao mesmo. No momento em que os cavalos da carruagem, de fato inquietos, demonstram dificuldade na condução, a moça se atira da carruagem, ocasionando as fraturas nos membros inferiores. Os demais passageiros terminaram o passeio ilesos. Conforme observa Freud, (1901/1996b) não é difícil supor o caráter arranjado do acidente, o qual materializa o castigo: "por muito tempo ela ficou impossibilitada de dançar o cançã" (p. 119).

Outro caso de um acontecimento supostamente acidental apresentado por Freud (1901/1996b) o qual destacaremos aqui, por levantar a suspeita do psicanalista de que se tratava de um suicídio "inconscientemente permitido" (p. 180). Estamos nos referindo ao caso de um oficial que caiu do cavalo durante uma prova hípica, ocasionando em graves ferimentos que o levaram a morte alguns dias após o evento. Freud nos chama atenção para a conduta do oficial nos momentos anteriores ao acidente fatal, durante os quais ficara profundamente abalado com a morte de sua amada mãe, compartilhando com seus colegas, durante crises de choro, estar farto da vida. Ainda que fosse um habilidoso cavaleiro, passou a evitar a prática de montaria sempre que possível. Não podendo se esquivar da última corrida, relatou um pressentimento ruim diante da mesma. Ainda que o psicanalista reconheça os

efeitos de inibição motora diante do estado de depressão apresentado pelo oficial, não deixa de enfatizar o mecanismo presente neste frente a intenção de autodestruição.

Freud (1901/1996b) nos aponta para a face inconsciente dos "equivocos da ação", onde estes apresentam-se de forma articulada com conflitos psíquicos presentes na história de cada indivíduo. O autor enfatiza a tendência à autopunição a qual "comumente se expressa na autocensura ou contribui para a formação do sintoma, tira hábil partido de uma situação externa oferecida pelo acaso, ou contribui para sua criação até que se dê o efeito lesivo desejado" (p. 118).

Consideramos também as articulações presentes nos casos onde o suicídio se apresenta de forma intencional e consciente. Nestas ocasiões, é importante destacarmos as escolhas presentes nas intencionalidade das épocas, meios e oportunidades, as quais não se fazem tão distintas dos casos anteriores que aqui destacamos (FREUD, 1901/1996b).

No texto de 1914/2009, "Recordar, repetir e elaborar", ao observar a compulsão à repetição durante o tratamento analítico, Freud avança em suas considerações em relação ao ato, indicando o processo de resistência à rememoração onde este se apresenta. Na impossibilidade de recordar o que aconteceu, frente às forças do recalque, o paciente atua (*acting out*) e, sem saber, reproduz no tempo presente aquilo que foi esquecido. "Por exemplo: o analisando no diz que não se lembra de haver sido teimoso e rebelde ante a autoridade dos pais, mas se comporta de tal maneira diante do médico" (FREUD, 1914/2009, p.149).

O tratamento psicanalítico, portanto, deve se orientar para a suspensão do conteúdo recalcado, possibilitando o processo de elaboração a partir da recordação (FREUD, 1914/2009). Ao marcar a elaboração como um processo essencial para o trabalho da análise, observa-se a atuação como um impasse para tal processo, ao que Freud (1914/2009) orienta a manter no âmbito psíquico (pela via da palavra) os impulsos que o analisante busca

descarregar pela via da ação. A partir desta leitura, Brunhari (2017) destaca que o ato carrega uma dupla faceta, de modo que, por um lado, inclui a possibilidade de reatualização de conteúdos inconscientes; por outro, surge como oposto à elaboração, apresentando-se no campo da falta de sentido.

Nestes trabalhos, Freud (1901/1996b) nos introduz algumas importantes dimensões do ato, enquanto formações do inconsciente. O autor avança ao não se deixar seduzir pela aparente banalidade dos atos cotidianos e, conforme fomos acompanhando nos exemplos clínicos apresentados pelo autor, bem como nas atuações em situações de análise, o ato se irrompe na impossibilidade de representação pela via da linguagem, “Quem silencia com os lábios, fala com a ponta dos dedos; delata-se por todos os poros” (FREUD, 1905/2010a, p. 263).

Esse aspecto do insuportável de se lembrar, por onde faz surgir o ato, pode ser articulada com dimensão da *angústia*. Para Freud (1926/2011f), a angústia corresponde a um afeto caracterizado pela sensação de desprazer, no qual se manifestam atos de descarga que buscam evacuar o excesso pulsional presente. Para o autor, o surgimento da angústia está, por um lado, relacionada intimamente com o medo de castração, fazendo-se presente ao atualizar a ameaça original em um momento atual de perigo. No decorrer de sua elaboração sobre este afeto, Freud (1926/2011f) vai nos apontando que o medo da castração implica também o medo de castração tem como conteúdo a falta do objeto de amparo.

A angústia aparece, então, como reação à falta do objeto, e duas analogias se nos apresentam: que também o medo da castração tem por conteúdo a separação de um objeto bastante estimado e que a angústia mais primordial (o “medo primevo” do nascimento) origina-se na separação da mãe. (FREUD, 1926/2011f, p.58).

Assim, a angústia é a instância responsável pelo trabalho de repressão, por onde o Eu buscaria se furtar das sensações de desprazer. Freud (1910/2013) ilustra essas formulações a partir do caso do “Pequeno Hans”. Resumidamente, a fobia aparece justamente para “tamponar” a ameaça de castração presente na figura paterna. Assim, o garoto direciona sua

angústia para o objeto fóbico (cavalo), permitindo a manutenção do vínculo com o progenitor. Esse mecanismo também estaria presente em outras manifestações neuróticas como, por exemplo, na neurose obsessiva onde, por meio do ato de repetição, trava-se uma contínua luta contra o material reprimido; na histeria de conversão onde há um superinvestimento em determinado órgão do corpo, desviando a excitação perturbadora... Enfim, com isso é possível observar que estamos tratando aqui da formação sintomática, que, por sua vez, são criações que tem por finalidade de evitar a situação de perigo, servindo como uma espécie de barreira ao encontro com a angústia. Nas palavras de Besset (2001):

O que está em jogo na angústia, então, tanto no afeto quanto na neurose de mesmo nome, é uma incapacidade do psiquismo em reagir, através de ação adequada, ao estímulo, tanto exógeno, no primeiro caso, quanto endógeno, no segundo caso. Em ambos, trata-se do impedimento da estimulação sexual transformar-se em libido psíquica. É esta "não ligação" que nos leva a afirmar que, na angústia, há ausência de simbolização. Daí seu caráter de excesso de algo que escapa à palavra, que desafia nosso fazer na clínica. Para Lacan, esta é uma das definições do real, aquilo que não pode ser apreendido pelo simbólico. (p. 138).

Retomando a questão do suicídio: a partir do que Freud nos apresenta, dizer que o suicídio estaria relacionado à angústia, simplesmente por se configurar como ato de descarga, ou como resposta frente ao insuportável, não estaria em total desacordo com a teoria freudiana. Contudo, correríamos um risco em cair em um fechamento simplista, frente uma questão - como pudemos acompanhar até aqui - bastante complexa.

Ao passo em que podemos extrair importantes consequências da categoria do ato em Freud, observamos que se trata de um conceito que se apresenta de forma pontual em algumas obras do autor, podendo estar pendente de maiores elaborações. Por isso, recorreremos a O Seminário livro X de Lacan "A angústia" (1962-1963/2005) e ao Seminário livro XV "O Ato psicanalítico" (1967-1968) nos quais, a partir da teorização freudiana, o psicanalista francês vai fazer avançar este debate, adicionando novas contribuições ao enfatizar a presença da angústia no ato suicida. Se, nas articulações freudianas, a angústia é

sem objeto, ou seja ela irrompe quando o objeto falta, Lacan (1962-1963/2005) vai reformular esta proposição:

Em Inibição, sintoma e angústia, Freud nos diz, ou parece dizer, que a angústia é a reação-sinal ante a perda de um objeto. E ele enumera: perda sofrida em bloco, quando do nascimento saído do meio uterino; perda eventual da mãe, considerada como objeto; perda do pênis; perda do amor do objeto; perda do amor do supereu. Ora, que lhes disse eu, da última vez, para colocá-los num certo caminho que é essencial apreender? *Que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta.* (p.64 - Grifo nosso).

O que Lacan nos situa aqui diz respeito à importância da falta. Conforme o autor vai demonstrando, a ausência da mãe, por exemplo, é a própria garantia de sua presença neste revezamento presença-ausência. Porém, o que realmente imprime angústia na criança é quando não há a possibilidade da falta. Por essa via, Lacan (1962-1963/2005) afirma que a angústia não é sem objeto, e nos introduz ao objeto da angústia: o objeto *a*. Segundo o psicanalista francês, este objeto *a*, trata-se justamente do resto que escapa à apreensão da imagem especular do eu oferecida pelo Outro:

Ela consiste em partir da constituição do objeto correlato de uma primeira modalidade de abordagem, o reconhecimento de nossa própria forma. Afirma que esse reconhecimento, em si mesmo, é limitado, pois deixa escapar algo do investimento primitivo em nosso ser que é dado pelo fato de existirmos como corpo. Não será uma resposta não apenas razoável, mas controlável, dizer que *é esse resto, esse resíduo não imaginado do corpo, que, por um desvio que sabemos designar, vem manifestar-se no lugar previsto para a falta, e de um modo que, por não ser especular, torna-se impossível de situar?* Com efeito, uma das dimensões da angústia é a falta de certos referenciais (LACAN, 1962-1963/2005, p. 71 - Grifo nosso).

No momento em que algo ocupa este lugar previsto pela falta, em outras palavras, na falta da falta. É o instante de maior embaraço para o sujeito, onde tudo perde o seu valor. Podemos aferir o surgimento da angústia enquanto o afeto correspondente à emergência deste objeto não especular. Por seu efeito real, impossível de ser simbolizado, o ato pode aparecer enquanto uma resposta, a ação surge como barreira para evitar a angústia (Lacan, 1962-1963/2005). Assim como enfatiza Cremasco e Brunhari (2009), é apoiado nestas

reformulações, a respeito do mecanismo da angústia “o qual tem como base o objeto a que, em sua relação com o sujeito, permite uma articulação entre a angústia e a ação suicida” (p. 799).

Estas articulações são apresentadas por Lacan (1962-1963/2005) a partir da retomada do caso da Jovem Homossexual descrito por Freud (1920/2011b) - o qual fizemos referência anteriormente neste capítulo¹⁴. Lacan vai dar ênfase ao termo “*niederkommen*” usado por Freud em um jogo de palavras, o qual do alemão pode ser traduzido por “dar a luz”, mas que estabelece relação com o ato de deixar-se cair da jovem.

Lacan expressa a importância do *niederkommen* para com o relacionamento entre o sujeito e o que ele é como objeto a, emprega o ato do melancólico que, com muita rapidez, deixa-se cair pela janela. Ao jogar-se da janela apregoa-se o limite entre a cena e o mundo, uma vez que esse sujeito retorna à sua exclusão fundamental. O sujeito salta por entre o limite da cena e do mundo quando há uma conjunção entre o desejo e a lei. (CREMASCO e BRUNHARI, 2009, p. 800).

Na leitura de Lacan (1962-1963/2005), a jovem decepcionada com o pai devido o nascimento de um irmãozinho, passa a se comportar de forma viril em relação à amada,

“empenhara-se, portanto, em fazer de sua castração de mulher o que faz o cavalheiro com sua Dama, (...), fazia dela o suporte do que faltava no campo do Outro, ou seja, a suprema garantia de que a lei é efetivamente o desejo do pai, de que temos certeza disso e de que existe uma glória do pai, um falo absoluto” (p.124).

Na cena, em que a jovem é arrebatada pelo olhar reprovador do pai e rejeitada pela amada, tudo perde o seu valor, produzindo o embaraço supremo do sujeito, que a conduz para a passagem ao ato (1962-1963/2005).

Com base nas proposições freudianas, Lacan aponta para duas facetas do ato: passagem ao ato e *acting out*. Enquanto passagem ao ato, segundo o autor, esta se faz quando não há mais a possibilidade de remeter um dizer. A passagem ao ato se dá no momento de queda total do Outro, erradicando qualquer possibilidade de circular a linguagem, pois já não há um remetente possível. O sujeito se retira da cena, deixa-se cair. Esta se dá no embaraço

¹⁴ Página 67.

do sujeito enquanto ser falante, ou seja, a partir da cena em que o sujeito se localiza em sua história, ele adianta-se ao evadir-la, despencando de fora da cena para lançar-se ao mundo.

Por isso mesmo é que foi muito útil, nas primeiras fases deste discurso sobre a angústia, eu formular uma distinção essencial entre dois registros: de um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime, e do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir, tem de assumir um lugar como portador da fala, mas só pode portá-la numa estrutura que, por mais verídica que se firme, é uma estrutura de ficção. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 130).

Do outro lado da atividade motora, temos o *acting out*, elaborando-o como completo oposto da passagem ao ato. Lacan nos apresenta sua concepção do *acting out* a partir de seus efeitos de amostragem, de orientação ao Outro. Como recurso à evitação da angústia, paradoxalmente, ao passo que o *acting out* se exhibe, da forma mais visível, mantém-se velado em determinado registo, assim como insiste Lacan (1963). Precisamente, por esse caráter, mostra sua causa apenas enquanto resto.

É interessante o paralelo que Lacan propõe entre este e o sintoma. Ao contrário do que pode-se pensar, afirma o autor, o sintoma não pede interpretação, esta só é possível a partir da transferência, ou seja a partir da introdução do Outro (LACAN, 1962-1963/2005).

A fim de elucidar tais configurações, Lacan (1962-1963/2005) relê o caso da jovem homossexual apresentado por Freud (1920/2011b). Segundo este primeiro, a jovem faz uma passagem ao ato no instante em que se atira, evadindo da cena. Entretanto, todo o resto, toda a aparição e apreciação da dama em público, que se dirige ao olhar paterno, é o que podemos chamar de *acting out*.

Neste momento o que podemos verificar é que “dimensão do Outro a qual o ato vem testemunhar já não é mais eliminável” (LACAN, 1967-68, 17/1/68). Para evidenciar esta intimidade do ato com a referência à instância da alteridade, Lacan irá recuperar o evento histórico da travessia do Rubicão realizada por César, enfatizando que "Ultrapassar o Rubicão não tinha, para César, uma significação militar decisiva. Mas, em compensação ultrapassá-lo

era entrar na terra-mãe. A terra da República, aquela que abordar era violar" (LACAN, 1967-68, , 17/1/68).

O cruzamento realizado por César, daquele pequeno filete de água, não ganha seu estatuto de ato por se tratar de um grande empenho físico, e nem mesmo por uma grandiosa conquista em termos militares. O que Lacan (LACAN, 1967-68, 10/01/68) nos direciona é para o caráter simbólico e transgressivo do ato de César. Simbólico pois se articula a partir da transposição de uma Lei imposta por este Outro da cultura. Transgressivo pois rompe com esta lei, deixa-a cair.

Por essa via, podemos acompanhar a proposição lacaniana de que "uma dimensão comum do ato é a de não comportar, no seu instante, a presença do sujeito" (LACAN, 1967-68, 29/11/67). O sujeito está no momento antes e no momento depois do ato, todo ato situa-se enquanto uma espécie de suicídio do sujeito, pois ele demarca sempre um novo início. O instante em que o ato se realiza é o momento de identificação máxima com o objeto *a*, o resto do real que jamais pode colonizado pela instância simbólica, e não articulável imaginariamente a partir da cena apresentada pelo Outro.

Abre-se mão dessa alteridade, rompendo com o laço simbólico. Após o ato o sujeito pode retornar, mas jamais retorna o mesmo "Com a transgressão da lei, César lança a sorte e inaugura um novo momento em que um conflito seria previsível. Também a partir de então, ele passa de um general da República a um rebelde" (BRUNHARI, 2017 p. 168).

Diante da pergunta de Freud (1910/2013), o enigma colocado na decisão de atentar contra si, é indiscutível a presença de um sofrimento extremo do ser. Ao longo deste capítulo, destacamos o Ato, tanto em uma passagem ao ato, quanto em *acting out*, demonstram uma resposta última de "basta" frente a angústia insuportável. Seja pela retirada radical da cena, ou uma súplica por uma interpretação. Freud e Lacan apontam para os efeitos disruptivos

quando não é possível se articular em palavras, configurando o suicídio enquanto uma tentativa última de descarga frente o excesso.

4.O ENCONTRO COM AS CARTAS

La vida no vale nada
Si tengo que posponer
Otro minuto de ser

Y morirme en una cama
La vida no vale nada
Si, en fin, lo que me rodea
No puedo cambiar
Cuál fuera lo que tengo y que me ampara
(Pablo Milanes)

Foram quase 10 meses entre a primeira solicitação formal ao TJ de acesso aos documentos de inquérito e meu primeiro contato com os arquivos. Ao longo desses meses, eu aguardava o parecer do meu pedido não sem certa ansiedade, e receio de que não fosse possível realizar este trabalho, tão caro à mim.

No dia 02 de setembro de 2022 estava eu na Seção de Preservação Documental do Tribunal de Justiça de São Paulo sem saber o que encontraria pela frente. Ao longo daquele dia, contemplando as nuances das caligrafias, tentando recriar na minha cabeça as histórias daqueles sujeitos a partir de seus registros e dos relatos das testemunhas - as quais pareciam esforçarem-se para dar um sentido ao ato, sempre desproporcional a qualquer justificativa encontrada. Entre estes momentos, páginas e mais páginas recheadas de um linguajar jurídico e pareceres técnicos que contribuíram para me manter, de certa forma, desafetada face ao horror que testemunhava.

Minha tentativa de sair impune deu certo por alguns dias, mas não durante as noites, onde os sonhos de angústia me faziam retornar àquelas palavras e imagem de sofrimento extremo, misturadas com memórias de perdas de pessoas queridas que tive em minha vida pessoal. E assim, já não era mais possível ignorar os efeitos desse encontro para mim.

Nas três visitas seguintes que fiz ao prédio da DEPLAN, as leituras dos arquivos dos inquéritos e processos tornaram-se cada vez mais penosas. A curiosidade e o desejo de botar em marcha minhas questões de pesquisa a partir daqueles escritos foram cedendo espaço para um sentimento de, de certa forma, estar invadindo a vida daquelas pessoas. Paralisada diante fotos de corpos mortos deformados, eu tentava imaginar como eles eram quando com vida,

sem as cicatrizes, os edemas... Mas eram justamente os restos, as palavras escritas que poderiam dar testemunho da história de uma vida que era contada através da morte.

Dou esta volta neste momento, pois não é sem o atravessamento da experiência da autora que vos fala que essa pesquisa se desenvolve, e somente a partir deste lugar que posso seguir com a elaboração deste trabalho. Ainda que apoiada por um arcabouço teórico e uma metodologia de pesquisa, os quais norteiam uma posição ética para o desenvolvimento dessa pesquisa, é preciso estarmos avisados dos atravessamentos subjetivos que fazem sua marca ao longo do percurso de investigação.

De antemão, antes mesmo de apresentar as transcrições das cartas, pontuo mais uma vez a impossibilidade de transmitir seus conteúdos sem levar em consideração que trata-se de uma adaptação dos documentos originais (ALLOUCH, 1984). Ainda que tenha-se tomado todo o cuidado para manter a maior fidedignidade possível aos escritos dos jovens, a versão aqui apresentada busca manter o sigilo como cuidado de proteção aos seus autores e familiares. Para isso, inevitavelmente, certo efeito de apagamento de marcas subjetivas de seus autores foram necessárias, não sendo possível contemplar as nuances caligráficas, as marcas do tempo, manchas e rasgos do papel, as rasuras, nomes próprios e alguns dados que poderiam localizar a identidade de cada um.

Reafirmando o princípio deste trabalho, de manter a palavra dos jovens como no percurso aqui trilhado, utilizaremos as cartas como conteúdo central a ser cotejado nos resultados, em detrimento dos demais materiais das peças jurídicas. Alguns dados objetivos, como idade, sexo, causa da morte, serão apresentados como apoio para leitura das mesmas, os quais podem auxiliar a acompanhar a história desses sujeitos.

A seguir será apresentado na íntegra a transcrição das cartas coletadas, introduzidas por uma breve apresentação de cada caso. Propomos tecer um breve comentário sobre o testemunho que os jovens fazem de sua vida, respeitosamente, oferecendo um olhar para suas

histórias. Não se trata aqui de buscar “desvendar” o sentido presente no conteúdo das cartas, mas oferecer um olhar possível ao testemunho desses jovens que se propuseram oferecer suas palavras diante da morte (dentre diversas leituras que o material pode suscitar).

A intenção de apresentar pontuações, comentários, questões que emergiram ao longo da leitura é justamente poder compartilhar sobre o percurso da pesquisadora ao longo do encontro com cada um dos jovens, que de alguma forma apresentam-se por meio de suas palavras. Com isso, trata-se de situar os leitores, deste presente trabalho, as questões e inquietações que atravessaram as leituras das cartas, as quais serviram de instrumento para balizar o percurso do momento de discussão - o qual será apresentado na sequência.

No momento posterior, que seguirá nos próximos capítulos dessa dissertação, propomos uma elaboração teórica, a partir das referências psicanalíticas que norteiam este trabalho, a partir do que as cartas podem nos contar sobre o suicídio dos jovens.

4.1 BASTAVA-ME SABER QUE ERA AMADO

O primeiro que iremos apresentar aqui, trata-se de Severino¹⁵, um jovem emigrante português de 20 anos, que vivia na cidade de São Paulo, onde trabalhava em uma farmácia local, e vivia em uma pensão. Severino se suicidou no ano de 1913, quando ingeriu, no quarto da pensão em que morava, estricnina, um tipo de veneno de ratos, e endereça duas cartas: uma à polícia de São Paulo, e outra à sua amada, Augusta.

Suas últimas mensagens foram encontradas, cada qual, em um envelope contendo o nome dos destinatários. No primeiro documento, dirigido à Polícia de São Paulo, Severino endereça uma mensagem objetiva, contendo apenas três linhas, sua assinatura e data. Já a segunda carta trata-se de documento mais elaborado, com folhas dobradas ao meio, de forma

¹⁵ O nome de todos os autores das cartas, bem como os citados no corpo dos escritos foram alterados a fim de proteger suas identidades.

a compor um pequeno livro com cinco páginas de uma caligrafia exemplar, sem nenhum tipo de rasura.

4.1.2 A palavra de Severino

Carta 01

Não procurem saber os motivos porque me mato. Saibam apenas que me mato por minha espontanea vontade.

Severino Vieira Almeida

São Paulo, 8-11-1913

Carta 2

Augusta,

Quando receber esta carta já eu estarei morto.

Jurei-lhe que havia de ama-la até morrer e que o dia que soubesse que a senhora já não me amava, esse dia seria o último da minha vida. Hoje cumpro o juramento que lhe fiz. Sei que a senhora nunca sentiu por mim a minima particula de amizade, de que me serviria, portanto, viver? Ai, Augusta, não se brinca assim com o coração de um homem. Por que me fez viver iludido durante tanto tempo?

Por que me fez viver tanto tempo enganado? Porque não me escarrou nas faces todo o teu desprezo quando eu cometti a infamia de dizer-lhe que a amava?

Tudo isso era preferível às desillusões de agora. Mas a senhora disse que tambem me amava e que nunca, succedesse o que succedesse, deixaria de me ter amor.

Em tudo o que lhe disseram a senhora acreditou. Que eu mostrara as suas cartas, que eu fazia fitas com varia moças, quando isso eram infames intrigas, cujo unico fim era collocar uma barreira entre nós dois.

Diz-me a consciencia que nunca a profanei com uma só palavra nem tão pouco tive a seu respeito maus pensamentos. Amava-a tanto que se a senhora chegasse perto de mim e me dissesse: - morre! - eu morreria e morreria feliz por cumprir uma ordem sua.

Mas a senhora julgou-me indigno de si e deixou-se vencer pela vontade de sua familia.

Uma Augusta Castro deve cazar com um que seja milionário e nunca com um humilde empregado de pharmacia como eu!

Hontem eu convidei-a a fugir commigo e a senhora não me comprehendeu. Se às oito horas, hora combinada, a senhora fosse ter commigo, encontrar-me-hia, mas nenhum automovel lá estaria. Quando a senhora chegasse perto de mim eu dir-lhe-hia para voltar para caza, porque bastava-me saber que era amado. Convidei-a para fugir, é certo, mas juro-lhe n'este instante esspresso, que nunca me passou pela mente fazer semelhante cousa. Queria apenas saber se realmente a senhora me tinha amor e agora vejo que não.

De que me serviria portanto a vida se sem a senhora não posso viver?

Morro e morro feliz, porque morro por si, pelo muito que eu a amei.

De resto, ninguem chorará a minha morte.

Agora eu sei que a desgostara quando eu costumava passar à sua porta. Perdôe-me, eu pensava dar-lhe com isso algum prazer.

Adeus, Augusta, ainda mais uma vez lhe juro que o meu amor por si foi sempre honesto e santo e peço-lhe que vá algumas vezes colocar uma flor sobre minha campa.

Severino Vieira Almeida

São Paulo, 8.11.1913

4.1.2 Notas sobre o testemunho de Severino

Severino nos conta sobre uma história de amor e sobre o insuportável de perder o olhar de sua amada. Ele nos narra seu romance com Augusta, uma dama pertencente à família proprietária da farmácia onde trabalhava¹⁶, por quem demanda um olhar ao “humilde empregado de pharmacia”.

Quando Severino descreve o momento em que pede à amada que encontre-se com ele para fugir, o jovem enfatiza que sua demanda vai muito além de tal pedido “Quando a senhora chegasse perto de mim eu dir-lhe-hia para voltar para casa, porque bastava-me saber que era amado”. Segundo suas palavras, a prova de amor não seria o aceite para construir a vida em outro lugar, mas sua presença é que lhe asseguraria a certeza do amor.

O jovem nos diz da impossibilidade de estar vivo face ao desenlace da relação amorosa, e faz de sua morte a recusa da perda desse amor, diante da angústia aniquilante da separação. Ao rechaçar o término do romance, Severino segue pedindo gestos póstumas à amada “peço-lhe que vá algumas vezes colocar uma flor sobre minha campa”.

4.2 MANDA UMA COROA AO TEU NAMORADO

No ano de 1928, Marcos um imigrante iugoslavo, que vivia na cidade de São Paulo, tinha 18 anos, trabalhava como operário e vivia em uma pensão. Em uma noite deste mesmo

¹⁶ Informação coletada nos arquivos do inquérito

ano, alguns pedestres encontraram seu corpo na rua após Marcos, ainda em seu quarto, disparar um projétil de arma de fogo em sua cabeça, deixando seu corpo cair pela janela.

O jovem abandona a vida após escrever duas cartas: uma para seus pais e irmãos, contendo 04 páginas e outra à Ester, com 05 páginas. As cartas foram encontradas em pequenos envelopes com os destinatários identificados, redigidas em uma folha timbrada escrita a lápis em húngaro, língua materna de Marcos. A seguir será apresentado a transcrição da tradução em português encontrada no documento de inquérito.

4.2.1 A palavra de Marcos

Carta 01

Mui queridos paes e irmãs!

Com essas linhas quero me despedir de vocês todos e das pessoas que eu mais estimo neste mundo. Vou morrer. Uma bala pequena terminará a minha vida. Não posso mais viver.

Infelizmente não posso dizer a vocês, porque eu dou esse passo. Nem posso me despedir de vocês pessoalmente. Custa-me escrever estas linhas. Os meus olhos estão cheios de lágrimas. Só penso em vocês! Só me resta a bala. Não posso dizer porque eu me suicido. Em segredo levarei ao tumulto. Vocês hão-de imaginar muitas cousas e talvez pensarão que eu fiz isso por causa de amor. Nem pensem nisso. Vocês nunca saberão a verdadeira causa. Peço-lhes não me censurarem por isso. Meu coração me dóe e só me resta agora metter a bala na cabeça.

Já tentei faze-lo uma vez, mas, naquella ocasião, o revólver falhou. Esta vez, porém, acertarei. Deus e vocês devem me desculpar.

Deus tenha misericórdia do seu filho infeliz, Marcos.

Carta 02

Querida Ester

Quero te avisar que hoje ou amanhã chegará a hora de terminar a minha vida por meio de uma bala que vou metter na cabeça. Lembra-te de que eu te falei tantas vezes sobre isto. Sempre gracejaste commigo dizendo que irias collocar uma corôa sobre minha sepultura. Agora poderás acompanhar até o meu enterro até o cemitério. Tu agora verás que faço mesmo o que sempre te disse. A minha hora chegou! Minha querida, tu não me verás mais e peço-te que me perdôes por dar esse passo. Não fiques triste, minha unica amada! Tambem não debes desconfiar que fiz isto por causa de nossa briga. Nada disso. Eu sempre te disse que não viveria muito tempo, mas tu caçoavas e me dizia que não acreditavas nisso. Minha querida Ester Agora tu podes comprar a tal corôa e querendo pôdes acompanhar o meu enterro. Querida Ester É impossível explicar-te a minha dor e o meu sofrimento na hora em que vou morrer. Não penses que fiz isso por causa de outra moça. Ha tantas moças em São Paulo e não vale a pena suicidar-se por causa de uma dellas! Digo-te agora com toda a sinceridade que sempre te amei e hei de amar-te até o último momento, quando o cano frio do revolver tocar a minha testa. Neste último momento esquecerei tudo. Até logo para o outro mundo! Dóe-me o coração quando penso que tenho que morrer! Sou tão jovem ainda! Quando leres estas linhas comprehenderás tudo e te recordarás de que sempre te falei da minha morte. Que dor eu sinto! Ao receberes esta carta o meu corpo já estará debaixo da terra. Mas mesmo assim poderás cumprir a tua promessa de mandar pôr uma corôa sobre a minha sepultura.

Tu não quizeste acreditar, mas agora vês que falei seriamente.

Hoje abandonei o meu emprego e fui para casa com firme resolução de me suicidar. Mas vou esperar até amanhã. Mais uma vez te digo que não faço isso por causa de outra moça.

A razão é outra, mas eu não posso te explicar por que dou esse passo!

Perdôa-me e não fiques zangada comigo. Manda uma corôa ao teu namorado. Muitas lembranças do teu namorado

MARCOS.

*Deus seja comtigo. O diabo será para mim. Nunca te esquecerei. Minha fiel Ester!
Adeus! adeus! adeus!*

4.2.2 Notas sobre o testemunho de Marcos

As cartas de Marcos narram sobre um momento de sofrimento avassalador, descrevendo o insuportável de sua dor ao expor o desamparo da decisão de botar um fim na própria vida. Em diversos momentos o jovem descreve a aflição que diante sua decisão, porém a situa como única possibilidade possível para si, lamentando-se da sua própria morte como expressa em alguns trechos

Nem posso me despedir de vocês pessoalmente. Custa-me escrever estas linhas. Os meus olhos estão cheios de lágrimas. Só penso em vocês! Só me resta a bala.

Querida Ester É impossível explicar-te a minha dor e o meu sofrimento na hora em que vou morrer.

Dóe-me o coração quando penso que tenho que morrer! Sou tão jovem ainda! (...)
Que dor eu sinto!

Ainda assim, face ao temor da morte, e ao sofrimento por abdicar-se da vida mesmo sendo “tão jovem ainda”, Marcos não recua de sua decisão, afirmando categoricamente “A minha hora chegou!”, “só me resta a bala”. Qual seria a tamanha encruzilhada da vida em que a única saída possível é a bala disparada de um cano frio de revólver na testa? Essa é a pergunta que o jovem tenta, por vários momentos, esquivar de responder em seus escritos jurando guardar para o túmulo seu segredo.

O que motivou Marcos a endereçar suas últimas palavras, se não para dizer do seu sofrimento, que o conduziu para a morte? Na negativa em compartilhar de seu sofrimento, Marcos deixa escapar algo sobre o impossível do encontro com o amor:

Não penses que fiz isso por causa de outra moça. Ha tantas moças em São Paulo e não vale a pena suicidar-se por causa de uma dellas! Digo-te agora com toda a sinceridade que sempre te amei e hei de amar-te até o último momento, quando o cano frio do revolver tocar a minha testa. Neste último momento esquecerei tudo. Até logo para o outro mundo!

O jovem narra sobre sua história ao declarar seu amor à Ester, e responde o deboche da amada face suas súplicas levando a cabo suas ameaças de botar um fim na sua vida e enfim “esquecer de tudo”. Porém, Marcos compreende que sua morte não é o fim de tudo, ele se antecipa do fim, para que sua amada possa responder sua demanda de amor e cumprir com a palavra de “Manda uma corôa ao teu namorado”, rechaçando a recusa de sua amada.

4.3 EU SOU MUITO CRIANÇA QUERIA SER O HOMEM MAIS FELIZ!

Seguindo nosso percurso, apresentei-lhes um pouco sobre João. Um adolescente de 18 anos de idade, brasileiro procedente da cidade de São Paulo, branco que trabalhava como auxiliar de um supermercado, solteiro e segundo relatos presentes no inquérito havia terminado um relacionamento cerca de uma semana antes de sua morte.

João viveu até o ano de 1995, quando decide por abreviar sua vida atingindo-se com uma bala de arma de fogo em sua face, mais precisamente na região frontal do crânio, como especifica os documentos oficiais. Deixa ao lado de seu corpo, que fora encontrado na cama do quarto, uma página de fichário, dobrada ao meio, em letras de tamanho grande escritas a caneta, que ocupam quase a totalidade da página.

Assim como seu corpo, suas últimas palavras também foram atingidas pelo disparo fatal, deixando manchas de sangue que cobriam algumas de suas palavras, as quais tornaram difícil a leitura integral do documento. Por esse motivo, deixarei assinalado por um asterisco (*) as palavras que foram encobertas por sangue, as quais exigiram um certo esforço de deciframento para a transcrição.

4.3.1 A palavra de João

*Desculpem-me**

Por tudo, não quero ser infeliz na vida**

Desculpem Todos eu os amo

Principalmente a Valéria !!!

Valéria desculpe-me

Eu Sou muito criança queria ser o homem mais feliz!

4.3.2 Notas sobre o testemunho de João

Com essas poucas linhas escritas, não é possível conhecer muitos detalhes da biografia de João, mas ainda que com uma mensagem curta, o jovem nos diz sobre questões importantes a respeito de seu sofrimento.

João abre sua carta com um pedido de desculpas, faz um apelo por um perdão generalizado, não por um erro específico que cometera, mas por tudo, e que inicialmente não se dirige a uma pessoa específica, mas a todos por quem tinha amor.

Porém rapidamente o jovem direciona seu apelo direcionando-o para a ex-namorada e localiza sua (des)culpa nos dizeres “Eu Sou muito criança queria ser o homem mais feliz!”.

A força destas palavras ecoaram a mim quando aproximei-me pela primeira vez da carta de João, e acredito que repercutem fortemente no trabalho desta pesquisa. Estaria João desculpando-se por não conseguir fazer a travessia da adolescência face ao fracasso amoroso e às exigências de tornar-se adulto?

4.4 MEU NOME É FERNANDA

Fernanda era uma jovem de 24 anos de idade, branca, que vivia na cidade de São Paulo e trabalhava como policial militar. Segundo os documentos de inquérito, Fernanda vivia com a família de seu companheiro amásio e tinha um filho fruto de relacionamento anterior.

No ano de 1997, a jovem tira a própria vida durante uma madrugada, em via pública, utilizando-se de seu revólver que portava por ser policial militar, Fernanda dispara o tiro fatal na região encefálica, morrendo poucos minutos após o ato. Segundo relatos presentes em seu inquérito, o ato se deu momentos após um conflito conjugal com seu companheiro.

Consigo fora encontrado um curto bilhete, escrito à caneta em uma folha de agenda rasgada. O mesmo não continha um remetente específico.

4.4.1 A palavra de Fernanda

Meu nome é Fernanda Vasconcelo

Tel - 1234567¹⁷

Peço a Deus que abençoe à todos que eu amo inclusive meu filho e o grande amor da minha vida.

¹⁷ O número de telefone foi alterado.

4.4.2 Notas sobre o testemunho de Fernanda

A carta deixada pela jovem nos dá poucas pistas sobre a vida e história de Fernanda. Com suas restritas últimas palavras, Fernanda oferece a seus possíveis destinatários quase como uma “etiqueta” em seu corpo, com dados objetivos para que possa ser identificada: nome, telefone e pessoas que ama. Pouco podemos extrair de sua história ou preocupações, apenas um pedido de bênção ao seu filho e ao amado.

Os escritos de Fernanda não propõe-se a oferecer explicações ou compartilhar de sua angústia, mas auxiliar àquele que encontrou seu cadáver a encaminhar a notícia. Durante a leitura dos documentos de inquérito, testemunhas informaram que a jovem havia tentado contato com o companheiro diversas vezes antes do ato, sem respostas aos chamados telefônicos. Ainda que em vida a jovem não tenha conseguido contatar o parceiro, com o bilhete garante uma última ligação, a qual passa sua mensagem através da morte.

4.5 NÃO SE PREOCUPE

O próximo jovem que iremos conhecer trata-se de Rogério, um motorista de 24 anos, negro, vivia com a companheira e três filhos na cidade de São Paulo. Em meados do ano de 2000 Rogério desapareceu por cerca de 17 dias e foi encontrado por seu irmão enforcado em um terreno próximo.

Antes de sua morte, Rogério escreveu suas últimas palavras em uma folha de caderno rasgado ao meio, um breve registro, escrito à caneta com letras grandes e espaçadas que ocupavam quase todo o espaço da folha.

4.5.1 A palavra de Rogério

Mãe

Não

Se

Preocupe

estou

com

DEUS

4.5.2 Notas sobre o testemunho de Rogério

Rogério fornece uma mensagem bastante objetiva, sem rodeios, declara sobre o alívio de finalmente “estar com Deus”. Antes de partir, considera a necessidade de oferecer algum consolo a sua mãe, pois segundo suas palavras, agora já não haveria com o que se preocupar. Seria para este jovem o encontro com Deus a forma que encontrou para ter paz? Para acalantar suas preocupações?

Ainda que todas as cartas contenham seu enigma, algumas delas, como a mim soou no caso da carta de Rogério, podem parecer mais enigmáticas ao receptor, justamente por abrir mais questões do que tentar articular algo sobre o ato extremo do suicídio.

Durante a leitura dos materiais de inquérito, as testemunhas familiares buscavam apoiar-se nos dizeres das cartas para tentar localizar um sentido para a opção da antecipação do encontro com a morte. Mas não seria justamente para essa falta de sentido que Roberto nos aponta? Qual seria o sentido de viver pelas “preocupações”? Qual o sentido de viver se só poderia “estar com Deus” no momento de sua morte? Seria justamente o fracasso na

construção de um sentido para si sobre a experiência da vida que fez com que Roberto optasse pelo encontro com a morte?

Longe de buscar solucionar os mistérios que estes escritos evocam, ou de compor teorias sobre o que se passava com o jovem, mas busco aqui abrir as questões que Roberto convoca.

4.6 NÃO TINHA QUE SER ASSIM MAS NÃO AGUENTAVA

Neste momento iremos nos deter aos escritos de Jeferson, um jovem brasileiro, pardo, de 24 anos, natural de Recife e residente da cidade de São Paulo que trabalhava como tecelão.

No ano de 2000, Jeferson encerra sua vida ao enforcar-se na lavanderia da casa em que morava. Antes de sua partida, o jovem escreve uma carta, à caneta em uma folha de caderno rasgada. Entre diversas rasuras, remete seus últimos dizeres inicialmente dirigindo-se à sua mãe, mas ao longo do documento direciona-se também a várias pessoas queridas, não localizando um destinatário específico.

4.6.1 A palavra de Jeferson

*Mãe me desculpe não tinha que ser assim mas não aguentava, não só fiz coisa erada gostaria muito que não ficasse brava nem chorasse porque não vale a pena gosto muito de vocês do luan da Vânia da Andréia do marcos do cristian *rasura*¹⁸ em fim amo todos vocês principalmente você minha mãe. Digo a dona Vilma que considero ela como minha segunda mãe Tamires, Laís, Cacá, meus irmãos seu Odair um pai que não tive, a vó Fabiana. Minha família meus amigos Gilmar, Eliana, Dudu, Ricardo *rasura* Antoninho *rasura* Miltinho*

¹⁸ As rasuras produzidas ao longo do texto foram marcadas com: *rasura*

Dado não consigo lembrar do resto mas vão estar todos no meu coração. Dona Vilma só disse uma coisa para a senhora que ajude minha mãe, por ser que ela vai precisar muito de sua ajuda e diga a Regina que apesar de tudo ela vai estar sempre em meu coração.

digo a todos que não esquecerei de ninguém

ninguém

4.6.2 Notas sobre o testemunho de Jeferson

Logo no início de seus escritos, Jeferson declara que apesar de que “não tinha que ser assim”, não encontrou outra saída que não a morte. O jovem não se ocupa de contar sobre o seu sofrimento, basta-lhe declarar o seu fracasso “só fiz coisa errada”. Ao resumir a totalidade de suas experiências ao erro, diz da impossibilidade de viver perante o mesmo “não aguentei”.

A carta começa com um apelo à mãe, de que não sofra, buscando consolá-la com seu amor. Sabendo da impossibilidade de seu pedido, encerra o escrito acionando Dona Vilma, quem poderia dar o consolo à mãe, face sua ausência.

Ao percorrer suas palavras, vemos um cuidado de Jeferson em lembrar-se dos nomes das pessoas que marcaram sua vida, nomeando um a um, num esforço em não deixar “ninguém, ninguém” escapar. Dentre os diversos nomes e laços que Jeferson faz questão de destacar em sua carta, é o “ninguém” que ecoa, o desenlace.

4.7 DEATH AS A SOLUTION

A última carta a ser apresentada, trata-se do escrito de Samuel, um jovem que em 2011 tinha 24 anos de idade, branco, nascido e morador da cidade de São Paulo, e estava desempregado, após ser demitido como atendente de telemarketing. Samuel foi encontrado por sua mãe, enforcado por um lençol em seu quarto.

A carta de despedida deixada por Samuel continha 03 páginas, escritas à caneta em uma folha de caderno e inicialmente era endereçada para seu pai, mãe, tio, vô, vó, irmãos e irmãs - porém ao longo de sua escrita, Samuel se remete diretamente para outras pessoas, familiares e amigos próximos.

4.7.1 A palavra de Samuel

Pai, Mãe, Tio, Vô, Vó Irmã e Irmãos

De acordo com as minhas crenças, só estou acabando com as minhas angústias, estou indo enquanto tenho um pouco de dignidade!

Não vim para essa merda para ganhar!

O que me segurou até hoje foram vcs!

Mas cheguei no meu limite, não fiquem tristes a vida continua!

Estou fazendo isso por mim!

Tive grande felicidade em telos ao meu lado!

Paizão, sei que nunca fui de falar muito isso, mas eu te amo!

Danizão Pretão

Vcs vão ter que dividir as minhas coisas, obrigado por tudo irmãos (vcs) sempre foram fodas!!!

Mãe, Lili, Vô, Vó, Tio e Tia eu os amo!

Cuidem do Biba!

Fernando e Dani bebam por mim!

he he he

Me perdoem!

Eu sempre quis o meu fim

com uma arma mas nem

isso eu tive!¹⁹

Dani e Fernando!

Não sei quantas pessoas, puderam dizer isso mas, eu digo e confirmo!

Tive amigos!

Mas não só amigos, tive irmãos!

É nois caralho!!!

QUERO SER ENTERRADO, COMO SEMPRE ME VESTI!

¹⁹ No texto original há um desenho de um pentagrama em chamadas ao lado desse trecho.

SEM MISSAS OU RESAS!

Nunca fui o Head Bangen, que gostaria de ser!

Sempre fui uma fralde!

Paciensia!

Death as a solution

Is the end of line!

Goodbye!

André, Didi, Aline, Wilson, Hariel, Wando, Fafá, Ananda...

Pessoas ao qual não citei antes, mas com sertesza, são importantes para mim!

Tive uma ótima família!

Se eu estiver erado, eu sentirei saudades!

E provavelmente não encontrarei a Dona Amélia!

Velhinha que amo!

Quase me esqueci!

Joel, Jéssica, Mateuzinho, Dona Ivone, D. Mara, D. Livia...

Pessoas que fizeram parte da minha vida e sempre tiveram lado a lado!

E também a família do Fernando e Dani!

Dani, a jaqueta gore é sua! bom o resto das coisas, como CDS, DVDS, roupas etc... Vc e o pretão ve oq vcs querem são de vcs!

4.7.2 Notas sobre o testemunho de Samuel

Em suas últimas palavras, Samuel abre sua carta de despedida sem muitos rodeios, a morte, para além de um remédio para calar a angústia, apresenta-se como solução para elevação da dignidade de sua vida.

O jovem demonstra sua preocupação em preservar sua memória, faz um apelo para que não interfiram em sua imagem postumamente, que o preservem em suas vestes e em suas crenças, além de cuidar em nomear quem deve preservar seus pertences.

QUERO SER ENTERRADO, COMO SEMPRE ME VESTI!

SEM MISSAS OU RESAS!

Mas se na morte Samuel resgata sua dignidade, o que faria de sua vida indigna? O jovem nomeia-se como uma fraude, ao deparar-se com o insucesso de ser o “head banger” que gostaria. A morte seria então, para este jovem a solução (“Death as a solution”), para preservar-se? O congelamento mortífero do tempo poderia precaver da humilhação de possíveis futuros fracassos?

5. POST SCRIPTUM: UMA PROPOSTA DE RELEITURA DAS CARTAS

Repara bem no
que não digo.
(Paulo Leminski)

Ao longo da trajetória da pesquisa que desenhamos, iniciamos nosso percurso mapeando as vias pelas quais a psicanálise fez avançar em suas proposições teóricas acerca dos conceitos fundamentais que circunscrevem esta pesquisa: escrita, juventude e suicídio.

Ao passo que caminhamos em uma investigação teórica que sustenta este trabalho, caminhamos também literalmente pelas ruas de São Paulo. Transitamos pelas burocracias, pelos antigos prédios do centro da cidade. Até que enfim foi possível adentrar em uma pequena sala, que continha muitas caixas de documentos e processos históricos, entre eles estavam as sete cartas, escritas por sete diferentes jovens. Estes documentos, suas marcas de tempo, manchas e palavras tão preciosas para nosso trabalho, que justificam todos os empenhos desta pesquisa.

A nossa aposta desde o início é que justamente estas marcas deixadas no tempo que guardam o que de mais singular poderíamos extrair como contribuições para a investigação sobre o suicídio na juventude. Portanto este capítulo que se propõe como discussão dos resultados encontrados ao longo de todo este percurso de investigação não poderia ser outra coisa se não uma *escrita posterior*.

Nos propomos, a partir do que pudemos recolher do encontro com as cartas, elaborar uma nova leitura possível do fenômeno que tange essa pesquisa. Mais uma vez enfatiza-se que trata-se de *uma* leitura possível, a qual não tem pretensão alguma de apresentar-se como uma conclusão final dos fatos que levam os jovens a recuar perante a vida, mas sim, poder utilizar-se da palavra destes jovens para movimentar possíveis elaborações sobre o tema.

Conforme a proposta apresentada no capítulo “A palavra dos suicidas como método” a partir de um percurso inspirado na proposta de transliteração de Allouch (1984), nos empenhamos em sustentar a discussão dos resultados a partir de uma leitura da escrita dos

jovens que acompanha o percurso de literalidade das cartas. Ao mesmo tempo que nos deixamos ser capturados pelos escritos, nos deixando ser guiados por seus apelos; podemos recolher os lapsos, as repetições, as lacunas...

Falando de forma mais objetiva, o trabalho que desenvolvemos para a apreciação dos escritos dos jovens foi de, a partir de uma aproximação que nos permitisse maior intimidade com os escritos, foi possível verificar algumas repetições em seus conteúdos, pelas quais nos foi possível elencar eixos de leitura que nos auxiliaram na contemplação de alguns de seus conteúdos, a partir de três dimensões eleitas por nós: dimensão da culpa; dimensão ideal e dimensão da falta.

Apoiados nestes três eixos, pudemos caminhar pelos escritos acompanhando além das repetições entre os temas abordados pelos jovens, também suas singularidades, interrogando sobre como estas dimensões podem ser tomadas na experiência subjetiva da juventude. Sobretudo, destacamos o que nos foi possível recolher daquilo que estes relatos podem nos contar sobre o suicídio.

Ao propor elaborações teóricas *a partir* desta leitura, estamos apresentando uma nova escrita, que recolhe alguns traços que podem servir para guiar uma escuta na clínica psicanalítica com jovens. Não trata-se de um intento de decifrar os enigmas colocados pelos remetentes, mas apresentá-los a partir de uma *outra* produção escrita, que os considere sem a pretensão de esgotá-los, decodificá-los ou aprisioná-los em uma compreensão última.

Portanto, até o momento já foram concluídos as etapas de investigação teórica, de campo e suas devidas apresentações. As considerações “*post scriptum*” que seguem nos próximos tópicos deste trabalho tratam-se daquilo que *restou* de todo este percurso - considerando aqui a dignidade do resto para a psicanálise, enquanto o que não se esvazia após ter-se dito *tudo*.

5.1 A DIMENSÃO DA CULPA

Durante o percurso de leitura guiado por Severino (1913), Marcos (1928), João (1995), Fernanda (1997), Rogério (2000), Jeferson (2000) e Samuel (2011), chamou-nos a atenção os diversos pedidos de (des)culpas presentes em quase todas as cartas encontradas²⁰. Frente esta constatação curiosa, passamos a nos interrogar sobre a dimensão que este sentimento de culpa ocupa para estes jovens que cometeram suicídio. Mais ainda, para além de constatar que estes jovens sentem-se culpados por algo, interessa-nos também investigar a necessidade de dirigir ao destinatário uma demanda de perdão ao desculpar-se.

Em um primeiro momento nos deteremos nas cartas de Severino (1913) e Marcos (1928), para explorar a dimensão da culpa presente nas cartas, devido algumas semelhanças que pudemos localizar em seus escritos, e também em fatores contingentes de suas vidas. Os apelos de perdão de ambos os jovens dirigem-se às amadas Augusta e Ester após dolorosos términos amorosos

De resto, ninguém chorará a minha morte.

Agora eu sei que a desgostara quando eu costumava passar à sua porta. Perdôe-me, eu pensava dar-lhe com isso algum prazer.

Adeus, Augusta, ainda mais uma vez lhe juro que o meu amor por si foi sempre honesto e santo e peço-lhe que vá algumas vezes colocar uma flor sobre minha campa. (SEVERINO, 1913)

Tu agora verás que faço mesmo o que sempre te disse. A minha hora chegou! Minha querida, tu não me verás mais e peço-te que me perdôes por dar esse passo. Não fiques triste, minha unica amada! Também não debes desconfiar que fiz isto por causa de nossa briga. Nada disso.

(...)

Perdôa-me e não fiques zangada comigo. Manda uma corôa ao teu namorado. Muitas lembranças do teu namorado” (MARCOS, 1928 - CARTA 2, grifo nosso)

²⁰ Das sete cartas que compõem esta pesquisa, somente duas (de Fernanda e Rogério) não fazem menção a nenhum tipo de pedido de desculpas em seu conteúdo.

Quando nos deparamos com os apelos por (des)culpas, o motivo pelo qual os jovens pedem o perdão, bem como a posição que colocam seu interlocutor não nos parece tão evidente: Pelo que, afinal, os jovens sentem-se culpados? Qual o mal que poderiam ter provocado, o qual lhes custaria a própria vida? Que lugar ocupam aquelas que acreditam poder absorver-lhes de seus possíveis “delitos”? Tomaremos essas interrogações como norteadores para o desenvolvimento deste capítulo.

Ao mesmo tempo que as cartas, em um primeiro momento, demonstram a intenção de formalizar uma despedida, elas também abrem a possibilidade de um reencontro póstumo, se não de corpo a corpo, de flores a lápide. A este respeito Brunhari e Moretto (2015) nos indicam o violento rechaço à quebra do vínculo amoroso nos casos de suicídios que ocorrem após um rompimento conjugal. Isto pois há um embaraço frente a perda do objeto eleito narcisicamente. O desenlace provocado pela ausência do objeto, pelo qual há um forte investimento libidinal, é lido como a perda de um pedaço de si.

Diante do caráter aniquilador d“a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (FREUD, 1915/2010f p. 133), o suicídio pode aparecer em ato como resposta a recusa do rompimento, escolhendo-se o amor (BRUNHARI; MORETTO, 2015). Sobre essa dinâmica pulsional, o que mais nos interessa aqui é o que Freud aponta como condição para que o Eu consinta com a própria morte: estar identificado a um objeto. Considerando a dimensão da identificação narcísica da escolha de um par romântico, o melancólico sofre pela perda de um *ideal*, não se trata somente de apurar *quem* foi perdido, mas o que está em jogo é *o que foi perdido* nesse alguém que se foi.

Conforme pudemos acompanhar nos capítulos anteriores, é justamente face a este embaraço que a teoria freudiana nos indica a dinâmica pulsional envolvida na experiência de perda do objeto de amor. O ódio que seria disparado contra o objeto diante da desilusão do abandono volta-se contra o próprio Eu, arrematando-o violentamente. O Eu passa a

martirizar-se, como se fosse o causador de toda a desgraça, o mais desprezível dos seres, submergindo-se completamente pela culpa, diminuindo-se diante do objeto amado, assim como testemunha Severino “Uma Augusta Castro deve casar com um que seja milionário e nunca com um humilde empregado de farmácia como eu!” .

. Khel (2015) endossa a observação freudiana acerca da desorganização pulsional que afeta o corpo quando há o desenlace das pulsões em relação ao objeto que já havia sido incorporado a certos circuitos pulsionais e o que até orientava sua busca por satisfação

A sustentação fálica do corpo também pode desabar, já que o sujeito ao perder um ser de amor, perde também o valor fálico que lhe conferia o lugar ocupado junto ao desejo do Outro. Segundo Lacan, o único tipo de luto que não é vivido como perda, falta, saudade, mas como abatimento do sujeito, é o que se pode resumir na frase: “eu era a sua falta”. Não é o luto do objeto (amado) perdido, mas do lugar de onde o sujeito cai ao perder aquele cuja falta ele supunha preencher (pg. 204)

Ao destacar a dimensão ideal da perda que localizamos nas cartas de Marcos e Severino, não podemos deixar de considerar o peso que esta formulação toma no momento da juventude. Neste tempo de travessia, de desbravação do mundo em seu entorno, é a partir das eleições de ideais para si que faz-se possível a construção de um devir. A escolha radicalmente é singular, muitas vezes vivida de forma solitária, mas impossível de ser realizada totalmente sozinho, é somente pela via da alteridade que o jovem pode estabelecer-se no laço social.

Para além das semelhanças em seus apelos, os jovens demonstram compartilhar também alguns eventos biográficos: como uma identidade estrangeira (europeia), ambos vivem em uma pensão, onde dividiam alojamento com colegas, imigração para a cidade de São Paulo.

A partir do breve histórico que temos acesso no inquérito, o qual apresentamos na seção anterior, também é possível constatar que ambos os jovens viviam em um mesmo

período histórico, compartilhavam quartos de pensão com colegas e exerciam atividades laborais pouco valorizadas (Severino era empregado em uma farmácia e Marcos operário).

Ao apontar para estas semelhanças, tomamos cuidado para não apontar a realidade social enquanto um determinante único que sozinho poderia pré-estabelecer certas formas de sofrimento, apagando a dimensão da singularidade. Por outro lado, buscamos interrogar sobre como alguns destes lugares sociais podem adentrar a dimensão fantasmática, a qual situa o sujeito diante da demanda do Outro.

Ora, não seria antecipado admitir que tratamos aqui de jovens que ocupam lugares à margem: trabalhadores de classes baixas, operários, imigrantes... Não tratamos aqui de significantes quaisquer. Como sabemos, cada época ergue seus ideais, que serão recolhidos pelos sujeitos, e introjetados, por onde o sujeito irá balizar a construção de seu próprio ideal do eu.

Dizem que o Ideal do eu provém de uma identificação tardia, que esta se acha ligada à relação terceira do Édipo, e que nela se misturam, de maneira complexa, desejo e rivalidade, agressão e hostilidade. Desenrola-se alguma coisa, um conflito, cujo desfecho é balanceado. Ainda que incerto, mesmo assim o desfecho do conflito propõe-se como havendo acarretado uma transformação subjetiva, em razão da introdução - da introjeção, dizem -, no interior de uma certa estrutura, daquilo a que chamamos Ideal do eu, o qual passa, desde então, a ser parte do próprio sujeito, embora conserve uma certa relação com um objeto externo. As duas coisas acham-se presentes e, neste ponto, tocamos no fato de que, como nos ensina a análise, a intrassubjetividade e a intersubjetividade não podem ser separadas. Sejam quais forem as modificações que intervêm em seu ambiente e seu meio, o que é adquirido como Ideal do eu permanece, no sujeito, exatamente como a pátria que o exilado carregaria na sola dos sapatos - seu Ideal do eu lhe pertence, é, para ele, algo de adquirido. Não se trata de um objeto, mas de uma coisa que, no sujeito, é a mais (LACAN, 1957-1958/1998).

Com isso retomamos a interrogativa sobre quais os efeitos desses ideais no apelo à vida que os jovens nos remetem? Sem a pretensão de encerrar a questão, nos fazemos valer dela para guiar nossa discussão.

O que podemos recolher a partir da palavra desses jovens, que se endereçam a suas amadas é que estes assumem uma posição de inferioridade, humilhados perante a impotência

de conquistar o amor da mulher desejada. Apaixonar-se é emprestar o seu ideal do eu a outrem. Mas se por um lado deixar-se capturar pelo encantamento do encontro com uma bela Augusta ou uma encantadora Ester pode ser o que dá graça para a vida, o preço a se pagar pela paixão é justamente a submissão ao juízo destes seres cativantes. Disso os dois garotos sabem bem. De maneira crua Marcos, escancara que para que “*Deus seja contigo*”, é preciso que “*O diabo será para mim*”. Assim, os enamorados sucubem ao sentimento de culpa frente ao desprezo desta que detém a autoridade e de quem os rejeita, destrata, rebaixa

Sei que a senhora nunca sentiu por mim a mínima partícula de amizade, de que me serviria, portanto, viver? Ai, Augusta, não se brinca assim com o coração de um homem. Por que me fez viver iludido durante tanto tempo?

Por que me fez viver tanto tempo enganado? Porque não me escarrou nas faces todo o teu desprezo quando eu cometi a infâmia de dizer-lhe que a amava?

Tudo isso era preferível às desilusões de agora (Severino, 1913, grifo nosso)

Sempre gracejaste commigo dizendo que irias collocar uma corôa sobre minha sepultura. (...) Eu sempre te disse que não viveria muito tempo, mas tu caçoavas e me dizia que não acreditavas nisso (Marcos, 1928).

Ao nos referirmos sobre dois jovens, que estão em tempo de tornarem-se homens, localizam na Mulher um caminho por onde podem realizar a travessia que se inicia enquanto meninos e finaliza ao tornarem-se homens. Entretanto, por algum motivo, na impossibilidade de fazer laço com estas mulheres, sucumbe-se, para estes dois jovens, qualquer outra possibilidade de construir rotas de emergência para concluir a passagem.

A eleição pela filiação amorosa deve também ser contextualizada em determinado momento histórico e político. Ora não podemos esquecer que tratamos aqui de dois jovens imigrantes europeus que chegam em um Brasil do início do século XX, de recuperação da econômica - diga-se de passagem, como sabemos tal recuperação desenvolveu-se a partir da exploração de um modelo agrário, fortemente embasado na mão de obra de imigrantes.

Assim, cabe-nos atentar para a forma como esses rapazes capturam os ideais que recolhem no campo do Outro. Como vimos no capítulo anterior “O que há de novo na puberdade?”, o sujeito se estrutura a partir do reconhecimento do Outro que o introduz no campo da linguagem, e é somente através dessa relação de alteridade que faz-se possível a entrada no laço social. Como sabemos, se por um lado a alienação aos significantes recolhidos do Outro permitem a entrada no campo das trocas, esta também aprisiona, submetendo o sujeito às suas leis - as quais orientam a construção do ideal do eu por meio do qual o sujeito irá balizar suas relações com o mundo em geral (LACAN, 1953-1954/2009).

Deste percurso que construímos a partir da leitura das cartas de Marcos e Severino podemos tirar algumas consequências. Os jovens garotos, ao remeterem uma carta às suas amadas momentos antes da morte, dizem muito mais do que um adeus; mas produzem um testemunho de seu sofrer, compartilham algo sobre o que pode tornar o viver - dentro de determinados recortes intra e intersubjetivos - absolutamente insuportável. No momento prévio ao silenciamento mortal produzem em seus escritos um apelo para que suas amadas o reconheçam como dignos de amor, assim como demanda Severino à Augusta, uma prova de seus sentimentos:

Convidei-a para fugir, é certo, mas juro-lhe n'este instante expresso, que nunca me passou pela mente fazer semelhante cousa. Queria apenas saber se realmente a senhora me tinha amor e agora vejo que não. (Severino, 1913, grifo nosso)

O que é interessante acompanhar é que ao atestar o desamor, Severino paralelamente conclui a sua distância em relação àquele que supostamente cumpriria os requisitos ideais para apresentar-se como pretendente digno do amor de Augusta

Mas a senhora julgou-me indigno de si e deixou-se vencer pela vontade de sua família. Uma Augusta Castro deve cazar com um que seja milionário e nunca com um humilde empregado de farmácia como eu! (Severino, 1913, grifo nosso)

Ademais, tal insuficiência atesta não só a impossibilidade de ser amado por Augusta, mas se não por ela, não poderia ser amado por mais ninguém, uma vez que segundo suas palavras “De resto, ninguém chorará a minha morte”.

Ao nos interrogarmos sobre o estatuto dado à avaliação de si que os rapazes creditam às suas namoradas, formulamos a hipótese de o apelo por reconhecimento vá além do que poderiam atestar as duas garotas, afinal do que tratamos aqui é justamente daquilo que os rapazes puderam recolher do desejo do Outro - pouco importa aqui o que de fato poderiam pensar as meninas de seus pretendentes. Essa alteridade jamais pode ser concebida descolada de elementos que constituem os valores que circulam pelo cenário histórico e cultural de onde o sujeito se insere.

Sobre esta dimensão de alteridade, conforme destaca categoricamente Brousse (2003) para a psicanálise a dialética individual/coletivo não se justifica uma vez que o desejo que o sujeito busca decifrar é sempre desejo do Outro, um Outro que só existe como semblante, estrutura de linguagem, que somente consegue alguma consistência no discurso do laço social.

O outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante. O outro, o alter ego, confunde-se mais ou menos, segundo as etapas da vida, com o Ich-ideal, esse ideal do eu invocado o tempo todo no artigo de Freud. A identificação narcísica - a palavra identificação, indiferenciada, é inutilizável, a do segundo narcisismo, é a identificação ao outro que, no caso normal, permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral. Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser (...) O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao Ich-ideal. O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária. (LACAN, 1953-1954/2009 pg. 148-149)

Desde este lugar de alteridade, onde os dois jovens apaixonados se localizam através dos olhos de Augusta e Estela, é justamente dali onde despencam. Os enamorados escrevem o

romance em suas cartas, ainda sob os olhos das amadas. A elas, dirigem a indignação do abandono, escancaram o insuportável da dor provocada pela amputação de um pedaço de si. Mas no momento mesmo em que lápis desencosta o papel, os olhos que os viam tornam-se opacos, perderam o brilho que refletia suas imagens inteiras. Na hiância da fissura de suas imagem craqueladas emerge a angústia. Não sobra mais nada além dos cacos desse espelho que não encaixa mais, e como esse resto eles se atiram do alto desse lugar, para fora despencam, “do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historicizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito - ele se precipita e despencou fora da cena” (LACAN, 1962-1963/ 2005 pg. 129).

Ao situar-se em sua relação com essa exterioridade, o sujeito pode localizar-se em sua posição no laço social. Assim como nos lembra Lacan (1953-1954/2009) esse Outro confunde-se com o ideal do eu que baliza as condições necessárias para que se possa desejar. O desenlace provocado pela perda desse objeto pelo qual o sujeito se identifica narcisicamente gera uma espécie de curto-circuito pulsional, por onde a libido desagregada que se desprende do objeto amoroso perdido retorna em partes contra o eu, “O que então vigora no Super-eu é como que pura cultura da pulsão de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte” (FREUD, 1923/2011c p. 67).

A ambivalência amorosa passa a ser representada como um conflito entre o Eu e a instância crítica, a qual arremata de forma impiedosa contra o Eu. Frente a identificação narcísica com objeto de amor, este toma para si todas as virtudes idealizadas, deixando o Eu à mercê de toda sua miséria, despido de suas defesas, deixa-se submergir às profundezas da culpa.

5.2 A DIMENSÃO IDEAL

Até aqui, pudemos trilhar um percurso de elaborações, a partir da palavra de dois jovens que viveram no início do século passado. Percorrendo seus escritos, destacamos o lugar de alteridade pelo qual os pretendentes situavam suas queridas, bem como a dimensão da culpa diante a queda dos ideais os quais concretizam-se no fracasso amoroso.

Considerando a singularidade de cada um, os rapazes compartilham alguns traços em comum ao escreverem sobre seu mal estar. Entretanto, ao avançarmos com as leituras das cartas, encontramos outras formas de apresentação da dimensão da culpa nos pedidos de desculpas dos jovens. Se na seção anterior já foi-nos possível localizar algo da magnitude dos efeitos da queda de ideais, seguiremos atentando-nos para esta questão adiante.

Conforme acompanhamos, essa dimensão de alteridade pela qual baliza-se os ideais não pode ser considerada fora das experiências de contingências. Acompanhar as narrativas dos jovens em seus escritos de adeus direcionou nosso olhar para transformações desse lugar de alteridade ao longo dos anos. Os pedidos de desculpas mantiveram-se, mas ganharam novos contornos e consequências nas experiências que tivemos acesso a partir da virada do século XX para o século XXI. Apoiados nos escritos de João (1995), Jeferson (2000) e Samuel (2011), iremos avançar nossa discussão ao situar novos contornos que a dimensão ideal passa a adquirir.

Desculpem-me
Por tudo, não quero ser infeliz na vida
Desculpem Todos eu os amo (João, 1995, grifo nosso)

Mãe me desculpe não tinha que ser assim mas não aguentava, não só fiz coisa errada
gostaria muito que não ficasse brava nem chorasse porque não vale a pena gosto muito
de vocês (Jeferson, 2000)

Fernando e Dani bebam por mim!

Eu sempre quis o meu fim

he he he

com uma arma mas nem
mas nem isso eu tive!

Me perdoem! (Samuel, 2011)

João (1995) pede desculpa a “*todos*” e “*por tudo*”, posteriormente complementa seu pedido justificando-se ao afirmar que não queria ser infeliz, e por fim, lamenta-se por ser criança e não “*O homem mais feliz*”. Jeferson (2000), por sua vez, pede desculpas à mãe por não ter aguentado e só ter feito “*coisa erada*”, lamentando-se pela possibilidade de lhe causar sofrimento. Já na carta de Samuel (2011), o pedido “*Me perdoem!*” encontra-se deslocado dos demais parágrafos, em destaque, logo após duas frases escritas em colunas em paralelo - em uma das frases pede que seus amigos bebam por ele, e na outra lamenta-se por não conseguir, *nem* no momento de sua morte, realizar a expectativa que tinha para si.

Nestes três casos, os jovens, assim como Severino e Marcos falam sobre a culpa que carregam. Entretanto, ao contrário dos primeiros, João, Jeferson e Samuel dizem sobre um sentimento avassalador onde não é mais possível situar a sua falha, mas esta aparece de forma generalizante, uma falha que atravessa de forma totalizante suas ações tanto ao longo da vida, quanto na passagem para a morte.

João aponta para uma dimensão extremamente cara de nossa pesquisa quando diz após o pedido de desculpas: “Eu Sou muito criança queria ser o homem mais feliz”. Parece-nos que o jovem está apontando justamente para a impossibilidade de cumprir o desafio que a passagem da vida infantil para a adulta impõe: de construir para si um tratamento para a própria infelicidade.

Com sensibilidade de suas palavras o adolescente de 18 anos, no auge de sua angústia, não nos deixa esquecer da dimensão e complexidade deste percurso da juventude. Este momento pode ser tomado com tamanha seriedade, levando a cabo o imperativo de “ser o

homem mais feliz”, sem que antes mesmo possa se perguntar o que é ser um homem? Ou até mesmo o que é ser feliz?

Jeferson, por sua vez, localiza a mãe para dirigir o seu apelo, receia que o ato possa causar-lhe dor, porém não recua, pois não aguentou a culpa de *só* fazer “*coisa erada*”. Quando Jeferson diz que “não deveria ser assim”, mas precisou ser, precisou se matar pois “*só fez coisa erada*”, o que poderia ser fazer o certo? Claramente não há respostas para essa pergunta, mas estaríamos aqui no campo de uma construção de um ideal que Jeferson, assim como João, não conseguiu alcançar. Nessa mesma direção, Samuel nos diz sobre a falha em ser um Head Banger o reduz totalmente a nada mais do que uma “*fralde*”.

Sabemos a importância de que os jovens possam construir um ideal para si, a partir da oferta de significantes capturados no campo do Outro, como forma de tratamento do real. Quando os jovens falam da busca por ser “o homem mais feliz”, por fazer a coisa certa ou tornar-se o Head Banger que sempre quisera, parece-nos que é justamente pela via da construção de ideais que os garotos fazem sua aposta. Mas quais os efeitos quando os ideais são tomados a ferro e fogo, exageradamente enrijecidos? Por quais vias essa figura de alteridade tem se apresentado para estes jovens?

Os escritos de João, Jeferson e Samuel, parecem nos apontar para uma outra dimensão da culpa, em seus pedidos de perdão. Os jovens descrevem com suas palavras o extremo sofrimento, e impossibilidade de vislumbrar um futuro para si, ao constatarem um fracasso absoluto diante da queda dos ideais. Nesse sentido, Ehrenberg (2000) é certo ao apontar a distância entre as “doenças da culpa”, as quais aflige o Eu face a tirania superegóica; e as “doenças do déficit” que aprisionam os sujeitos em sentimentos de insuficiência. Retornaremos a este ponto.

Freud (1914/2010d) elabora sobre a instância do Ideal do Eu, herdeira do complexo de Édipo, que atualiza a ideia narcísica infantil onde o Eu era seu próprio ideal. O Ideal do Eu

seria então a projeção de ideais morais captados pelo Eu na esfera cultural e social regulando a busca pela imagem idealizada da perfeição projetada dentro de si, aumentando então as exigências do Eu. A frustração gerada pelo não cumprimento dessas exigências idealizadas, apresentam-se como efeito dos sentimentos de fracasso e culpa. Não à toa que no decorrer de sua obra, Freud (1923) equivalha a instância do ideal do eu ao autoritário e tirânico supereu.

Ainda que esta pesquisa desenvolva-se a partir de um recorte limitado em termos quantitativos, ao passo que tivemos acesso a um pequeno acervo de documentos, ao acompanharmos os relatos dos jovens expressos em suas cartas de adeus, não podemos deixar de notar algumas mudanças importantes, ao longo dos anos na forma como os jovens constroem suas narrativas. A este respeito, passamos a percorrer algumas hipóteses que nos indiquem algumas das consequências da historização dessa dimensão de alteridade que perpassa o apelo que os jovens remetem em suas cartas.

Ao acompanhar as narrativas de Severino e Marcos escritas no início do século passado, os jovens contam sobre seus romances, testemunhando sobre a culpa insuportável diante do rompimento amoroso. Por outro lado, nas cartas encontradas datadas a partir da década de 90 chama a atenção um outro estatuto dado a dimensão da culpa, que já não se apresenta somente a partir da dívida superegóica, mas parece elevada a outra dimensão de uma insuficiência generalizante.

Ademais, João, Jeferson e Samuel suprimem eventos biográficos de suas cartas, ofertando um testemunho da impossibilidade de sustentar o desejo face a queda dos ideais que se apresentam cada vez mais maciços, encorpados. É curioso notar que este apelo tem um endereçamento pulverizado, dirigindo-se para uma multiplicidade de destinatários na carta dos três garotos. Ao longo de seus escritos, os jovens evocam diversas figuras, direcionando seus apelos de forma fragmentada

(...) gosto muito de vocês do luan da Vânia da Andréia do marcos do cristian *rasura* em fim amo todos vocês principalmente você minha mãe. Digo a dona Vilma que

considero ela como minha segunda mãe Tamires, Laís, Cacá, meus irmãos seu Odair um pai que não tive, a vó Fabiana, Minha família meus amigos Gilmar, Eliana, Dudu, Ricardo *rasura* Antoninho *rasura* Miltinho Dado não consigo lembrar do resto mas vão estar todos no meu coração (Jeferson, 2000, grifo nosso).

Pai, Mãe, Tio, Vô, Vó Irmã e Irmãos (...)

Danizão Pretão

Vcs vão ter que dividir as minhas coisas, obrigado por tudo irmãos (vcs) sempre foram fodas!!!

Mãe, Lili, Vô, Vó, Tio e Tia eu os amo! (...)

Fernando e Dani bebam por mim! (...)

André, Didi, Aline, Wilson, Hariel, Wando, Fafá, Ananda...

Pessoas ao qual não citei antes, mas com sertesa, são importantes para mim! (...)

Quase me esqueci!

Joel, Jéssica, Mateuzinho, Dona Ivone, D. Mara, D. Lívia...

Pessoas que fizeram parte da minha vida e sempre tiveram lado a lado!

E também a família do Fernando e Dani (Samuel, 2011, grifo nosso)

Estes modos contemporâneos de dirigir-se à alteridade, os quais expõe um certo embaraço ao situar-se diante de uma referência não passou despercebido por alguns psicanalistas (BROUSSE, 2003; DUNKER, 2021; GURSKI, 2014; KHEL, 2015; ROSA, 2010; QUINET, 2012), os quais sustentam a hipótese de que nos tempos atuais vemos atualizar o estatuto imaginário do Outro. Os modos de organização do laço social regidos pela lógica neoliberal produzem novas formas de sofrimento, consequentemente novos posicionamentos diante dos imperativos super egóicos.

Estamos diante de tempos de hipervalorização especular, onde cada vez somos abordados por uma multiplicidade infinita de imagens que conseguem cercar o consumidor, oferecendo-lhes soluções imediatas de forma cada vez mais simultânea com a produção de necessidades (GURSKI, 2014; KHEL, 2015). Como efeito destas novas formas de enlaçamento, podemos ver a pulverização das demandas do Outro que se fragmenta em inúmeras representações, consequente da multiplicidade de imagens ofertadas. Sustentando-se sob a égide das mais abundantes imagens e enunciados, a versão imaginária do desejo do Outro ganha um corpo com cada vez mais consistência e coerência, apresentando-se de forma maciça, categórica ao sujeito (KHEL, 2015).

Retomaremos adiante, ao longo deste capítulo, a discussão sobre como essas novas configurações podem adentrar a experiência subjetiva dos jovens. Por ora, apenas sublinhamos que a possibilidade de construção de uma narrativa de si passa necessariamente pela relação com a alteridade, sendo esta a única via para se estabelecer no laço social. Como já destacado anteriormente, o que ressaltamos com estas observações não trata-se somente de reconstatar as que mudanças na realidade social implicam em mudanças subjetivas, pois esta é uma tese já verificada desde o início por Freud. Por outra via, apostamos que a palavra destes jovens pode nos dizer sobre o *como* essas novas configurações adentram na trama intersubjetiva e *quais* seus efeitos. Assim como argumenta Dunker (2021),

Todo sintoma é um desejo que se realiza de forma deformada, assim também cada narrativa de sofrimento é uma forma de endereçar uma demanda de reconhecimento. Sintomas não são apenas uma avaria que se pode excluir das pessoas impunemente, um a-mais composto de falta de sentido e ausência de verdade. Sintomas são também formas de resistência, por isso a pesquisa sobre a gênese e a emergência de novas formas de sofrimento é uma investigação que localiza modalidades de crítica e de resistência social. Sintomas são uma forma de responder ao Outro assim, como uma maneira de extrair um fragmento adicional de gozo. (p. 192)

A partir do que nos foi possível acompanhar frente ao apelo produzido pelos jovens, em especial nos trechos destacados neste capítulo, evidenciamos as novas formas de enlaçamento por onde estes conseguiram localizar-se diante da dimensão da alteridade. Para tal, nos guiamos a partir da dimensão do *ideal* por onde estes sujeitos podem balizar a posição no laço social. Podemos captar algo desse conflito nos escritos de Samuel, quando o mesmo diz:

De acordo com as minhas crenças, só estou acabando com as minhas angústias, estou indo enquanto tenho um pouco de dignidade!
(...)
Não vim para essa merda para ganhar!
O que me segurou até hoje foram vcs!
Mas cheguei no meu limite, não fiquem tristes a vida continua! (SAMUEL, 2011 grifo nosso)

O jovem ao constatar a fatalidade de que não veio ao mundo para “ganhar”, diz de um estado de “limite” em que a única saída para preservar algo da sua dignidade enquanto sujeito é a morte, “death as a solution”, como conclui em outro momento de sua carta. Não possuindo o que é necessário para “ganhar” (seja lá o que isso signifique), qualquer tentativa de aparentar o contrário coloca o jovem na condição de impostor

“Nunca fui o Head Bangen, que gostaria de ser!
Sempre fui uma fralde!
Paciência!” (SAMUEL, 2011)

Os ideais que balizam o Eu, apontam para uma referência de como deve-se ser para poder desejar, entretanto ao adentrarmos no campo da a urgência do *instante do já*, a angústia apresenta-se como resposta diante do impossível da demanda de igualar-se ao Ideal do Eu. “Paciência”... não sendo possível ser o Head Bangen que gostaria, não é mais possível também construir uma possibilidade de futuro para si, ficando em suspensas as possibilidades do devir.

Ao tomar para si a responsabilidade diante do real, de forma a individualizar toda a responsabilidade perante a própria felicidade, o sujeito é tomado pela culpa diante do fracasso, totalmente inadvertido do impossível inerente à sua missão.

Acompanhamos a hipótese de Khel (2015) e Dunker (2021) de que, na vida contemporânea, a partir do advento dos ideais capitalistas e neoliberais, a dimensão do conflito, como condição para a entrada no laço social, passa a ser substituída por uma lógica de desempenho individual. Os imperativos neoliberais de liberdade de autonomia geram uma narrativa de hiperresponsabilização de si, individualizando o fracasso a nível privado, favorecendo a culpa, sem a necessidade de interiorizar-lá enquanto conflito. Isolando-se as dimensões políticas e sociais contingentes, vemos surgir a figura social do fracassado.

Com isso, “O que o Outro exige do sujeito contemporâneo é sempre que ele goze. Muito” (KHEL, 2015 p.94). O sujeito é convocado a responder conforme os ideais de consumo, liberdade, autenticidade e desempenho, buscando sempre a extração do máximo de prazer em cada experiência. A armadilha nesta imposição de “*ser o homem mais feliz*” está justamente em ocultar a impossibilidade de sua realização, tornando a dívida superegóica mais distante de ser quitada.

De certa forma, é como se uma réplica do fantasma, que situa o sujeito do inconsciente diante da demanda do gozo do Outro, se apresentasse aos sujeitos a partir de um outro lugar, socialmente compartilhado e alheio ao inconsciente. Não se trata de ir tão longe a ponto de supor o apagamento da dimensão singular das formações do inconsciente; mas sim que a consistência com que o imaginário social responde às representações recalçadas do desejo favorece a covalidação social do fantasma, o que implica a possibilidade de as respostas fantasmáticas ao enigma do desejo do Outro já não precisarem forçosamente ser tomadas a cargo dos Sujeitos, em sua singularidade. A face imaginária do Outro, na vida contemporânea, vem sendo atualizada continuamente nos termos da indústria especular através de seu setor de ponta, a publicidade. Por ela, a demanda do Outro vem coincidir com os mais primitivos mandatos do *supereu*, prometendo atender aos anseios recalcados ao longo da travessia edípica: anseios de abrir mão da via do desejo em troca de uma oferta (imaginária) de gozo. Poucos resistem à aparente segurança dessa troca: os otários e os sábios talvez, além dos depressivos que recusam sem saber, necessariamente, o que fazem. A angústia, por sua vez, é o preço inevitável a ser pago por essa perspectiva imaginária de supressão da falta. (KHEL, 2015 p. 93-94)

Como efeito, abre-se espaço para os sentimentos de insuficiência, como pontuamos anteriormente, atualizando a “doença da culpa” neurótica pela “doença do déficit” (EHRENBERG, 2000). Ao individualizar o conflito, os que inibem-se face a demanda feroz de desempenho, são lidos como aqueles que padecem da falta de algo - seja de uma substância química cerebral, que facilmente pode ser ajustada por psicofármacos de última geração; ou a falta de alguma capacidade comportamental que pode ser corrigida com uma boa dose de “autoestima” (KHEL, 2015).

as fantasias participam dos mecanismos de defesa contra a angústia de castração, sustentam a posição do sujeito no fantasma, representam objetos para o desejo, dão forma aos ideais. Disso tudo o depressivo abriu mão. Daí que, para defender-se da voracidade urgente do Outro, ele não dispõe de nada

além de formas de resistência passiva exercida numa tal lentidão que instala o sujeito em um tempo que parece estagnado. O tempo não passa quando a perspectiva do devir é vazia, não se apoia em moções de desejo nem em fantasias a respeito do futuro. (p.235)

Até aqui, construímos um percurso o qual nos foi possível acompanhar a dimensão da alteridade presente nos atos de suicídio. Observamos que ao longo das décadas algo se manteve em relação à culpa frente às quedas dos ideais. Conforme acompanhamos ao longo deste trabalho, estes ideais fazem parte de uma dimensão constituinte da esfera psíquica dos sujeitos, e são possíveis de serem formulados necessariamente mediante o encontro com a alteridade, por onde o sujeito pode recolher referências para si a partir da sua versão do desejo do Outro.

Ao situarmos uma questão que se repete nas elaborações das cartas, com os pedidos de desculpas, localizamos também como esta dimensão ideal passa a atravessar as experiências dos jovens de novas formas, ao passo que os apelos dirigidos nas caras ganham novos contornos. A íntima relação entre aumentos e decréscimos de taxas de suicídio com fatores de ordem social é um dado já reconhecido desde que o suicídio passou a ser interesse de pesquisas. Ao elevar o suicídio ao estatuto de fato social, já em 1897 Durkheim constata as influências das causas sociais sobre o fenômeno do suicídio, portanto trata-se de uma teoria já consolidada. Mas o que nos interessa aqui é *como* essa dimensão social produz seus efeitos.

O caminho percorrido até o momento nos aponta para uma hipótese sobre os ideais vigentes, os quais nos parece conduzir para uma experiência cada vez mais concreta de fracasso, onde ao passo que a felicidade torna-se um imperativo, a responsabilidade de seu cumprimento é individualizada.

5.3 A DIMENSÃO DA FALTA

O caminho que desenvolvemos até aqui nos situa em relação à dimensão da alteridade que opera no ato suicida. Pudemos então elaborar uma hipótese sobre como este Outro da linguagem opera na experiência contemporânea, ao passo que as cartas encontradas nos indicam alguns pontos de dissimetria entre a forma como os sujeitos eram capturados pelas instâncias ideais no início do século passado e na virada entre o final do século XX e entrada do XXI.

Neste terceiro e último eixo de leitura, buscaremos aprofundar nossa discussão em relação à dimensão da falta presente no ato suicida, e sua articulação com o objeto *a*. No capítulo anterior, ao localizarmos passividade diante do desejo algoz do desse Outro impetuoso seria imprudente se acompanhassemos este movimento de reduzi-la totalmente ao campo do fracasso. A hipótese que buscamos aqui desenvolver diz sobre o movimento onde retirando-se da cena, o jovem esvazia a demanda imposta, o sujeito providencia sua resistência (DUNKER, 2021). Ao se evadir, os jovens mostram a não submissão a este Outro avassalador.

Este percurso que propomos pode desenvolver-se a partir dos questionamentos que reverberaram-nos a partir das elaborações apresentadas nas seções anteriores: Quando os ideais são tomados ao pé da letra, aceitos em sua totalidade, qual o espaço para o desejo? Como produzir um sonho para o futuro, se todos os seus sonhos já lhe foram de antemão apresentados a partir de uma concretude impenetrável para o sujeito?

Essas interrogações nos lançam para a necessidade de retomar a dimensão da falta presente no ato, e sua íntima relação com o objeto *a*. Nos remetemos ao ato sem a pretensão, neste momento, de propor uma espécie de diagnóstico sobre o suicídio dos autores das cartas enquanto passagem ao ato ou *acting out*, mas situando-o em sua estrutura de ato. Para tal,

retomemos brevemente o que chamamos aqui de “estrutura do ato” em Lacan, conforme foi possível localizar nos capítulos anteriores de revisão.

Este caminho que nos indica alguns efeitos do encontro com a alteridade nos conduzem também a interrogar sobre a resposta que os suicidas oferecem à demanda imperativa do Outro. Lacan situa o ato em sua relação com o significante, mas o que é interessante está justamente na proposição de que momento em que o ato se irrompe é justamente quando não é mais possível a articulação simbólica. Ou seja, quando a cadeia se rompe, desarticula, não encontra mais uma ligação, o ato entra em cena como uma espécie de “sutura”, fazendo o seu marco que instaura um antes e um depois.

Ou seja, considerando o inconsciente estruturado como linguagem, e o ato necessariamente articulado à esta estrutura. No momento em que o ato se irrompe, trata-se do encontro com este objeto da angústia, objeto este que Lacan situa em seu ensino positivando a falta, o buraco, a lacuna do Outro, o objeto *a*. Quando há o ato, não há sujeito, senão o seu resto (LACAN, 1967-68, 29/11/67). Todo ato verdadeiro, segundo Lacan, faz uma demarcação de um antes e um depois na história do sujeito, mas em seu limite último, o ato é a lacuna entre estes dois tempos.

Em outras palavras, a angústia que faz-se presente no momento prévio ao ato demarca encontro com a faltado Outro, daquilo que não pode ser simbolizado. Por essa via, Lacan (1962-1963/2005) afirma que a angústia não é sem objeto, e nos introduz ao objeto da angústia: o objeto *a*. Segundo o psicanalista francês, este objeto *a*, trata-se justamente do resto que escapa à apreensão da imagem especular do eu oferecida pelo Outro. O movimento mesmo pela busca desse objeto faltante é que funda a possibilidade do desejo. Nas palavras de Khel (2015):

Do ponto de vista da constituição dos sujeitos, sabemos que a separação entre a criança e o Outro materno produz a perda de um objeto (dito objeto *a*, inaugurador de

toda a série de objetos aos quais o desejo há de dirigir seu impulso) que, por sua própria natureza é impossível de ser reencontrado. Esse objeto perdido passa a funcionar então, como causa de desejo. (p. 90)

No momento em que algo ocupa este lugar previsto pela falta, é o instante de maior embaraço para o sujeito, onde tudo perde o seu valor. Podemos aferir o surgimento da angústia enquanto o afeto correspondente à emergência deste *a* enquanto objeto não especular. Por seu efeito real, impossível de ser colonizado pela instância simbólica, o ato pode aparecer enquanto uma resposta, a ação surge como barreira para evitar a angústia (Lacan, 1962-1963/2005).

Dessa forma, Lacan (1962-1963/2005) situa o suicídio elevando-o enquanto sua estrutura de ato. O que vai diferenciar o ato em suas apresentações enquanto passagem ao ato ou *acting out* é justamente a via pela qual articulam-se ou não à cena do Outro, “Na passagem ao ato, há uma identificação absoluta do sujeito com o [objeto] *a* enquanto que no *acting out* esse resto é o essencial do que é mostrado” (BRUNHARI, 2009 p. 807).

Nesse momento, é importante lembrar que o ato da escrita, pelo qual os remetentes produziram as suas cartas não pode ser confundido com o ato suicida em si, ele é anterior. No momento em que se redige uma carta ainda é possível um endereçamento, um apelo, ainda que, um apelo bastante enigmático, poroso.

Assim, conforme pudemos acompanhar sobre as elaborações de Freud e Lacan a respeito do ato, ele irrompe diante o encontro com o real, onde a articulação simbólica já não é mais possível. Seria então a carta uma tentativa de dar contorno com este encontro com o real, face o surgimento da angústia?

A escrita das cartas de suicídio parece-nos enquanto uma tentativa última de manutenção do laço com a alteridade. Por essas linhas, é possível acompanhar situações em que a escrita de uma carta de suicídio podem bastar como um aespécie de “prevenção” ao ato de tirar a própria vida, promovem um recuo, como por exemplo no caso Dora, em que sua

carta de suicídio pode ser arquivada, aguardando o encontro com o destinatário, sem a necessidade de que o encontro com a morte se efetive (FREUD, 1905/ 2017).

Este breve resgate nos ajuda a situar a terceira dimensão que nos propomos explorar a partir do que recolhemos das leituras das cartas: a dimensão da falta. Conforme desenvolveremos a seguir, a partir das coordenadas de Lacan, tomamos o conceito de objeto *a*, em sua condição de resto para nos auxiliar a localizar a posição que os remetentes se situam frente a alteridade a quem se endereçam no ato do suicídio. Com isso, reintroduzimos as palavras de Fernanda (1997) e Rogério (2000):

Meu nome é Fernanda Vasconcelo
Tel - 1234567²¹

Peço a Deus que abençoe à todos que eu amo inclusive meu filho e o grande amor da minha vida.
Ass - bebê (Fernanda, 1997)

Mãe
Não
Se
Preocupe
estou
com
DEUS (Rogério, 2000)

A leitura de todas as cartas as quais nos debruçamos neste trabalho, nos remeteu às diversas formulações que seus autores puderam enjambrar para produzir seu último apelo. Porém, mesmo àquelas que, de alguma forma, tentam apresentar uma possível explicação ao destinatário da decisão pelo término da vida, nos indicam a impossibilidade de responder à expectativa de solucionar uma resposta para a pergunta que não tem seu fechamento: “por que decidiu-se pela morte?” - se é que podemos de fato falar de “decisão” aqui.

²¹ O número de telefone foi alterado.

Optamos por iniciar a conversa sobre esta dimensão da falta a partir dos escritos de Fernanda e Rogério, justamente por sua recusa desde o início de forçar uma tentativa para fornecer tal resposta. Ambos sabem e não recuam! a carta de um suicida pode ser tudo, mas não uma explicação para o que há de vir...

Fernanda é bastante objetiva em sua última mensagem. O pedaço de papel que levou consigo apresenta uma função de identificação do corpo, o qual não lhe tem mais serventia. Com um tiro, a jovem abre mão de sua própria permanência na cena, não levando mais nada consigo, deixa para trás o seu corpo como aquilo que restou de uma experiência.

Este pedaço de carne, que agora não lhe interessa mais é etiquetado, carrega o seu nome próprio e o telefone, que segundo os documentos de inquérito trata-se do contato de seu companheiro. O cadáver já não pulsa, não comporta sofrimento e nem conta mais uma história, é apenas o *resto* que sobra depois de tudo que já foi dito e como tal pode ser entregue para o seu devido destinatário, este que ocupe-se do sepultamento do último traço de memória.

Por sua vez, Rogério também é bastante assertivo em suas palavras finais: não há mais com o que se preocupar. Poupa-se da tentativa em vão de encontrar palavras para o indizível. Este lugar em que se situava até então já não interessa, ao localizar-se entre a cena que o Outro lhe apresenta e a cena de DEUS, opta-se para o lugar onde não há mais necessidade de se preocupar.

Face a angústia, o ato escancara ao mesmo tempo, o insuportável da dor, mas também a recusa em sucumbir o desejo do Outro. Assim como situa Lacan (1974/2003) "O suicídio é o único ato capaz de ter êxito sem qualquer falha. Se ninguém sabe disso, é por partir da prevenção de nada saber" (p.451). A máxima lacaniana situa o suicida enquanto aquele que garante o êxito da separação radical sustentando o não querer saber mais nada sobre nada (Miller, 2014).

A partir dessa perspectiva, poderíamos acompanhar que no momento em que escrevem suas cartas, face a angústia o ato dos jovens mostram, ao mesmo tempo, o insuportável da dor, mas também a recusa em sucumbir ao desejo do Outro.

Determinado por tal discurso, que o reduz a uma condição de objeto em uma realidade que lhe transcende – seja aquela cifrada em seus gens ou em sua conta bancária –, segue sem um projeto de futuro, sem uma utopia: perde a direção de sua vida, adapta-se, debate-se para prosseguir. As perspectivas utópicas nos colocam possibilidades de “invenção da vida”, como afirma Sousa (2002, p. 40): “As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante de outros possíveis num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida”. E acrescenta que “todo ato criativo traz em si uma utopia” (p. 44), pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e abre lugares para imagens possíveis, para assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido. Sem utopias, o sujeito é instado a se sacrificar e a fazer funcionar a estrutura social, colocando-se como instrumento do gozo do Outro, dirigido pelo que já se denominou de “paixão pela instrumentalidade” (Calligaris, 1991). Esta gesta o germe da violência contemporânea que, aparentemente desvinculada do discurso que a embala, comparece em outro lugar. (ROSA e POLI, 2009 pg. 7-8)

Rosa e Poli (2009) nos sensibilizam a olhar para as estratégias de resistências presentes no processo de identificação com o lugar de resto. As autoras recusam esse imperativo de (uni)responsabilizar o sujeito pelo fracasso, mas apontam para este percurso por onde o sujeito pode arquitetar um curto-circuito: a identificação ao não lugar discursivo, ao resto (ou até se quiserem ao objeto *a*) passa a representar uma resistência ao passo que subjetiva-se a partir da absoluta dessubjetificação (ROSA e POLI, 2009).

As autoras destacam o movimento para além do mero “conformismo”. A identificação com este objeto *resto*, pode dizer de um percurso de espera, aceita-se este lugar mortificado. Observa-se até o segundo oportuno de fazer sua aparição. É realmente uma imensa pena que muitos não podem retornar deste momento para contar a história...

Podemos acompanhar este movimento nos escritos de Samuel (2011), que declara “De acordo com as minhas crenças, só estou acabando com as minhas angústias, estou indo enquanto tenho um pouco de dignidade!”. A morte voluntária poderia situar-se enquanto

aparece como alternativa de renúncia, de não submissão à contingência imposta? Ao evadir os suicidas declaram o ponto de basta!

Não à toa cada uma das palavras escolhidas por Samuel. Acompanhamos o percurso de “aceitar seu fracasso”, não enquanto derrota, mas sim como um movimento último para resguardar para si a dignidade, pois o Outro já abster-se garantir-la. O aceitar da condição da mais pura sobra, tem-se a garantia de ao menos *algum* lugar!

No final de sua carta Jeferson não assina o seu nome, no lugar repete o significante “ninguém”. Ao vestir-se com o “ninguém” não há mais a necessidade de provar “ser alguém”. É justamente nesse momento em que é possível assumir sua própria história e como diz Lacan (1962-1963/2005) “deixa-se cair da cena para entrada no mundo”.

A partir dos recortes apresentados, evidenciamos uma dimensão das formas de enlaçamento por onde os remetentes respondem à convocação desde a imposição de ideais constatando o seu absurdo, assumem o fracasso. Ao assumir *denunciam* a falta que nunca foi exclusivamente sua.

6. AS ÚLTIMAS PALAVRAS

A radicalidade do suicida nos coloca face a face com os limites do desamparo, o total desenlace. O enigma deixado por aquele que optou por retirar-se da cena do Outro nos provoca ao denunciar a fragilidade em que o sujeito se sustenta. E é justamente este tímido movimento de consentir a esta provocação que buscamos neste trabalho.

Ao longo de nosso percurso, buscamos recolher a palavra dos suicidas recuperando sua dignidade enquanto testemunho de um laço que foi possível ao longo da vida. O nosso intento desde o momento em que este trabalho passou a ser pensado, é de acompanhar a palavra dos jovens, porém sem jamais colonizá-las, oferecendo-as uma significação última.

Portando esboçamos uma leitura possível do percurso que os jovens nos apresentam. Ao nos encontrarmos com os documentos escritos, tivemos a *sorte* de poder nos aproximar de escritos datados de diferentes momentos históricos. Ao passo que desde o início optamos por direcionar nossos olhares para este encontro com a alteridade, os diferentes tempos, temporalidades, textualidades e testemunhos nos indicaram um caminho por onde foi possível acompanhar os modos como o Outro opera e a partir daí os jovens nos contam em seus testemunhos escritos um percurso de tentativa de enlaçamento com esta alteridade. Nos testemunham, também através do ato, os momentos onde o desenlace impõe-se em uma ruptura final.

Os jovens têm esse poder de romper com o que não serve. Tomar a juventude como portadores de uma palavra que não é gritaria, rebeldia ou mera insubordinação. Os jovens e os suicidas são aqueles que sabem o que dizem e isso justamente por não quererem mais saber de nada.

Considerando as limitações de nosso trabalho que desenvolve-se a partir de recorte, pouco expressivo em termos quantitativos. Assim, endossamos a necessidade de seguirmos

investigando e nos interrogando sobre os efeitos do cenário sócio político atual na produção de novas formas de posicionamento diante da alteridade. Como de costume, as últimas palavras não são as palavras finais. Com isso deixamos em aberto o questionamento: É possível situar o suicídio enquanto uma resposta aos imperativos de nossa época?

Ao apostar na palavra solta dos suicidas, reconhecemos uma premissa que pode soar contraditória, ao passo que convoca um dizer àquele que abriu mão da palavra em si. Nos parece que justamente por aceitar sua condição enquanto o resto, faz com que o suicida possa sustentar o seu saber sobre o furo. Ao não recuar desta aposta, revogamos a dignidade do ato, desviando da sedução ao empuxo da patologização, que consente com a individualização do diagnóstico. Mas uma vez que a morte é um limite para a oferta de escuta, tal qual propõe-se a psicanálise por meio da associação livre, por quais vias podemos fazer avançar nossas elaborações teóricas face aos enigmas deixados pelos suicidas? Estes são alguns dos questionamentos que mantêm-se enquanto um convite para novas investigações.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o outro**. Rio De Janeiro: Zahar, 2004.

ALLOUCH, J. **Letra por Letra**: Traducir, Transcribir, Transliterar. Tradução de Marcelo Pasternac, Nora Pasternac e Silvia Pasternac. [s.l.] Edelp, 1984.

ALLOUCH, Jean. **Erótica do luto**: no tempo da morte seca. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor In:_____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1936/2012. p. 213-240, vol. 1

BRASIL. Lei n. 12.527, de 18 de Novembro De 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º , no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Controladoria-Geral da União, Brasília, DF, 18 de novembro de 2011.

BESSET, Vera Lopes. A clínica da angústia: um lugar para o sujeito. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 9, n. 2, p. 137-142, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde –DATASUS. Informações de Saúde, Sistema de Informações sobre Mortalidade. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10uf.def>. Acesso em: 6 ago 2021.

BROUSSE, M. H. **O inconsciente é a política** –Seminário Internacional. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. 2003.

BRUNHARI, Marcos Vinícius. **O ato suicida e sua falha**. 2015. p. 235. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de São Paulo/Instituto de Psicologia, São Paulo. 2015.

BRUNHARI, Marcos Vinícius. **Suicídio**: um enigma para a psicanálise. Curitiba, PR: Juruá, 2017.

BRUNHARI, Marcos Vinícius; MORETTO, Maria Livia Tourinho. O suicídio amoroso: uma proposição metapsicológica. **Psicologia em Revista**, v. 21 n. 1, 108-125, 2015.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 2. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012. (Original 1942)
- CAON, José Luiz. Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 10, n. 1, p. 105–123, 1997.
- CATROLI, Viviani S. C.; ROSA, Miriam Debieux. O laço social na adolescência: a violência como ficção de uma vida desqualificada. **Estilos clin.**, São Paulo, v.18, n.2, p. 297-317, 2013.
- CORSO, Diana. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. In: RODRIGUES, Marieta (Edit.). **Clínica da Adolescência**. Porto Alegre: Appoa, 2002. p. 18-30.
- COSTA, Ana. **A ficção do si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1998.
- COSTA, Ana. Litorais da Psicanálise. **Psicologia & Sociedade**, v.. 21, Edição Especial. p. 26-30, 2009.
- COSTA, Ana. Relações entre psicanálise e escrita. **Terceira Margem**, n. 26, p. 61–79, 2012.
- COSTA, Ana. Memória e testemunho. In: INSTITUTO APPOA (Edit.). **Por que uma clínica do testemunho?** 1. ed. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018
- CREMASCO, Maria Virgínia, F.; BRUNHARI, Marcos, Vinícius. Da angústia ao suicídio. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. 9, nº 3, p. 785-814, 2009.
- DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: Testemunhos de adeus. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: Safatle, Da Silva Junior e Dunker. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica , 2021.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019,1897.
- ESTEVÃO, Ivan Ramos. Psicanálise e Arte como discursos do real: estudos sobre o corpo. **Sofia Versão Eletrônica**, Vitória, v. 6, n.1, p. 59-78. 2016.
- ESTEVÃO, Ivan Ramos. Sobre três eixos da pesquisa em psicanálise: clínica, teoria e extensão. In: Fulgêncio, Leopoldo. et al. (Orgs.). **Modalidades de Pesquisa em Psicanálise: Métodos e Objetivos**. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 69–79.
- EHRENBERG, Alain. **La fatigue d'être soi**: Dépression et société. Paris: Odile Jacob, 2000.

FORTES, Isabel; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 38, p. 353-367, 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In:_____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p.129-160.

FREUD, Sigmund. Rascunho G. Melancolia. In:_____. **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos** (1886-1889) (Volume I). Rio de Janeiro: Imago, 1985/1996a. p. 150–154.

FREUD, Sigmund. Sobre a concepção das afasias: Um estudo crítico. Tradução de Emílio Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica. 1891/2013.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Imago, 1900/2001.

FREUD, Sigmund. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana** (1901). (Volume VI). Rio de Janeiro: Imago, 1901/1996b.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In:_____. **Obras Completas Volume 6: Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das letras: São Paulo, 1905/2010a. p. 13-172.

FREUD, Sigmund. Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio. In:_____. **Obras Completas Volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O Homem dos Ratos”), Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1910)**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das letras: São Paulo, 1910/2013. p. 13-172.

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O Caso Schereber”, 1911). In:_____. **Obras Completas Volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O Caso Schereber”), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das letras: São Paulo, 1911/2010b. p. 13-107.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In:_____. **Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O caso Shreber”), Artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1911/2010c. p. 108-121.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914) In:_____. **Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O caso**

Shreber”), Artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2009. p. 193-209.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicologia do colegial. In: _____. **Obras completas volume 11:** Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2012. p. 418-423

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo (1914) In: _____. **Obras Completas Volume 12:** Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das letras: São Paulo, 1914/2010d. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud:** As pulsões e seus destinos—Edição bilíngue. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Companhia das letras: São Paulo, 1915/2013. p. 24-41.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. **Obras Completas Volume 12:** Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das letras: São Paulo, 1915/2010f. p. 170-194.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras Completas, volume 14:** História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1920/2010g, p. 161-239.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: _____. **Obras completas, volume 15:** Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 1920/2011b. p. 114–150. (1920b)

FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: _____. **Obras completas, volume 16:** O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011c. p.13-74.

FREUD, Sigmund. A organização Genital Infantil. In: _____. **Obras completas, volume 16:** O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011d. p. 168-175.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: _____. **Obras completas, volume 16:** O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1924/2011e. p.184-202.

FREUD, Sigmund. Inibição, Sintoma e Angústia (1926). In: _____. **Obras completas, volume 17:** Inibição, Sintoma e Angústia. P Futuro de uma Ilusão e outros textos

(1926-1929). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1926/2011f. p.9-98.

FREUD, Sigmund. Construções na análise (1937). In:_____. **Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica.** Tradução de D. Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica. 1937/2017. p. 365-381.

GALLO, Héctor. **Por Que Se Suicida Un Adolescente: Pasaje Al Acto, Urgencia Y Acto.** [s.l.]: Grama Ediciones, 2021.

GUARANÁ, Bruna. Por uma clínica do escrito: uma interseção da psicanálise com o campo da literatura. **Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 117-135, 2020.

GURSKI, Rosa. Massacres Juvenis e Paixão pelo Real: O Império do Sentido e a Discussão sobre os Impasses do Adolescer na Atualidade. In: GURSKI, Roselene; ROSA, Miriam Debieux; POLI, Maria Cristina. (Orgs.). **Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social.** Curitiba: Juruá, 2014. p. 103-122.

GURSKI, Rosa; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016.

GUSDORF, Georges. **La découverte de soi.** Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

GUARNIERI, Leonardo Veiga. **Por uma escrita que não traduza: as operações de leitura na escrita da clínica e no trabalho analítico.** 2020. p. 190. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2020.

INDURSKY, Alexei Conte; PICCININI, Carlos Augusto. O testemunho como ferramenta clínico-política. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 23, n. 1, p. 1–9, 2015.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é a pesquisa psicanalítica? **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** 2ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2015.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In:_____. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio De Janeiro: J. Zahar, 1949/1998a. p. 96-103.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In:_____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1953/1998b. p. 238-324.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio De Janeiro: J. Zahar, 1957/1998c. p. 496-533.

LACAN, J. Litoraterra. In: _____. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

LACAN, J. Prefácio a *O despertar da primavera*. In: _____. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1974/2003. p. 557-559.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953-1954/2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957-1958/1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962-1963/2005.

LEITE, Nina Virginia de Araújo. Psicanálise e literatura. Recorte - **Revista de Linguagem, cultura e discurso**, Campinas, n.7, 2007.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Decifro-me ou me devoro: Dor psíquica e autodestrutividade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 53, n. 4, p. 209–223, 2019.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. (Publicação Original 1846)

METZGER, Clarissa; SILVA JUNIOR, Nelson da. Sublimação e pulsão de morte: a desfusão pulsional. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 567-583, 2010.

MISSE, Michel. O inquérito policial no Brasil: Resultados gerais de uma pesquisa. Dilemas – **Revista de Estudos de conflito e controle social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 35-50, 2010.

MORABI, Marina de Moraes e Prado; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Adolescência e as Vicissitudes Identificatórias. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 4, p. 475-485, 2017.

MORAES, Marcos Antônio de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. A presença do pensamento freudiano no campo da saúde. In: KUPERMANN, D. (Org.). **Porque Freud hoje?** 1ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2017. p. 191-213.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. Memória, (des)memória, *in memorian*: nota geral sobre a noção de traumático em psicanálise. **Clínica & Cultura**, v. 8, n. 2, p. 141 – 144, 2019.

OMS - Organização Mundial da Saúde. Newsroom: Suicide. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>>. Acesso em: 06 ago 2021.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **CID-10**: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1. São Paulo: Edusp, 1994.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. 1ª ed, 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

RABELO, Elizabeth Alvelino. **A morte de si por escrito**: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RASSIAL, Jean-Jacques. **El pasaje adolescente**: de la familia al vínculo social. Tradução de Esther Rippa. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 1999. (Original publicado em 1999)

ROSA, Miriam Debieux; ESTEVÃO, Ivan Ramos; BRAGA, Ana Paula Musatti. Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 359-369, 2017.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011. (Publicação Original 1597)

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011. (Publicação Original 1600)

STEVENS, Alexandre. Quando a adolescência se prolonga. **Opção lacaniana Online**, ano 4, n. 11, p.1-15, 2013.

STEVENS, Alexandre. La adolescencia, síntoma de la puberdad. **FORT—DA Revista de Psicoanálisis com Niños**. n. 13, 2019.

TIN, Emerson. **Cartas e Literatura**: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar. Campinas: Projeto Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/7389199/Cartas_e_Literatura_reflex%C3%B5es_sobre_pesquisa_do_g. Acesso em: set 2020.

8. ANEXOS

8.1 ANEXO I - TERMO DE COMPROMISSO SIGILO E CONFIDENCIALIDADE



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

TERMO DE COMPROMISSO, SIGILO E CONFIDENCIALIDADE PESQUISA PORTARIA TJSP 9.978/2021

Pelo presente instrumento, eu, Luiza Harger Barbosa, RG:6.449.626, CPF:090.164.729-24, nacionalidade: brasileira, profissão:psicóloga (CRP: 06/144098), telefone: (11) 984692813, residente à Rua Adolfo Gordo, n. 52, apartamento 35b, bairro: Santa Cecília, cidade: São Paulo, Estado São Paulo, e-mail luiza.harger@hotmail.com, **DECLARO** conhecimento da legislação sobre o assunto e comprometo-me a manter sigilo das informações a que tenho acesso em razão da pesquisa solicitada, não as divulgando sem as cautelas que a lei exige, especialmente, as contidas na Lei 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação), Lei 13.709/2018 (LGPD), observando, também, o disposto na Portaria TJSP 9.978/2021 e, sobretudo, guardando o mais absoluto sigilo, quando assim for exigido.

Expressamente:

- Responsabilizo-me, integralmente, pela adequada utilização das informações a que tiver acesso;
- Estou ciente de que nomes de pessoas físicas (partes, vítimas, testemunhas) deverão ser resguardados. Qualquer referência será feita utilizando-se apenas as iniciais dos nomes;
- Informações ou reproduções só poderão ser divulgadas com autorização expressa da autoridade competente ou consentimento expresso de quem a elas se referir.
- Estou ciente da obrigatoriedade de, por ocasião da eventual divulgação das referidas informações, mencionar que os respectivos originais pertencem ao acervo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo;
- Estou ciente de que reproduções realizadas não poderão repassadas para terceiros;
- Estou ciente de que a informação que me for disponibilizada pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo será utilizada apenas para finalidade acadêmica;
- Assumo o compromisso de observar as normas de proteção de dados pessoais, intimidade e privacidade, de não violar sigilo e segredo de justiça e de não utilizar os dados pessoais e pessoais sensíveis a que tiver acesso para finalidades alheias ao pedido de pesquisa, sob as penas da lei, bem como de fornecer ao Tribunal de Justiça de São Paulo todo o material final resultante da pesquisa, para eventual utilização no planejamento e aprimoramento das atividades jurisdicional ou administrativa.

São Paulo, 07 de Janeiro de 2022.

Luiza Harger Barbosa
Nome do(a) requerente

8.2 ANEXO II - TERMO DE CADASTRO DE PESQUISADOR -



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO
 ■ DIRETORIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO
 Palácio da Justiça s/nº - 4º andar sala 417 - Cep: 01018-010
 Telefone: 4802.9336 – 4802.9334 – e-mail: deplan@tjsp.jus.br

PESSOA FÍSICA (artigo 5º Portaria 9.978/2021)	
Nome	Luiza Harger Barbosa
CPF e RG	090.164.729-24 / 6.449.626
Endereço	Rua Adolfo Gordo
Número	52
Complemento	apto 35b
Bairro	Santa Cecília
Cidade	São Paulo
CEP	01217-020
E-mail	luiza.harger@hotmail.com
DDD/Telefone	(11)984692813
A qual Órgão de Pesquisa ou entidade de ensino, considerada Órgão de Pesquisa, está vinculado (Lei nº 13.709/2018, art. 5º XVIII)?	Universidade de São Paulo (USP) Instituto de Psicologia (IP USP)
Especificar a natureza da pesquisa, nos termos do art. 1º caput (artigo 5º, II, Portaria 9.978/2021)	Pesquisa acadêmica em nível de Mestrado sob orientação do Professor Doutor Ivan Ramos Estevão.
Pesquisa que envolva acesso a dados pessoais ou dados pessoais sensíveis, demonstrar:	
Necessidade e finalidade do acesso, para os objetivos da pesquisa.	<p>Venho solicitar a V.Sa. autorização para que possa proceder junto aos Arquivos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo pesquisas em inquéritos referentes a casos de suicídio de jovens com idade entre 15 a 24 anos, os quais contenham cartas e bilhetes autoria daqueles que cometeram o suicídio, referentes ao período entre 2016 a 2021, pelo prazo de 90, dias, conforme os objetivos da pesquisa citados abaixo:</p> <p>Objetivo geral</p> <p>A presente pesquisa tem como objetivo geral, investigar o Suicídio de adolescentes na época atual a partir de Cartas e Bilhetes deixados por jovens que cometeram ou tentaram suicídio.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>a) Conhecer por meio da escrita as narrativas que os adolescentes produzem perante sua história e sua inserção no campo social;</p> <p>c) Verificar a relação dos adolescentes com o próprio corpo e com a escrita que registra o sofrimento;</p> <p>d) Identificar a relação destes adolescentes com o remetente a quem se endereça a carta;</p>

AD.

BRASIL
 2021



	e) Discutir sobre as possibilidades e contribuições da psicanálise e da literatura, considerando a singularidade do sujeito e sua relação a sociedade;
Relação entre os objetivos da pesquisa e os estudos de sua área de conhecimento, mediante declaração por escrito do órgão de pesquisa ou da entidade de ensino a que esteja vinculado.	<p>Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar o Suicídio de adolescentes na atualidade a partir de Cartas e Bilhetes deixados por jovens que cometeram ou tentaram suicídio. Como nos adverte Lesourd (2012) "A psicopatologia flutua no tempo histórico. Cada época, cada sociedade produz uma forma particular de distúrbios adolescentes" (LESOURD, 2012, p. 18). Conforme já formulou Freud (2011), a psicologia individual é também, psicologia social; ao passo que a constituição psíquica está intimamente ligada às formas de enlaçamentos da cultura e sociedade. Assim, serão levadas em conta as relações e contextos sócio-históricos para pensarmos as adolescências contemporâneas.</p> <p>Evocar a noção de adolescência implica em defrontamo-nos com um momento de transformações rupturas e reformulações. Já em 1923, Freud aponta que a adolescência deve ser considerada como um tempo de desconstrução-reconstrução, que se configura para além de uma simples maturação biológica (FREUD, 1923). Mais do que um fenômeno hormonal e físico, a puberdade diz de um fenômeno de corpo, um corpo em transformação que impacta no psiquismo, convocando o sujeito a reorganizar-se frente a necessidade de separação dos pais (STEVENSON, 2013).</p> <p>As mudanças frente às novas articulações sociais contemporâneas, portanto, reformulam as expressões da queixa subjetiva (LESOURD, 2012). As considerações sobre o tempo e a cultura fazem-se tão centrais na psicanálise que, assim como nos adverte Lacan (1953), o psicanalista deve renunciar de sua práxis se "não puder alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época" (Lacan, 1953 p. 322). Desta forma, seria imprudente de nossa parte, deixarmos passar o contexto sócio-histórico e político que tratamos aqui. Dunker, Silva Jr. e Safatle (2021) nos apontam para como o neoliberalismo se define como uma nova política para o sofrimento. Os autores argumentam que cada época prescreve narrativas gerenciando formas de expressão, reconhecimento e silenciamento das modalidades de sofrimento. Tal observação faz-se precisa ao observarmos a flutuação de determinados casos clínicos, que mostram-se evidentes em certos contextos históricos (DUNKER, SILVA JR e SAFATLE, 2021).</p>
Domínio do método ou técnica apropriados para a anonimização dos dados a que tenha acesso em todo e qualquer banco de dados ou autos de processos,	Esta se pretende uma pesquisa qualitativa, de natureza documental, por meio da qual serão recuperadas cartas e bilhetes, em documentos de inquérito arquivados, deixados por jovens e

PROFESSOR
MARCOS ANTONIO
P. SILVA JUNIOR



especialmente naqueles protegidos, total ou parcialmente, por sigilo ou segredo de justiça.

adolescentes entre 15 e 24 anos os quais cometeram suicídio entre os anos de 2016 a 2021, analisando a narrativa e textualidade presente nestes escritos.

De forma a viabilizar o desenvolvimento deste estudo será utilizado o testemunho em primeira pessoa dos adolescentes que, mergulhados em suas vivências, utilizaram a saída emergencial da morte para acalantar o sofrimento que tornou-se insuportável.

Ao eleger cartas e bilhetes como objeto de análise central desta pesquisa, cuida-se ao mesmo tempo em: 1) manter a narrativa do sujeito em sofrimento como referência para posteriores elaborações teóricas e reflexões; 2) atentar para os cuidados éticos e preservação daqueles que compartilham, por meio de suas narrativas, a suas histórias e dores. O epistógrafo Marcos Antonio de Moraes (2007) reconhece as cartas como espaços testemunhais - seguindo percurso criativo o autor lança mão de um olhar para a própria experiência, e ao compartilhar suas confidências e impressões, transmite a trajetória de uma vida.

Em um estudo realizado com cartas de pessoas que cometeram suicídio, Rabelo (2019) nos relata sobre o processo para acesso à estes documentos em inquéritos policiais arquivados. Conforme elucidado pela autora, para a busca documental do presente estudo, será solicitado o acesso a Inquéritos Concluídos no Tribunal de Justiça de São Paulo. A permissão para o contato com o material de análise é garantida pela lei de Acesso à Informação Nº 12.527, de 18 de Novembro de 2011, sendo estes disponibilizados para consulta após solicitação formal.

O inquérito policial trata-se de um instrumento investigativo, que tem por objetivo verificar a ocorrência ou não de um crime e seu autor, buscando a objetividade dos fatos (RABELO, 2019). De acordo com o código penal brasileiro, nos casos de mortes violentas (como acidentes, homicídios e suicídios), abre-se uma investigação para apuração da ocorrência, onde serão coletados provas como data, hora, descrição da cena onde o corpo foi encontrado, relato de testemunhas oculares e o laudo realizado por um médico legista que atestou a causa da morte. Ao final de tais apurações, o delegado realiza um relatório que deverá ser encaminhado para o ministério público, onde o promotor seguirá com uma avaliação para deliberar se há necessidade de proceder com investigações para apuração do suposto crime e sua autoria, ou - como usualmente de procede em casos de suicídio, onde não há evidências de um crime - o inquérito segue para *arquivamento* (MISSE, 2009).

Tendo em vista os objetivos propostos anteriormente, serão utilizados critérios de triagem do material coletado. Desta forma, serão coletados inquéritos correspondentes aos anos de 2016 a 2021, referentes a casos de suicídios de jovens e



	<p>adolescentes considerando-se a faixa etária entre 15 e 24 anos.</p> <p>A fim de elaborar um tratamento possível para o material coletado, remeto-me à clínica do testemunho. Assim como nos apresenta Indursky e Piccinini (2015), a clínica do testemunho no Brasil se desenvolve como uma proposta de ferramenta clínico-política de reparação psíquica à sobreviventes de tortura no período da ditadura militar. Ainda que este trabalho não se proponha a um tratamento individual, ao ler as cartas enquanto testemunho, leva-se em conta os efeitos que a morte produz no laço social "Este não se restringe ao indivíduo atingido diretamente, mas procura realizar uma ruptura na malha social, justamente por meio da erradicação de seu traço na memória coletiva" (INDURSKY E PICCININI, 2015). Entende-se assim que ao se reconhecer esse saber produzido, é possível produzir algo de uma experiência coletiva e compartilhada.</p> <p>A partir dessa perspectiva, pretendemos privilegiar os conteúdos apresentados nas cartas pelos adolescentes, em detrimento dos demais materiais jurídicos presentes nos inquéritos. Destacamos a relevância da produção daqueles que narram suas histórias por meio da escrita, a qual possibilita construção de uma história que se dá a partir do intento de nomear, destacar e pinçar fragmentos de memória, sempre de forma ficcional e lacunar (INDURSKY E PICCININI, 2015).</p> <p>Assim como destaca Costa (2018) para a psicanálise faz-se importante a distinção entre as noções de saber - e sua relação com o inconsciente - e a verdade. O saber carrega consigo os efeitos inconscientes que dão notícia de um furo no saber, o insabido. Nessa medida, a verdade passa a condicionar-se a partir da posição do sujeito no discurso, sendo por sua vez, uma verdade não toda (COSTA, 2018).</p>
<p>Existência de outros métodos ou técnicas, no caso de impossibilidade de anonimização, que impeçam a identificação das pessoas a que os dados se referem e que assegurem a proteção à intimidade, vida privada, honra, imagem, liberdades e garantias individuais.</p>	<p>A fim de firmar o compromisso ético que este estudo se propõe desde suas primeiras considerações, será assinado o Termo de Compromisso, Sigilo e Confidencialidade com o Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, viabilizando o acesso aos inquéritos arquivados. Desta forma, o estudo garante o cumprimento dos aspectos éticos e legais da portaria número 9.978/2021 publicada no dia 20 de Julho de 2021.</p> <p>Desta forma, nos comprometemos em garantir a privacidade das pessoas implicadas nesta pesquisa, sendo assim, serão ocultados os nomes envolvidos nos inquéritos aqui solicitados, por meio de pseudônimos. Demais dados que porventura possam servir para identificar os autores das cartas também serão ocultados, garantindo o cuidado e proteção necessária. De forma que os dados utilizados nesta pesquisa possam contribuir para a produção de</p>



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO
■ DIRETORIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO
Palácio da Justiça s/nº - 4º andar sala 417 - Cep: 01018-010
Telefone: 4802.9336 – 4802.9334 – e-mail: deplan@tjsp.jus.br

	conhecimento frente à um problema de saúde pública, auxiliando na formação de profissionais que atuam com a população de jovens e adolescentes.
--	---

Observação:

Artigo 5º, inciso I e inciso III, alínea "b", Portaria 9.978/2021 - Documentação comprobatória da identidade, da vinculação a órgão de pesquisa ou a entidade de ensino que possa ser considerada órgão de pesquisa e da declaração, por escrito, do órgão de pesquisa ou da entidade de ensino a que esteja vinculado, referente à relação entre os objetivos da pesquisa e os estudos de sua área de conhecimento, acima informados, deverá ser encaminhada junto deste documento, devidamente preenchido e assinado, para o e-mail pesquisastisp@tjsp.jus.br

Artigo 5º, parágrafo único, Portaria 9.978/2021 - A celebração de convênio ou outro instrumento similar somente é dispensável quando a pesquisa não demandar do Tribunal de Justiça outras atividades além do simples fornecimento dos acessos, das informações e dos dados necessários à sua realização.

São Paulo, 07 de Janeiro de 2021

Luiz Carlos Borges Bastos
Nome do(a) requerente

PALESTRA
DE
MÉTODOS
DE ENSINO

